



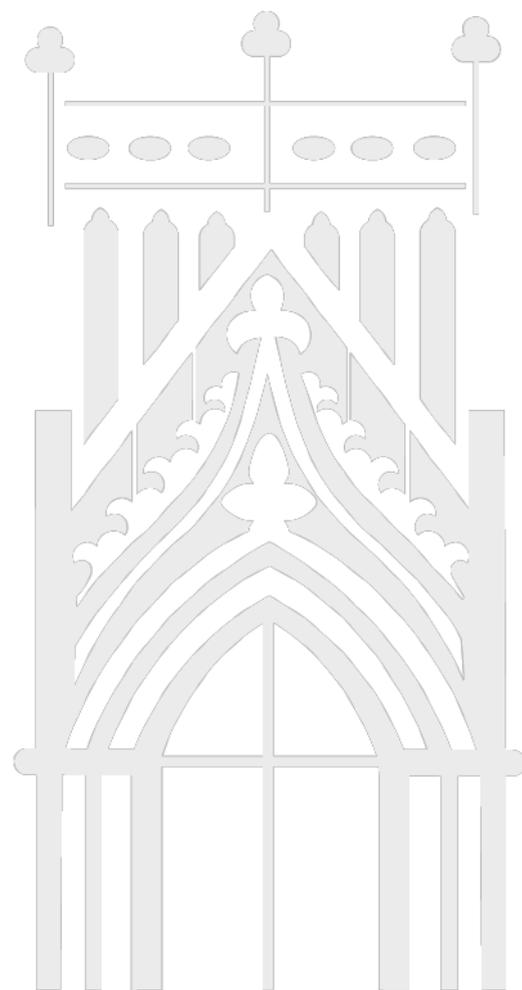
IPG Politécnico
|da|Guarda
Polytechnic
of Guarda

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio da Prática de Ensino
Supervisionada

Paula Alexandra Simões do Vale

dezembro | 2015



Escola Superior de
Educação, Comunicação
e Desporto



Instituto Politécnico da Guarda

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do
Ensino Básico

Paula Alexandra Simões do Vale

dezembro 2015



Instituto Politécnico da Guarda

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada

Paula Alexandra Simões do Vale

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do
Ensino Básico

Orientador: Professor Doutor Pedro José Arrifano Tadeu

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada, apresentado à Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto, do Instituto Politécnico da Guarda, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré – Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

AGRADECIMENTOS

No final de um percurso bastante trabalhoso, mas positivo, não só a nível pessoal como profissional, é com grande satisfação e gratidão que manifesto o mais profundo agradecimento a todos aqueles que devido ao incentivo e apoio contribuíram para a realização do meu objetivo profissional.

Desta forma começo por agradecer ao Professor Doutor Pedro José Arrifano Tadeu, não só pela sua orientação, sugestão mas também a ajuda na concretização deste trabalho.

Igualmente aos docentes da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda em especial às professoras coordenadoras da Prática de Ensino Supervisionada, Professora Doutora Filomena Velho e Professora Doutora Florbela Antunes.

Quero ainda agradecer à coordenadora de estabelecimento do CES professora Ana Isabel Felgosa, pela oportunidade que me deu em realizar a PES nas instalações do CES e pelas facilidades proporcionadas ao nível do horário letivo.

De igual forma agradeço à educadora cooperante Filomena Freitas pelo apoio no decorrer do meu percurso, e à professora cooperante Virgínia Almeida por todo o conhecimento que partilhou comigo ao longo do meu estágio.

O meu agradecimento à educadora Margarida Cavaleiro não só pela disponibilidade, mas pelo contributo para este trabalho.

Quero agradecer a todas as crianças/alunos da sala dos 4/5 anos e do 1º B dos CES, com os quais foi um privilégio APRENDER.

Agradeço ainda a todos os meus colegas de curso, em especial à Dulce Moura pela ajuda prestada nos momentos difíceis de maior ansiedade e desanimo.

De igual forma agradeço ao amigo Tó, pela sua receptividade e cooperação para este trabalho.

Um agradecimento muito especial à minha família (pai, mãe, sogra e cunhado) pelo apoio e ajuda imprescindível.

Aos meus filhos, Sara e Miguel, o meu muito obrigado, pela compreensão da minha ausência em momentos tão importantes para eles.

Por último, e como os últimos são os primeiros, não existindo palavras que consigam retratar a dimensão do meu agradecimento ao meu marido Joaquim, por todos os momentos em que desempenhou o papel de pai e mãe. A minha enorme gratidão pelo seu companheirismo, compreensão e apoio.

RESUMO

O presente relatório final de Prática de Ensino Supervisionada (PES), integrado no Mestrado em Educação Pré-escolar e ensino do 1º ciclo do Ensino Básico 1º CEB, do Instituto Politécnico da Guarda- Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto, apresenta o trabalho desenvolvido ao longo da PES. A PES foi um processo que proporcionou-me enquanto professora estagiária, um desenvolvimento humano e profissional, tendo como objetivo principal a aquisição de práticas de ensino, e resolução de problemas que possam surgir no futuro enquanto docente.

Este relatório, em conformidade com o regulamento interno da PES, divide-se em três capítulos distintos mas complementares.

O primeiro capítulo refere-se ao Enquadramento Institucional Organização e Administração Escolar e à caracterização Socio económica e psicopedagógica das turmas onde foi realizada a PES. Sendo, referida a PESI, realizada na sala dos 4/5 anos do jardim-de-infância do Centro Escolar de Seia e a PESII, realizada numa sala do 1º ano de Centro Escolar de Seia, pertencendo ao Agrupamento de Escolas Guilherme Correia de Carvalho.

No segundo capítulo são descritos os processos das PES, no que respeita à Educação Pré - Escolar e aos 1º CEB, abordando as diferentes áreas e situações de ensino aprendizagem planificadas durante o seu desenrolar.

O terceiro capítulo terá como título “Trabalhar com os números na Educação Pré-Escolar”. Será explorada a área da matemática tendo especial atenção aos números e operações, visto colmatar algumas lacunas ao nível do raciocínio lógico que foram detetadas na PESI, para isso serão realizadas algumas atividades pedagógicas para a superação das mesmas.

Palavras-chave: Prática de Ensino Supervisionada, Educação Pré-Escolar, Matemática.

ABSTRACT

The present report of Supervised Teaching Practice (STP), integrated into the master's degree in Pre-School Education and Teaching of the First Cycle of Basic Education (1st CBE), in the Polytechnic Institute of Guarda, School of Education, Communication and Sports, presents the work developed along the STP. The STP has been a process that has provided me as a teacher intern, human and professional development, having as main objective the acquisition of teaching practices, and the resolution of problems that may arise in the future as a teacher.

This report, in accordance with the rules of procedure of the STP, is divided into three distinct but complementary chapters.

The first chapter refers to the institutional organisation and school administration and socio-economic characterization and psychopedagogical class where the STP. Being referred to the STPI, held in the 4/5 years of kindergarten of the School Centre of Seia and STPII, held in the first year of School Centre of Seia, belonging to the Group of Schools Guilherme Correia de Carvalho.

In the second chapter are described the processes of the PES, as regards Pre-School Education and the 1stCBE, addressing the different areas and situations of teaching learning planned for his conduct.

The third chapter will have the title "Working with numbers in Preschool Education". Will be explored the area of mathematics in the field of numbers and operations, since some gaps in terms of logical reasoning were detected are performed for this PESI some pedagogical activities for overcoming them.

Keywords: Supervised teaching Practice, Pre-School Education, Mathematics.

LISTA DE ABREVIATURAS

PES – Prática de Ensino Supervisionada

CES – Centro Escolar de Seia

1ºCEB – 1º Ciclo do Ensino Básico

CAF – Componente de Apoio à Família

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

OCP – Organização Curricular e Programas

AEC – Atividades de Enriquecimento Curricular

AEGCC – Agrupamento de Escolas Guilherme Correia de Carvalho

IPSS - Instituição Particular de Solidariedade Social

ATL - Associação de Tempos Livres

CISE – Centro de Interpretação da Serra da Estrela

CESR- Centro Escolar de São Romão

BE - Biblioteca Escolar

PPEB – Programa de Português de Ensino Básico

PMEB – Programa de Matemática de Ensino Básico

ESECD – Escola Superior de Educação Comunicação e Desporto

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL: ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR.....	2
1. ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL: ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR.....	3
1.1. Caraterização do meio envolvente	5
1.2. Caraterização da cidade de Seia	6
1.3. Caraterização do Agrupamento de Escolas Guilherme Correia de Carvalho.....	8
1.4. Caraterização do Centro Escolar de Seia	9
1.4.1. Dados da instituição	11
1.4.2. Caraterização e organização do ambiente educativo no pré-escolar	11
1.4.2.1. Do estabelecimento educativo	11
1.4.2.2. Do espaço e materiais	12
1.4.2.3. Da equipa	13
1.4.2.4. Do tempo	13
1.4.2.5. Caraterização do grupo	13
1.4.2.5.1. Desenvolvimento linguístico	16
1.4.2.5.2. Desenvolvimento motor	16
1.4.2.5.3. Caraterísticas sócio comportamentais.....	17
1.4.2.5.4. Caraterização sócio económica	17
1.4.3. Caraterização e organização do ambiente educativo no 1º ciclo	19
1.4.3.1. Do estabelecimento educativo	19
1.4.3.2. Do espaço e materiais	19
1.4.3.3. Da equipa.....	20
1.4.3.4. Do tempo	21
1.4.3.5. Definições de prioridades e estratégias	21
1.4.3.6. Relação escola - comunidade	21
1.4.3.7. Avaliação	21
1.4.3.8. Caraterização da sala de aula	22
1.4.3.9. Caraterização da turma	23
1.4.3.9.1. Caraterísticas socio comportamentais	27
1.4.3.9.2. Caraterização socio económica.....	30

CAPÍTULO II: DESCRIÇÃO DO PROCESSO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	32
2. DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	33
2.1. Contexto institucional	35
2.2. Experiência da Prática de Ensino Supervisionada na Educação Pré-escolar	36
2.2.1. Área de Formação Pessoal e Social	36
2.2.2. Área de expressão e comunicação	39
2.2.2.1. Domínio da expressão motora	39
2.2.2.2. Domínio da expressão dramática	41
2.2.2.3. Domínio da expressão plástica	42
2.2.3. Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	44
2.2.4. Domínio da matemática	45
2.2.5. Área do conhecimento do mundo	47
2.3. Experiência da Prática de Ensino Supervisionada no 1º CEB	49
2.3.1. Expressões	50
2.3.1.1. Expressão e Educação físico motora	50
2.3.1.2. Expressão e Educação Musical	52
2.3.1.3. Expressão e Educação Dramática	52
2.3.1.4. Educação e Expressão Plástica	53
2.3.2. Estudo do Meio	55
2.3.3. Área do Português	57
2.3.4. Matemática	59
REFLEXÃO CRÍTICA	61
CAPÍTULO III: TRABALHAR COM OS NÚMEROS NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	63
3. INTRODUÇÃO	64
3.1. Contexto de estudo	66
3.2. Enquadramento teórico	67
3.3. Desenvolver o sentido de número	69
3.4. Contagem oral/objetos	71
3.4.1. Princípios da contagem:	72
3.4.2. Princípios da construção de relações numéricas:	72
3.5. Tarefas	72
3.5.1. Primeira tarefa – exploração do livro (todas as idades)	74
3.5.2. Segunda tarefa- exploração do jogo em power point (quatro anos)	75
3.5.3. Terceira tarefa – realização e registo do jogo “Vamos procurar ovos da Páscoa”	76
3.5.4. Quarta tarefa- brincar com ovos (cinco anos)	79

3.6. Reflexão sobre as aprendizagens matemáticas dos alunos	82
3.7. Reflexão sobre as aprendizagens do educador/ professor	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
CONCLUSÃO	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
ANEXOS	93
APÊNDICES	96

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Concelhos do distrito da guarda.....	5
Figura 2- Cidade de Seia	6
Figura 3- Agrupamento de Escolas Guilherme Correia de Carvalho	8
Figura 4- Centro Escolar de Seia	9
Figura 5- Espaço exterior do Jardim de Infância.....	10
Figura 6- Espaço exterior do 1º CEB	10
Figura 7- Salão polivalente pequeno	11
Figura 8- Refeitório.....	11
Figura 9- Biblioteca do CES	12
Figura 10- Polivalente grande.....	12
Figura 11- Sala de atividades	13
Figura 12- Biblioteca do CES	20
Figura 13- Sala de Atividades.....	23
Figura 14- Sala de Atividades.....	23
Figura 15- Uma das regências efetuadas.....	23
Figura 16- Realização do nariz vermelho (alunos do CES)	37
Figura 17- Socialização entre os alunos do CES	37
Figura 18- Realização de um smile (alunos do pré-escolar)	37
Figura 19- Atividade de Motricidade Global.....	39
Figura 20- Atividade de Motricidade Fina	39
Figura 21- Dramatização da canção do "Coelhinho"	41
Figura 22- Dramatização do dia do pai	41
Figura 23- Dramatização de um batizado.....	41
Figura 24- Atividade de expressão plástica (desenho)	42
Figura 25- Atividade de expressão plástica (pintura)	42
Figura 26- Atividade de expressão musical (dança)	43
Figura 27- Atividade de expressão musical	43
Figura 28- Atividade de abordagem à escrita	45
Figura 29- Atividade de leitura	45
Figura 30- Atividade de matemática (classificação quanto à cor).....	46
Figura 31- Atividade de matemática (formas geométricas)	46
Figura 32- Atividade de matemática com folhas naturais	47
Figura 33- Observação de dois vulcões	48
Figura 34- Confeção de pão.....	48
Figura 35- Presença de um animal (coelho)	49
Figura 36- Cantar as janeiras	52
Figura 37- Dramatização de uma canção	53
Figura 38- Canção mimada	53
Figura 39- Atividade plástica, letra "P"	54
Figura 40- Pintura da cara do Pai Natal	54
Figura 41- Dramatização da canção	55
Figura 42- Enfeite do pinheiro de Natal	55
Figura 43- Boneco de neve de sal.....	56
Figura 44- Gráfico de barras de animais.....	60
Figura 45- Grelha de Resultados	60

Figura 46- Ficha de consolidação sobre os gráficos.....	61
Figura 47- História explorada	74
Figura 48- Jogo em power-point	75
Figura 49- Caça aos ovos "dentro da caixa dos lápis"	76
Figura 50- Caça aos ovos "atrás dos blocos lógicos"	76
Figura 51- Registo dos ovos encontrados.....	77
Figura 52- Elaboração do pictograma.....	78
Figura 53- Nome do pictograma.....	78
Figura 54- Criança a retirar os ovos do saco.....	80
Figura 55- Brincar com os ovos	80
Figura 56- Contagem da totalidade dos ovos.....	81

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- População do concelho de Seia (1801-2011).....	7
tabela 2- Distribuição do grupo do pré-escolar.....	14
Tabela 3- Distribuição das crianças por área de residência.....	18
Tabela 4- Resultados da avaliação diagnóstica (setembro 2014).....	24
Tabela 5- Horário escolar	25
Tabela 6- Distribuição do grupo por idades	26
Tabela 7- Distribuição do grupo por género.....	27

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1- meio familiar	15
Gráfico 2- habilitações dos pais dos alunos do grupo	18
Gráfico 3- Meio Familiar dos alunos.....	27
Gráfico 4- Centro de interesses/áreas fortes	28
Gráfico 5- Dificuldades de aprendizagem/áreas fracas	29
Gráfico 6- Atividades extracurriculares	30
Gráfico 7- Habilitações literárias dos pais	30

INTRODUÇÃO

A elaboração do presente relatório de estágio surge no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), inserida no plano de estudos da Escola Superior da Educação Comunicação e Desporto (ESECD), enquadrada no curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (1ºCEB).

A PES visa a integração do educador/ professor estagiário no exercício desta profissão de forma progressiva e orientada, tendo como objetivo principal a aquisição de práticas de ensino, e resolução de problemas que possam surgir no futuro enquanto docente.

O corpo estrutural deste relatório divide-se em três capítulos distintos mas complementares. Assim, o primeiro capítulo referir-se-á ao “Enquadramento Institucional- Organização e Administração Escolar” organizado em duas partes, a primeira remete para a organização do Sistema Educativo, e a segunda para a contextualização da prática profissional onde é tido em conta o meio envolvente das instituições de estágio, a caracterização das escolas como espaço educativo, e para finalizar caracterização da salas e das turmas de estágio.

O segundo capítulo contemplará a descrição do processo da prática de ensino supervisionada, mencionar-se-á os processos da PES, no que respeitará à Educação Pré-Escolar e ao 1º CEB, abordar-se-á as diferentes áreas e as diferentes situações de ensino e aprendizagem planificadas durante o seu desenrolar, seguir-se-á uma reflexão/ autoavaliação das PESI e PESII.

No terceiro capítulo, relatar-se-á o problema detetado, a metodologia aplicada, bem como o grupo envolvido, os instrumentos e técnicas utilizadas para superar o problema exposto.

O presente documento culminará com as considerações finais, com a conclusão e a bibliografia de suporte.

CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL: ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

1. ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL: ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

Atualmente, a organização do sistema de ensino português cabe ao Ministério da Educação e Ciência, sob o comando de um ministro e seus secretários de estado: da Ciência, do Ensino e Administração Escolar, do Ensino Básico e Secundário e do Ensino Superior. Este ministério tem por objetivo definir, coordenar, executar e avaliar as políticas de educação, do ensino básico ao ensino superior, e da ciência, sendo também responsável pela qualificação e formação profissional.

A Educação é um aspeto crucial e fundamental para toda e qualquer sociedade, determinando o futuro do país e gerando igualdade de oportunidades para as gerações futuras. O Governo de Portugal assume a Educação como serviço público universal e defende como princípios o esforço, a disciplina e a autonomia.

O Sistema Educativo português *é o conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente ação formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade* a lei de base do sistema educativo (LBSE art.1º, 2), encontra-se dividido em dois ramos: o normal e o destinado aos adultos. O normal destina-se às crianças e jovens, inclui o pré-escolar, o ensino básico e o ensino secundário; o destinado aos adultos, inclui o ensino pós secundário que integra a educação e formação de adultos.

A Educação Pré-escolar é a primeira etapa na Educação Básica que vem contemplar a ação educativa da família com a qual se deve estabelecer uma estreita ligação e colaboração, favorecendo assim a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo como objetivo a plena inserção desta na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.

Assim, a Educação Pré-Escolar tem como objetivos:

Estimular as capacidades de cada criança e favorecer a sua formação e o desenvolvimento equilibrado de todas as suas potencialidades; contribuir para a estabilidade e a segurança afectivas da criança, (...) desenvolver a formação moral da criança e o sentido da responsabilidade, (...) desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança, assim como a imaginação criativa, e estimular a actividade lúdica, inculcar hábitos de higiene e de defesa da saúde pessoal e educativa (LBSE, 2005, artigo 5º).

Estes objetivos devem ser adaptados a cada grupo/aluno e adequados à articulação com o meio familiar do mesmo.

Segundo o Ministério da Educação, os estabelecimentos de Educação Pré-Escolar incrementam várias atividades para o desenvolvimento do aluno, sendo estas: atividades educativas, da responsabilidade do educador de infância e que têm a duração de 5 horas diárias;

atividades de componente de apoio à família (CAF), da responsabilidade das autarquias (inclui prolongamento de horário e serviço das refeições).

Estas atividades educativas têm como referência as OCEPE pela qual o educador de infância se orienta decidindo assim o processo educativo a desenvolver com os alunos. Assim sendo, as OCEPE *constituem um conjunto de princípios para apoiar o educador nas decisões sobre a prática, ou seja, para conduzir o processo educativo a desenvolver com as crianças*, isto é, OCEPE são um guia para o educador e não um programa porque *adotam uma perspetiva mais centrada em indicações para o educador do que na previsão de aprendizagens a realizar pelas crianças* (DGIDC, 2007, pág. 13).

O 1º ciclo do Ensino Básico inclui quatro anos de escolaridade, alunos com idades compreendidas entre os seis e os dez anos. O horário semanal dos alunos, de acordo com o Ministério da Educação, integra:

- Áreas Curriculares, com a carga de 25 horas semanais;
- Atividades de Enriquecimento Curricular (inclui, obrigatoriamente, a aprendizagem do Inglês, Música e apoio ao estudo).

Neste nível de escolaridade, existe apenas um professor para cada turma, em regime de monodocência.

As áreas curriculares obrigatórias são o Português, a Matemática, Estudo do Meio e as Expressões (plástica, dramática, musical e físico motora). Tal como preconiza a LBSE, o Ensino Básico deve:

Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social (LBSE, Art.7º, a) e proporcionar a aquisição dos conhecimentos basilares que permitam o prosseguimento de estudos ou a inserção do aluno em esquemas de formação profissional, bem como facilitar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, valorizando a dimensão humana do trabalho (idem, Art.7º, e).

As instituições de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCEB onde decorreu o estágio, na cidade de Seia, pertencem ao mesmo agrupamento de escolas (Guilherme Correia de Carvalho) que pretende: promover um reforço progressivo da autonomia e a maior flexibilização organizacional e pedagógica das escolas, condições essenciais para a melhoria do sistema público de educação, reconhecendo o agrupamento como uma unidade organizacional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, constituída pela integração de estabelecimentos

de educação pré-escolar e escolas de diferentes níveis e ciclos de ensino (Decreto-Lei nº137/2012 de 2 de julho, artigo 6º).

Como tal, cada agrupamento redige, anualmente, um projeto educativo, projeto curricular, regulamento interno e plano anual de atividades, comum a todas as instituições que nele se incluem. Por sua vez, o projeto curricular de turma é um documento mais individualizado, uma vez que é realizado pelo educador/professor responsável por cada grupo/turma.

1.1. Caracterização do meio envolvente

Portugal é um país pertencente ao continente europeu, localizado no hemisfério norte e no extremo sudoeste da Península Ibérica. Faz fronteira com Espanha, a norte e a este, e com o oceano Atlântico, a oeste e a sul. Possui 92 152 km², incluindo uma parte continental (Portugal Continental, com 89 045 km²) e uma parte insular (arquipélagos dos Açores, com 2322 km², e da Madeira, com 785 km²). A sua organização administrativa é constituída por 2 Regiões Autónomas (Açores e Madeira) e 18 distritos (Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Bragança, Porto, Aveiro, Viseu, Guarda, Coimbra, Castelo Branco, Leiria, Santarém, Lisboa, Portalegre, Setúbal, Évora, Beja e Faro), que se dividem em concelhos e estes, por sua vez, em freguesias.

O distrito da Guarda é constituído por 14 concelhos (Figura 1): Vila Nova de Foz Côa, Figueira de Castelo Rodrigo, Meda, Pinhel, Almeida, Trancoso, Aguiar da Beira, Fornos de Algodres, Celorico da Beira, Gouveia, Guarda, Sabugal, Seia, Manteigas e Vila Nova de Foz Côa.



FIGURA 1- CONCELHOS DO DISTRITO DA GUARDA

(Fonte: www.mapadeportugal.net/distrito.asp?n=guarda)

1.2. Caraterização da cidade de Seia



FIGURA 2- CIDADE DE SEIA

(Fonte: www.facebook.com/noticiasdeseia/photos/)

A cidade de Seia pertence ao Distrito da Guarda, Região Centro e Sub-região da Serra da Estrela, sendo a maior cidade da sub-região da Serra da Estrela e segunda maior do Distrito da Guarda.

Situado na vertente ocidental da Serra da Estrela, o concelho de Seia é formado por 29 freguesias e 115 lugares. Ocupando uma área de 435,7 km², pertence administrativamente ao distrito da Guarda e, de acordo com os censos de 2011, tem uma população de 24.641 habitantes.

O concelho de Seia é limitado a norte pelos municípios de Nelas e Mangualde, a nordeste por Gouveia, a leste por Manteigas, a sudeste pela Covilhã, a sudoeste por Arganil e a oeste por Oliveira do Hospital. A sede do concelho de Seia situa-se a 550 metros de altitude, próximo do ponto mais alto de Portugal Continental, a Torre, na Serra da Estrela, com 1993 metros de altitude.

A cidade terá sido fundada pelos Túrdulos nos anos 450 a 300 A.C e, após diversos períodos de ocupação, acabou por receber o seu primeiro foral no ano 1136 por D. Afonso Henriques.

Aproveitando os abundantes recursos fluviais e geográficos, a cidade cedo ficou ligada aos lanifícios. No presente assume-se como pólo regional dinamizador nas vertentes culturais, turísticas e económicas. Contribui para esta realidade a sua rica gastronomia, a paisagem única da Serra da Estrela e o espírito incansável das suas gentes.

Encontra-se implantada numa área pertencente ao Parque Natural da Serra da Estrela, caraterizada por uma paisagem montanhosa e de rara beleza e com muito frio no inverno,

embora com menos dias de neve, na maioria das povoações, do que seria de esperar, dada a altitude a que se encontra grande parte do concelho.

Embora tenha descrito tanta perfeição, a minha cidade está longe de ser perfeita. Seia, tem sofrido um decréscimo gradual da população nas últimas quatro décadas, como se pode verificar na tabela seguinte.

População do concelho de Seia (1801 – 2 011)								
1801	1849	1900	1930	1960	1981	1991	2001	2011
9 993	14 557	31 929	31 283	34 436	31 352	30 362	28 144	24 641

TABELA 1- POPULAÇÃO DO CONCELHO DE SEIA (1801-2011)

(fonte: censos.ine.pt).

Este município tem características bastantes distintas no que diz respeito ao seu desenvolvimento social e económico.

Existem, aproximadamente, trinta Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) que cobrem valências de ATL, Centro de Atividades Ocupacionais, Creche, Jardim-de-Infância, Lar de Idosos, Centro de Dia, e Serviço de Apoio Domiciliário.

Neste concelho existe desemprego, consequência sobretudo de uma alteração no seu tecido empresarial, essencialmente baseado no setor têxtil, onde encerraram importantes empresas que empregavam centenas de pessoas.

A reconversão do tecido empresarial foi-se fazendo com a deslocação para os serviços e com o aparecimento de um número significativo de pequenas empresas do setor da restauração e do setor da reparação automóvel, bem como com o crescimento do setor do fabrico do queijo da Serra da Estrela e dos enchidos.

O concelho conta com inúmeras unidades e estabelecimentos no município, em contexto cultural, sendo de destacar o Conservatório de Musica, o Museu do Pão, o Museu Natural da Eletricidade, a Biblioteca Municipal, a Casa Municipal da Cultura que engloba o Cíneteatro, Centro de Interpretação da Serra da Estrela (CISE), a Ludoteca, o Museu do Brinquedo, o Salão de Congressos e Galerias Municipais para Exposições, Posto de Turismo.

Outras infraestruturas relevantes existentes, ao nível do desporto e do lazer, são o Complexo Desportivo (Estádio Municipal de Seia), Parque Municipal, a Estância de Esqui, o Gimnodesportivo Municipal, Piscinas Descobertas e um Complexo de Piscinas Cobertas.

Existem, igualmente, 26 Associações Desportivas, 42 Associações Recreativas, 5 Ranchos Folclóricos, 2 Orfeões, 10 Grupos de Cantares e 7 Bandas Filarmónicas, perfazendo um total de 92 Associação no concelho.

1.3. Caracterização do Agrupamento de Escolas Guilherme Correia de Carvalho



FIGURA 3- AGRUPAMENTO DE ESCOLAS GUILHERME CORREIA DE CARVALHO

(Fonte: www.prof2000.pt/users/eb23seia/site%20antigo/e_introd.htm)

O Agrupamento de Escolas Guilherme Correia de Carvalho (AEGCC) foi criado no final do ano letivo 2010/2011, em 1 de agosto de 2011 e homologado por despacho de sua Ex^a o Secretário de Estado da Educação, de 5 de julho de 2010, conforme comunicação da Direção Regional de Educação do Centro; possui uma estrutura vertical abrangendo estabelecimentos desde a Educação Pré-Escolar ao 3º CEB.

O AEGCC é constituído pela Escola EB 2,3 Dr. Guilherme Correia de Carvalho, Escola Sede, onde funcionam o 2º e 3º ciclo; a Escola Abranches Ferrão; a Escola Dr. Reis Leitão; a Escola Tourais – Paranhos; as Escolas básicas de Seia (CES); de São Romão (CESR); Escola da Vide e Torroselo integram o pré-escolar e o 1º ciclo e em Sandomil o pré-escolar e o 1º ciclo funcionam em edifícios separados.

Fisicamente é constituído, por 4 pavilhões, três dos quais com rés-do-chão e 1º piso, identificados pelas letras A, B, C e D e rodeados por vários espaços verdes e superfícies arborizadas. Dispõe ainda de uma sala fora dos pavilhões, onde funciona o gabinete do aluno, uma oficina de manutenção, uma central de aquecimento interno, um espaço aberto para a prática desportiva e do usufruto de um ginásio e de uma piscina aquecida, pertencentes ao Município e utilizados pela comunidade e pelos alunos e professores da escola, segundo um protocolo assinado pela Câmara Municipal de Seia e pelo Ministério da Educação.

Para o desenvolvimento da atividade letiva dispõe de 16 salas de aula normais, 2 salas de informática, 4 salas que servem de laboratório para as disciplinas de Ciências Naturais, Ciências da Natureza e Físico-Química, uma sala específica para cada uma das disciplinas: Educação Musical, Educação Visual, Educação Visual e Tecnológica e Educação Tecnológica, uma sala

para Pintura e Cerâmica e uma sala dedicada à Unidade de Ensino Estruturado para Alunos com Perturbações do Espectro do Autismo.

Dispõe ainda de:

- Dois gabinetes para a Direção, um gabinete dos serviços de Psicologia e Orientação Vocacional e três gabinetes de trabalho;
- Espaços para o funcionamento dos serviços: biblioteca, cozinha, refeitório, bufete, reprografia, papelaria e administrativos.
- Espaço para convívio de alunos, de professores e do Pessoal Não Docente.

Pelos pavilhões B, C e D estão espalhados cacifos para alunos, enquanto no pavilhão A se situam os cacifos dos professores.

Todas as salas e compartimentos estão dotados de convetores de aquecimento central.

Os corredores entre os pavilhões são cobertos, mas não têm paredes laterais, o que os torna muito vulneráveis aos rigores do Inverno.

Além destes recursos, a escola dispõe de material técnico de suporte à atividade docente, nomeadamente, um computador em cada sala e nos gabinetes, 7 computadores na sala dos professores, computadores portáteis, videoprojetores em todas as salas, quadro interativos em 7 salas.

O acesso aos serviços faz-se com a utilização de um cartão magnético.

1.4. Caraterização do Centro Escolar de Seia



FIGURA 4- CENTRO ESCOLAR DE SEIA

(Fonte: www.tophl.com/Images/Thumb/084f1877-b0af-43d4-a7963dfc6a252e8.jpg)

O Centro Escolar de Seia foi inaugurado em Setembro de 2009 e integra num único edifício o jardim-de-infância e as três escolas do 1º ciclo anteriormente existentes em Seia.

Está localizado na área adjacente à escola sede do Agrupamento e é constituído por dois pisos, unidos por uma área cilíndrica na qual funciona o salão polivalente e que é o nó de distribuição no funcionamento interno.

A forma do edifício, em “L”, permite a distribuição das valências destinadas ao pré-escolar e 1º ciclo em duas alas diferentes mas ligadas entre si pelos espaços de utilização comum e átrios: na primeira ala dividida em dois pisos estão localizadas:

“Piso superior, nove salas de atividades, das quais: em seis funcionam as turmas do 1º e 2º ano do 1º ciclo; uma está a ser utilizada como sala de informática, uma destinada à Unidade de Ensino Estruturado e uma de apoio/reuniões/outras atividades; um gabinete de trabalho que está destinado à terapia da fala; instalações sanitárias de alunos e instalações sanitárias de adultos”.

“Piso inferior, oito salas de atividades, nas quais funcionam as turmas do 3º e 4º ano do 1º ciclo; um gabinete de trabalho de professores/educadores; um gabinete destinado à associação de pais e atendimento aos encarregados de educação; um gabinete da coordenação e um gabinete destinado à receção/reprografia e PBX; instalações sanitárias de alunos e instalações sanitárias de adultos”.

A segunda ala alberga no:

“Piso superior, quatro salas do ensino pré-escolar, e um pequeno salão polivalente, sala de professores/educadores, biblioteca, instalações sanitárias de alunos e instalações sanitárias de adultos”.

“Piso inferior, salas de apoio geral tais como: refeitório, cozinha, vestiários, instalações sanitárias para alunos e adultos com mobilidade condicionada, arrumos e central térmica”.

“Existe ainda, num piso mais térreo um auditório e arrumos”.

“O espaço exterior está dividido, em dois patamares, onde se localizam os recreios que contemplam áreas ajardinadas, equipamentos lúdicos e campo de jogos”.



FIGURA 5- ESPAÇO EXTERIOR DO JARDIM DE
INFÂNCIA
(Fonte: própria)



FIGURA 6- ESPAÇO EXTERIOR DO 1º CEB
(Fonte: própria)

1.4.1. Dados da instituição

Morada do Centro Escolar de Seia: Rua das Tílias 6270- 546 Seia

Telefone: 238 320600 Fax:238 320609

Email: anafelgosa@hotmail.com

Encarregado(a) de coordenação do estabelecimento: Ana Isabel Tavares Felgosa Cardoso

1.4.2. Caracterização e organização do ambiente educativo no pré-escolar

1.4.2.1. Do estabelecimento educativo

O momento de acolhimento é feito no salão polivalente até as nove horas com atividades diversificadas.



Figura 7- Salão polivalente pequeno
(Fonte: própria)

Às dez horas todos os alunos do jardim-de-infância reúnem no refeitório para o lanche da manhã. O mesmo acontece as quinze e quarenta e cinco minutos para o lanche da tarde, como também para a realização das festas de aniversário.



FIGURA 8- REFEITÓRIO
(Fonte: própria)

Uma vez por semana têm expressão físico-motora no salão polivalente grande e uma atividade na biblioteca do centro escolar.



FIGURA 9- BIBLIOTECA DO CES
(Fonte: própria)



FIGURA 10- POLIVALENTE GRANDE
(Fonte: própria)

O restante tempo é passado na sala de atividades.

A maioria dos alunos usufrui da componente de apoio à família (almoço e prolongamento) utilizando o salão polivalente e refeitório do centro escolar.

1.4.2.2. Do espaço e materiais

Como afirmam (Pol e Morales 1982, p.5)

O espaço jamais é neutro. A sua estruturação, os elementos que o formam comunicam ao indivíduo uma mensagem que pode ser coerente ou contraditória com o que o educador quer fazer chegar à criança. O educador não pode conformar-se com o meio tal como lhe é oferecido, deve comprometer-se com ele, deve incidir, transformar, personalizar o espaço onde desenvolve a sua tarefa, torná-lo seu, projectar-se, fazendo deste espaço um lugar onde a criança encontre o ambiente necessário para desenvolver-se.

A organização do espaço da sala de atividades é adotada às necessidades dos alunos. Desta forma o espaço está organizado por áreas temáticas, que podem ser alteradas consoante os interesses do aluno. As áreas definidas são: área da casinha, dos jogos, dos livros, da matemática, da escrita, da pintura, sendo a área da modelagem montada e desmontada consoante o interesse do aluno no momento.

São espaços abertos dentro da própria sala, cuja organização e decoração resulta de um trabalho conjunto de todos os intervenientes (alunos, educadora e assistente operacional).

Os materiais são adequados e encontram-se em bom estado de conservação, no que concerne ao espaço interior (diversidade em quantidade e qualidade do material ludo-didático e ao espaço exterior (baloços, escorrega, cantinho da areia).



FIGURA 11- SALA DE ATIVIDADES
(Fonte própria)

1.4.2.3. Da equipa

A equipa é constituída por quatro lugares de educadoras com horário letivo e uma educadora (animadora) com horário não letivo cujas funções são direcionadas à CAF. Existem quatro assistentes operacionais de apoio às salas e três a desempenharem funções de apoio à família, à hora de almoço e à tarde.

1.4.2.4. Do tempo

O período da manhã engloba dois momentos, sendo um antes do lanche em que o grande grupo reúne para dialogar e outro depois do lanche em que é desenvolvida uma atividade orientada e diferentes atividades livres do interesse do aluno. O período da tarde engloba apenas um momento que se divide em duas partes. Na primeira parte o grupo reúne de novo para dialogar, havendo sempre uma atividade orientada. A segunda parte funciona com atividades livres.

1.4.2.5. Caraterização do grupo

A caraterização do grupo em geral baseia-se nos dados recolhidos das fichas de inscrição e fichas de renovação de matrícula, preenchidas pelos encarregados de educação e por alguns dados cedidos pela educadora cooperante.

Para fundamentar a caracterização deste grupo pertencente à faixa etária dos 4/5anos, tive como apoio a Teoria Cognitiva apresentada por Piaget e, posteriormente, baseei-me em alguns autores, como Papalia, Olds e Feldman que apoiam essa teoria e explicam o desenvolvimento pessoal, social e cognitivo da criança de uma forma mais pormenorizada.

Segundo Piaget (1997) a Teoria Cognitiva integra quatro estádios de desenvolvimento: o estádio Sensório-Motor (0-2 anos), o estádio Pré-Operatório (2-7 anos), o estádio Concreto (7-12 anos), e o estádio Formal (a partir dos 12 anos). Como estou com um grupo de 4/5 anos, os alunos que o constituem encontram-se no estádio Pré-Operatório (2-7 anos) que se caracteriza pelo aparecimento da função simbólica. Este fator permite agir sobre as coisas, compreender os esquemas de ação em representações e efetuar imitações retardadas.

O estádio pré operatório divide-se em dois subperíodos: o período pré-conceptual (2-4 anos) e o intuitivo (4 –7 anos). Apesar de alguns alunos já terem feito os 4 anos, também existem outros que já fizeram 5 anos, daí o grupo encontrar-se num estádio de transição entre dois subperíodos referidos.

O grupo é constituído por vinte e um alunos com idades compreendidas entre 4/5 anos, sendo nove destes de 4 anos e doze de 5 anos, mais propriamente doze alunos do sexo feminino e nove do sexo masculino.

Idade	Masculino	Feminino	Total
4 Anos	5	4	9
5 Anos	4	8	12

TABELA 2- DISTRIBUIÇÃO DO GRUPO DO PRÉ-ESCOLAR

Refiro um grupo heterogéneo, com interesses, motivação e ritmos de desenvolvimento diferentes.

A nível comportamental, por vezes, verifica-se alguma instabilidade e alguma impulsividade entre os pares. Este tipo de comportamento é justificado em parte pelo facto de se tratar de um grupo heterogéneo e a maioria das crianças serem filhos únicos.

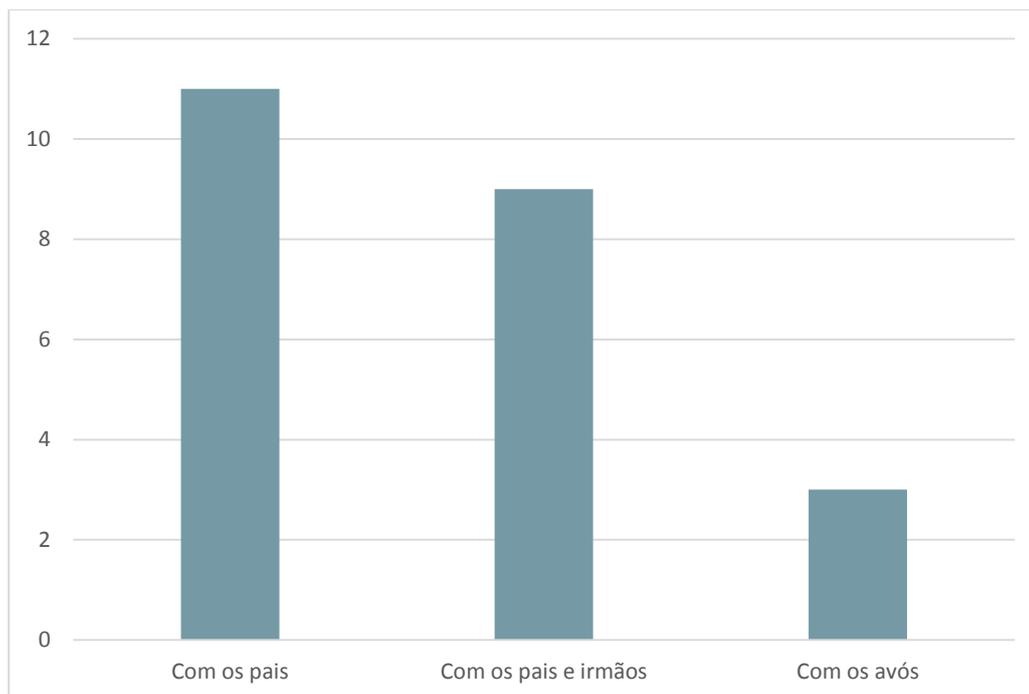


GRÁFICO 1- MEIO FAMILIAR

Os alunos mais velhos ajudam os mais novos no desempenho de atividades. A cooperação referida pode ser justificada, segundo Papalia Olds e Feldman (2001) pelo progressivo decréscimo do pensamento egocêntrico. Os alunos começam a compreender que as suas ações podem afetar as pessoas à sua volta, pois na brincadeira de jogos a pares, ou em grande grupo, o aluno aprende a esperar pela sua vez, a respeitar a vez do outro jogar, a compreender as regras, a partilhar e a confrontar-se com outras visões da realidade para além da sua. Estes são comportamentos que se encontram num estado de desenvolvimento, já que têm de estar a ser constantemente lembrados, para o seu cumprimento.

Também gostam de colaborar com os adultos nas tarefas da sala.

Em relação ao desenvolvimento global de cada aluno, de acordo com a faixa etária, não se verifica uma diversidade muito acentuada.

Em relação aos interesses, potencialidades e motivações, são alunos expressivos e com muita imaginação.

As áreas de maior interesse deste grupo são a área de expressão físico motor, dança e dramática; a área da expressão e comunicação, mais propriamente no domínio da linguagem oral, a audição de histórias e poesias, exploração de lenga - lengas e adivinhas. Possuem algum poder de concentração e são participativos nos diálogos de tapete.

Também gostam da área do conhecimento do mundo, mais propriamente a realização de experiências. Segundo os mesmos autores (Papalia, Olds e Feldman (2001), apoiados na teoria de Piaget, o aluno já percebe claramente a existência da realidade exterior, tem grande interesse

pelo mundo que o rodeia, quer saber o “como” e o “porquê” das coisas. Em termos de preferências, e em atividades de opção individual, maioritariamente escolhem as atividades livres, sendo a área da casinha das bonecas a mais frequentada. Também gostam muito de jogos de mesas e de chão, assim como apreciam pintar e desenhar. Todos os alunos já realizam desenho figurativo e diferenciam os limites do céu e da terra.

De acordo com Vítor da Fonseca (1989), baseado também na Teoria Cognitiva de Piaget, o aluno aos quatro anos já desenha a figura humana com cabeça, tronco e os quatro membros, bem como já delimita o céu e a terra no seu desenho. E começa a compreender que os desenhos e símbolos podem representar objetos reais.

1.4.2.5.1. Desenvolvimento linguístico

A maioria dos alunos deste grupo, fazem uso de uma linguagem fluente e perceptível. Segundo Brazelton e Sparrow (2003) nesta idade o aluno faz uso de uma linguagem que consegue acompanhar as ideias mais complexas, conduzindo a novas ideias, por isso está mais preparado intelectualmente para compreender a realidade. Repete as palavras que vai apreendendo, independentemente do significado e em termos gramaticais consegue compreender ordens dadas com frases na forma negativa e consegue articular bem as consoantes e as vogais.

1.4.2.5.2. Desenvolvimento motor

No que diz respeito às competências motoras, os alunos de 4/5 anos, segundo Papalia, Olds e Feldman (2001), combinam as capacidades motoras que já possuem, com aquelas que estão a adquirir, para produzir outras mais complexas. Esta combinação de competências designa-se de sistemas de ação.

Quanto às competências motoras grossas (competências físicas que envolvem os músculos maiores) os alunos deste grupo conseguem saltar, alternando os pés, conseguem parar, virar e iniciar quando do desenvolvimento de um jogo de movimento, o que se coaduna com o que é defendido pelos autores referidos acima “(...) *uma criança de quatro anos tem um controlo mais eficaz do parar, iniciar e virar; consegue saltar uma distância de 60 a 84 cm; consegue descer uma escada alternando os pés, se apoiada; consegue dar quatro a seis saltos num só pé.* (p.287). Quanto às competências motoras finas, segundo os mesmos autores, (competências físicas que envolvem os pequenos músculos e a coordenação olho-mão) aos 4 anos o aluno já consegue cortar com a tesoura pelos limites, desenhar e pintar dentro dos

limites. Estes alunos em particular conseguem cortar pelos limites caso sejam figuras grandes com traços verticais e/ou horizontais formando ângulos retos.

1.4.2.5.3. Caraterísticas sócio comportamentais

Numa perspetiva geral, posso afirmar que estes alunos são ativos e autónomos, ainda que, os mais novos e mais imaturos revelem uma certa dependência no apaziguar de conflitos com o grupo de pares. Segundo a educadora *é um grupo dinâmico, com um comportamento agitado, muito autónomo e com muita vontade de aprender e muito participativo* nas atividades em que se envolve.

Os conhecimentos e atitudes (organização, cumprimento das regras na sala, comportamento, concentração, relação com os outros) dos alunos, estão apreendidos, ainda que algumas vezes sejam esquecidos. Tendo em conta a Teoria Cognitiva de Piaget, nesta faixa etária o aluno começa a deixar de estar centrado em si mesmo e começa a compreender a necessidade de justiça, igualdade, responsabilidade individual e coletiva, tomando consciência da necessidade do cumprimento de regras para viver em sociedade. Tem consciência do que está certo e errado e preocupa-se em atuar de forma correta. No entanto, não assumem responsabilidade pelos seus comportamentos, quando estes não são os corretos, por isso culpam os outros.

As atividades propostas são realizadas com bastante entusiasmo, empenho e dedicação por parte de todos. Nas atividades diárias como ouvir histórias, cantar canções, questionar e responder a perguntas e brincadeiras múltiplas, existem, três alunos com mais dificuldades.

1.4.2.5.4. Caraterização sócio económica

Este grupo provém de famílias com caraterísticas diversas. Em virtude de se tratar de uma instituição pública, abrange familiares com meios socio económicos baixos e famílias com escolaridade mínima que contrastam com outras famílias que possuem habilitações literárias de ensino superior de classe média-alta.

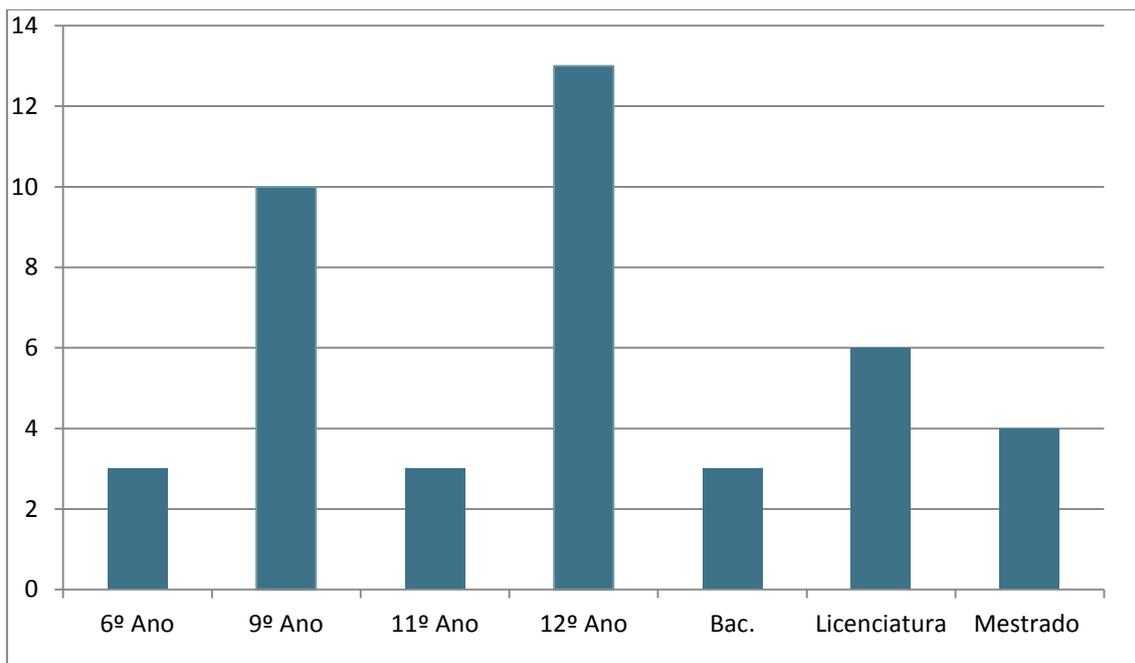


GRÁFICO 2- HABILITAÇÕES DOS PAIS DOS ALUNOS DO GRUPO

Segundo a educadora *Grande parte do grupo provém de um meio sócio-económico médio e considera que esse meio influencia a aprendizagem das crianças no que diz respeito às oportunidades de experiências que lhes podem ser oferecidas, que enriquecem as suas aprendizagens e vivências com o mundo.*

A maioria dos alunos reside em Seia, com exceção de cinco que residem em outras freguesias deste concelho, nomeadamente Santiago, Pinhanços, Santa Comba e Várzea de Meruge.

Residência	Seia	Santa comba	Santiago	Pinhanços	Várzea de Meruge	Total
Nº de crianças	15	2	2	1	1	21

TABELA 3- DISTRIBUIÇÃO DAS CRIANÇAS POR ÁREA DE RESIDÊNCIA

Todos os alunos residem com os pais biológicos. A maioria são filhos de pais com um razoável nível socioeconómico à exceção de dois, sendo um de etnia cigana.

Para concluir refiro aqui uma citação das OCEPE (1997). *A família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança, importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas.*

Enquanto elemento interativo do processo educativo, os pais devem cooperar em algumas atividades da sala e participar nos órgãos representativos da instituição/agrupamento.

A troca de informação e o encontro no dia-a-dia são indispensáveis para a articulação entre o jardim e a família.

Devo referir, igualmente as reuniões trimestrais com os pais/encarregados de educação, quer para a transmissão de informações diversas, quer para efetuar o ponto de situação do grupo, as suas aquisições e dificuldades bem como a divulgação das atividades desenvolvidas e a desenvolver, entre outros.

Assim, a colaboração dos pais, o contributo dos seus saberes e as competências para o trabalho educativo a desenvolver com os alunos, são um meio de alargar e enriquecer as situações de aprendizagem.

1.4.3. Caraterização e organização do ambiente educativo no 1º ciclo

1.4.3.1. Do estabelecimento educativo

O primeiro ciclo desenvolve atividades letivas e não letivas.

A escola encontra-se aberta das 8h30m às 17h30m, sem interregno para almoço.

As atividades letivas no período da manhã, decorrem das 9h às 12h30m com um intervalo das 10h30m às 11h e, no período da tarde, das 14h às 16h.

As atividades não letivas são as AEC (Atividades de Enriquecimento Curricular), de carácter facultativo e decorrem entre as 16h30m e as 17h30m; no entanto, após a inscrição dos alunos nas áreas oferecidas, é exigido aos mesmos: interesse, participação e cumprimento das regras pré estabelecidas com o professor que leciona a respetiva atividade.

Uma vez por semana têm expressão Físico Motora, Inglês, Expressão Plástica e TIC.

A maioria dos alunos almoça na escola.

1.4.3.2. Do espaço e materiais

Esta escola possui salas arejadas em ótimo estado, com lavatórios e água quente, cacifos e quadros interativos, dispõem de material didático e equipamentos áudio e vídeo possíveis de serem utilizados como auxiliares das estratégias e aprendizagens curriculares.

Os materiais são adequados e encontram-se em bom estado de conservação, no que concerne ao espaço interior e ao espaço exterior (baloços, escorrega, campo de futebol, vôlei e basquete).

A biblioteca do Centro Escolar de Seia (CES) é frequentada por aproximadamente 340 alunos: 4 turmas do pré-escolar e 14 turmas do 1º ciclo. Todas as turmas têm um horário semanal marcado para utilização autónoma da Biblioteca Escolar (BE) pelos docentes em contexto letivo. Mensalmente (sempre que possível) a esta promove uma atividade para essas turmas, no âmbito da promoção da leitura e do livro.

Ao longo da semana os alunos do 1º ciclo utilizam assiduamente a BE nos intervalos e hora do almoço para ler, fazer jogos, utilizar os computadores, ouvir música e ver filmes.

Ao nível de recursos humanos a BE possui uma assistente operacional a tempo inteiro e uma professora bibliotecária que dá apoio às outras quatro bibliotecas do agrupamento e, como tal, a sua presença na BE do Centro Escolar de Seia, é a tempo parcial.

A biblioteca está aberta todos os dias da semana das 9h às 17h30m com interrupção de uma hora para almoço, das 12h às 13horas.



Figura 12- Biblioteca do CES
(Fonte: própria)

A escola virtual, a plataforma Moodle, a biblioteca municipal, e o Centro de interpretação da Serra da Estrela (CISE) são outros recursos importantes ao dispor do ensino-aprendizagem dos alunos.

1.4.3.3. Da equipa

A equipa é constituída por catorze professores titulares de turma e mais dois de apoio, uma coordenadora de estabelecimento, professores das atividades de enriquecimento curricular, seis assistentes operacionais, sete auxiliares poc's (estágios profissionais), a equipa da biblioteca e ainda os serviços de psicologia e orientação disponibilizados pelo agrupamento.

1.4.3.4. Do tempo

O período da manhã engloba dois momentos, sendo um antes do intervalo em que são desenvolvidas as áreas: matemática ou português e outra depois do lanche em que são desenvolvidas as mesmas áreas mencionadas anteriormente.

O período da tarde engloba as restantes áreas, estudo do meio e as expressões.

1.4.3.5. Definições de prioridades e estratégias

O trabalho a desenvolver é planificado em diferentes níveis: anual, mensal e diária através dos sumários redigidos em livro próprio.

O processo de ensino aprendizagem assenta predominantemente nas seguintes estratégias e recursos: trabalhos individuais/ pares, trabalhos de grupos, exposição de conteúdos e leitura de textos, trabalhos de pesquisa, utilização de manuais e caderno de atividades, utilização de materiais elaborados pela professora e utilização das tecnologias de informação e comunicação.

1.4.3.6. Relação escola - comunidade

Esta dimensão revela-se de grande importância para o desenvolvimento integral do aluno. Assim nesta dimensão privilegiar-se-á a relação com os Pais/Encarregados de Educação, estimulando-os a participar no processo educativo dos seus educandos e na vida da escola. Eles terão uma participação direta relacionada com o aproveitamento/comportamento do seu educando, e uma participação indireta relacionada com a sua participação em atividades, na semana da leitura ou outras a propor ao longo do ano.

As reuniões de pais são muito importantes, por isso haverá um grande incentivo à participação dos dois cônjuges (pai e da mãe), porque estas serão um veículo de transmissão de conhecimentos pedagógicos, científicos e de avaliação, ao mesmo tempo que se promovem os valores da escola/família e da partilha de experiências, base para o sucesso das aprendizagens dos alunos.

1.4.3.7. Avaliação

A implementação das diferentes modalidades de avaliação e a análise dos resultados dos alunos para uma pedagogia de sucesso encontra-se em documento próprio intitulado “Critérios de Avaliação”. Este documento foi elaborado em Conselho de Docentes, aprovado pelo Conselho Pedagógico e encontra-se em vigor para todo o agrupamento. Os instrumentos de avaliação serão diversificados e adequados aos objetos de avaliação. São utilizados dois momentos por período para os trabalhos diários e para as fichas de avaliação. A sua

operacionalização é através de uma grelha em Excel, elaborada para o efeito, onde consta dois componentes o domínio da formação pessoal e o domínio cognitivo. No domínio da formação pessoal é atribuído 15% que são repartidos pelas atitudes do aluno (2% responsabilidade; 2% autonomia; 9% disciplina; 2% autoavaliação) no domínio cognitivo é atribuído 85% que são repartidos pelos trabalhos diários 40% e 60% pelas fichas de avaliação, nas diferentes áreas curriculares (português, matemática, estudo do meio, expressão plástica, expressão físico motora, expressão musical e expressão dramática). No final calcula-se a percentagem total que corresponderá a uma menção 0% a 20% insuficiente menos que corresponde ao nível I, 20% a 49% insuficiente que corresponde ao nível II, 50% -69% suficiente que corresponde ao nível III, 70% a 89% bom corresponde ao nível IV e 90% a 100% muito bom que corresponde ao nível V.

Trimestralmente é feito um relatório de avaliação a entregar no Conselho de Docentes e no qual se poderá fazer um ajuste pontual, atendendo à evolução da aprendizagem e do comportamento da turma.

1.4.3.8. Caraterização da sala de aula

A sala de aula é onde os alunos passam a maior parte do seu tempo, pois é lá que acontece a aprendizagem, a interação aluno/aluno, aluno/professor e professor/aluno.

É em contexto de sala de aula que tudo acontece, onde ocorre o ato educativo, onde os alunos apresentam as suas dificuldades, onde os docentes procuram colmatar essas dificuldades.

A sala de aula onde tive a oportunidade de estagiar localiza-se no segundo piso, sendo esta a sala número catorze, tendo duas grandes janelas, que dão boa iluminação.

A organização, das mesas dos alunos encontram-se distribuídas por quatro filas, todas direcionadas para o quadro, cada aluno está sentado individualmente, a sua disposição é móvel, dependendo de vários fatores (o comportamento, as dificuldades de aprendizagem, a visão...). A mesa da docente encontra-se junto ao quadro.

Não existem placares na sala, mas encontram-se afixados nas paredes cartazes relacionados com os conteúdos abordados nas diversas áreas curriculares e ainda trabalhos de todos os alunos, para que estes tenham orgulho no que fazem.

Ao nível dos materiais a sala dispõem de dois armários que permitem arrumar adequadamente os materiais, existem cabides para os alunos colocarem os casacos e as lancheiras, como também cacifos para os mesmos arrumarem os seus haveres, permitindo aos alunos que desenvolvam a independência, a autonomia, adquirindo o conceito de tempo e espaço para uma aprendizagem significativa e eficaz.

A sala possui também de um quadro branco, um quadro interativo, um computador e retroprojetor. O aquecimento é central, proporcionando um ambiente quente e acolhedor, nos dias frios de inverno, tornando favorável o processo de ensino aprendizagem, pois tal como refere Ramiro Marques, ”um ambiente de aprendizagem (...) é um qualquer conjunto de recursos humanos e materiais que promova a aprendizagem. Um ambiente de aprendizagem que promova o crescimento em direção a um maior potencial do indivíduo ou do grupo pode ser chamado um ambiente educativo (Marques, 1993, p.31).



FIGURA 13- SALA DE ATIVIDADES
(Fonte: própria)

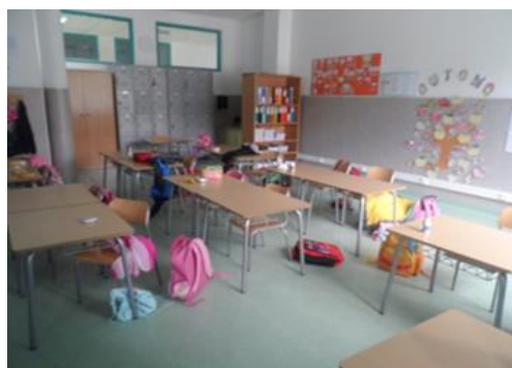


FIGURA 14- SALA DE ATIVIDADES
(Fonte: própria)

1.4.3.9. Caraterização da turma

Começai por conhecer os vossos alunos pois de certeza que não os conheceis.

(Mialaret, 1981, p. 133).

É importante para o docente conhecer os alunos com que se depara na sala de aula, para que o sucesso escolar seja alcançado. Para isso é necessário realizar uma ficha diagnóstica e a caraterização da turma.



Figura 15- UMA DAS REGÊNCIAS EFETUADAS
(Fonte: própria)

Ficha síntese dos resultados da avaliação diagnóstica

Turma B - 1º ano

Nº	MENÇÕES ATRIBUÍDAS					
	PORTUGUÊS	%	MATEMÁTICA	%	ESTUDO do MEIO	%
1	Bom	88	M Bom	90	M Bom	99
2	M Bom	95	Bom	77	M Bom	98
3	M Bom	97	Bom	81	Bom	79
4	M Bom	91	M bom	92	M Bom	99
5	Bom	88	Bom	81	M Bom	96
6	* Aluno matriculado no Ensino Doméstico					
7	M Bom	99	M Bom	92	M Bom	96
8	M Bom	91	Bom	86	Bom	88
9	Suficiente	64	Bom	81	Bom	86,5
10	Suficiente	62	Bom	80	Bom	84,5
11	M Bom	92	Suficiente	66	M Bom	99
12	Bom	83	M Bom	91	Suficiente	55
13	M Bom	91	Bom	84	M Bom	96
14	Suficiente	75	Bom	88	Bom	80
15	Bom	75	Bom	73	M Bom	90
16	Suficiente	75	Suficiente	77	M Bom	06
17	M Bom	98	Bom	86	M Bom	94
18	M Bom	98	Bom	89	M Bom	95
19	M Bom	97	Bom	87	M Bom	100
20	M Bom	92	Bom	82	M Bom	96
21	M Bom	98	M Bom	92	M Bom	96
22	M Bom	98	Suficiente	65	Bom	79
23	M Bom	96	Bom	75	M Bom	99

Tabela 4- Resultados da avaliação diagnóstica (setembro 2014)
(Fonte: cedido pela professora titular)

Como ponto de partida da caracterização da turma, apresento o horário escolar desta mesma turma:

Tempos	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
9:00-10:30	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
10:30-11:00	Vigilância intervalo	Intervalo			
11:00-12:30	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
12:30- 14:00	Almoço				
14:00- 15:00	Estudo do meio	AEC- Expressão plástica	Estudo do meio	Estudo do meio	Estudo do meio
15:00- 16:00	Apoio Estudo	Música	Apoio Estudo	Expressão dramática/ expressão físico motora	Expressão plástica
16:00-16:30			Supervisão/ AEC	Supervisão/ Coordenação turma	
16:30- 17:30	AEC-PT	Inglês	AEC-TIC	AEC-PT	AEC-AFD
17:30- 18:30	Atendimento E.E.				

Tabela 5- Horário escolar
(Fonte: cedido pela professora titular)

A caracterização da turma em geral baseia-se nos dados recolhidos das fichas de inscrição preenchidas pelos encarregados de educação e por alguns dados cedidos pela professora cooperante.

No que concerne à caracterização da turma, é relevante conhecer os alunos com que nos deparamos na sala de aula, para que o sucesso escolar seja alcançado. No ato educativo o conhecimento das características dos alunos para definirmos os nossos objetivos e estratégias é essencial, pois a escola tem que se adaptar aos alunos que tem e, a partir desse, ensiná-los a caminhar.

Na construção do conhecimento, nas diversas aprendizagens (ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras) os alunos são membros ativos, pois cada um forma a sua própria construção do saber, adaptando-a ao seu nível de desenvolvimento e às suas capacidades. Paraphrasing Tavares e Alarcão (1990, p. 15) *o educando não é um ser passivo, puro recetor de estímulos exteriores, mas um agente ativo, capaz de criar o seu próprio mundo e de se encontrar em evolução contínua como resultado de experiência que vai adquirindo.*

Para fundamentar a caracterização desta turma pertencente à faixa etária dos 6 anos, tive como apoio a Teoria Cognitiva apresentada por Piaget.

Nesta turma do 1º ano, os alunos encontram-se no estágio Pré-Operatório (2-7 anos).

Segundo Piaget (1997) no estágio pré-operatório o pensamento corresponde a uma ação interiorizada, assente na capacidade de simbolização. O aluno passa a poder representar objetos ou ações por símbolos. Ao falar, ao brincar ao *faz de conta*, ao desenhar, exerce a função simbólica, pois vai representar simbolicamente a realidade que vive interiormente. A principal característica deste estágio, ao nível do pensamento, é o egocentrismo. Este define-se pelo entendimento pessoal, de que o mundo foi criado para si e pela incapacidade de compreender as relações entre as pessoas. A criança não compreende o ponto de vista do outro, porque se centra no seu, deste modo, a criança está autocentrada. Esta característica, que é muito marcada no começo do estágio, vai sofrendo alterações, ocorrendo uma parcial descentração à medida que se aproxima do estágio das operações concretas.

Nº	Data Nascimento
1	28/11/2008
2	17/07/2008
3	06/11/2008
4	18/10/2008
5	14/05/2008
6	14/05/2008
7	31/05/2008
8	01/11/2008
9	06/11/2008
10	09/09/2008
11	03/04/2008
12	10/05/2008

13	09/06/2008
14	23/08/2008
15	25/10/2008
16	18/09/2008
17	07/01/2008
18	03/09/2008
19	12/01/2008
20	04/05/2008
21	31/05/2008
22	26/09/2008
23	12/08/2008

TABELA 6- DISTRIBUIÇÃO DO GRUPO POR IDADES
(Fonte. Cedida pela professora titular)

O grupo é constituído por vinte e três alunos com 6 anos de idade, sendo dez do sexo masculino e treze do sexo feminino, um dos alunos do sexo masculino está matriculado no ensino doméstico.

Sexo	
Masculino	Feminino
10	13
Total 23	

TABELA 7- DISTRIBUIÇÃO DO GRUPO POR GÉNERO

É um grupo heterogéneo, com interesses, motivação e ritmos de desenvolvimento diferentes.

1.4.3.9.1. Características socio comportamentais

A nível comportamental, por vezes, verifica-se alguma instabilidade e alguma impulsividade entre os pares. Este tipo de comportamento é justificado em parte pelo facto de se tratar de uma turma do 1º ano, estarem no 1º período e pelo facto de quase metade da turma serem filhos únicos.

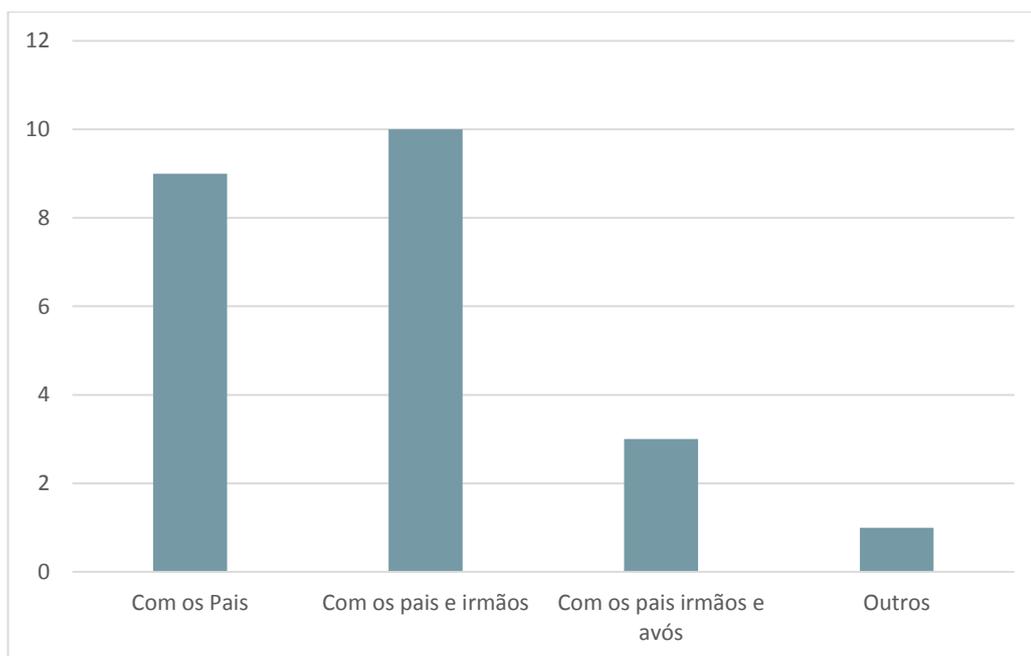


Gráfico 3- Meio Familiar dos alunos

A ajuda é notória e pode ser fundamentada, segundo Papalia Olds e Feldman (2001) pela progressiva quebra do pensamento egocêntrico. Os alunos começam a compreender que os seus atos podem atingir as pessoas que os rodeiam.

Em relação ao desenvolvimento global de cada aluno, de acordo com a faixa etária, não se verifica grande disparidade.

Em relação às áreas de maior interesse, podemos apurar no gráfico que se segue que a área da matemática, na sua maioria, os alunos têm facilidade em compreender e resolver os exercícios, como se verifica pelo entusiasmo e interesse demonstrado pelos alunos na aprendizagem da mesma.

Na área de estudo do meio, de um modo geral, todos os alunos têm uma noção dos elementos do mundo que os rodeia, todos eles são curiosos, segundo (Papalia, Olds & Feldman, 2001), apoiados na teoria de Piaget, o aluno já percebe claramente a existência da realidade exterior, tem grande interesse pelo mundo que o rodeia, quer saber o “como” e o “porquê” das coisas.

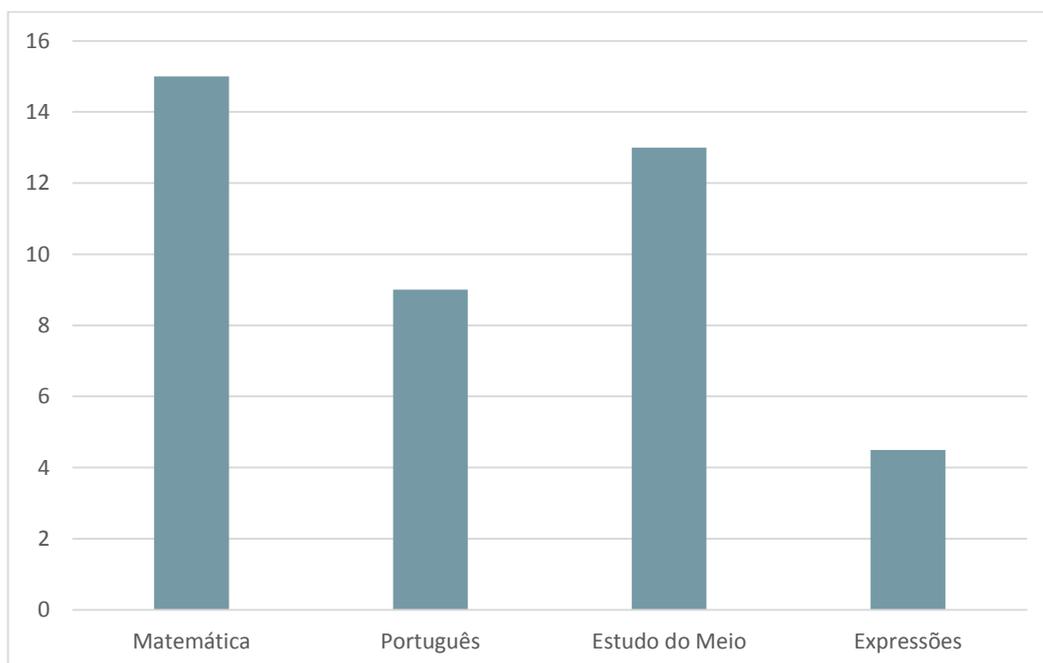


GRÁFICO 4- CENTRO DE INTERESSES/ÁREAS FORTES

Na área de Português (comunicação oral), os alunos desta turma fazem uso de uma linguagem fluente e compreensível, existe uma aluna que se destaca, pois tem grande facilidade

em se expressar recorrendo a expressões faciais e gestos para se fazer compreender, bem como a utilização de vocabulário avançado para a idade.

Na área das expressões e educação físico-motora, a motricidade, de um modo geral, todos os alunos já adquiriram as competências da motricidade grossa, ou seja, todas conseguem saltar, correr, andar e movimentar-se. Quanto à motricidade fina, verifica-se que existem alunos com dificuldades em recortar pelo risco, coisas pequenas, o mesmo se passa com a pintura, ou seja, a maioria pinta bem dentro dos limites caso as figuras sejam grandes e sem muitos pormenores.

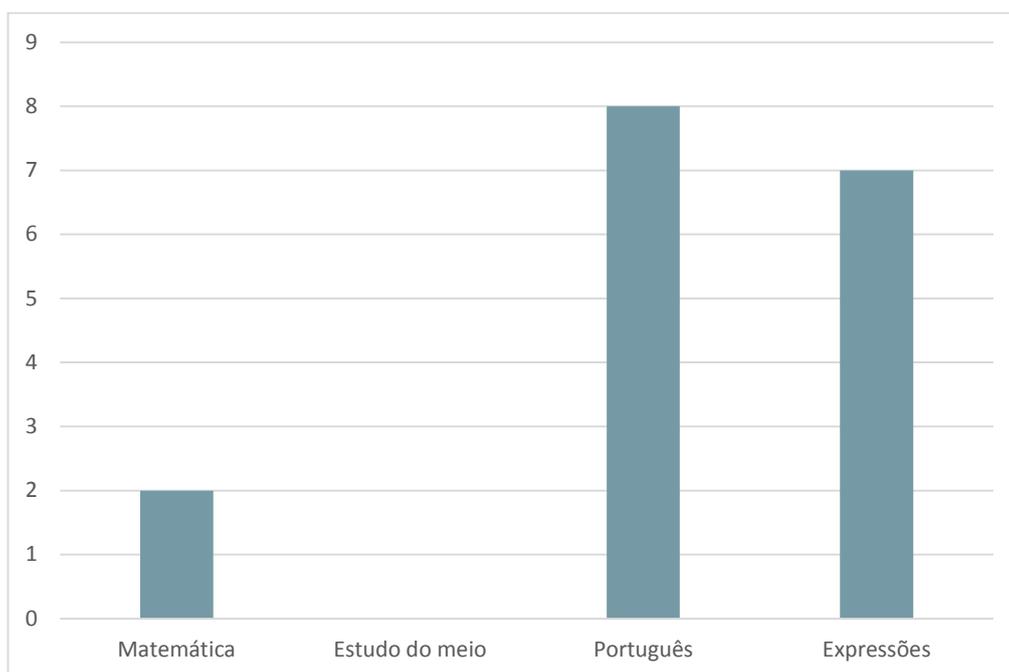


GRÁFICO 5- DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM/ÁREAS FRACAS

Relativamente às atividades extracurriculares, verifica-se que todos os alunos estão inscritos nas atividades, devido a estas, fazerem parte do horário letivo, o que “obriga” a estarem inscritos.

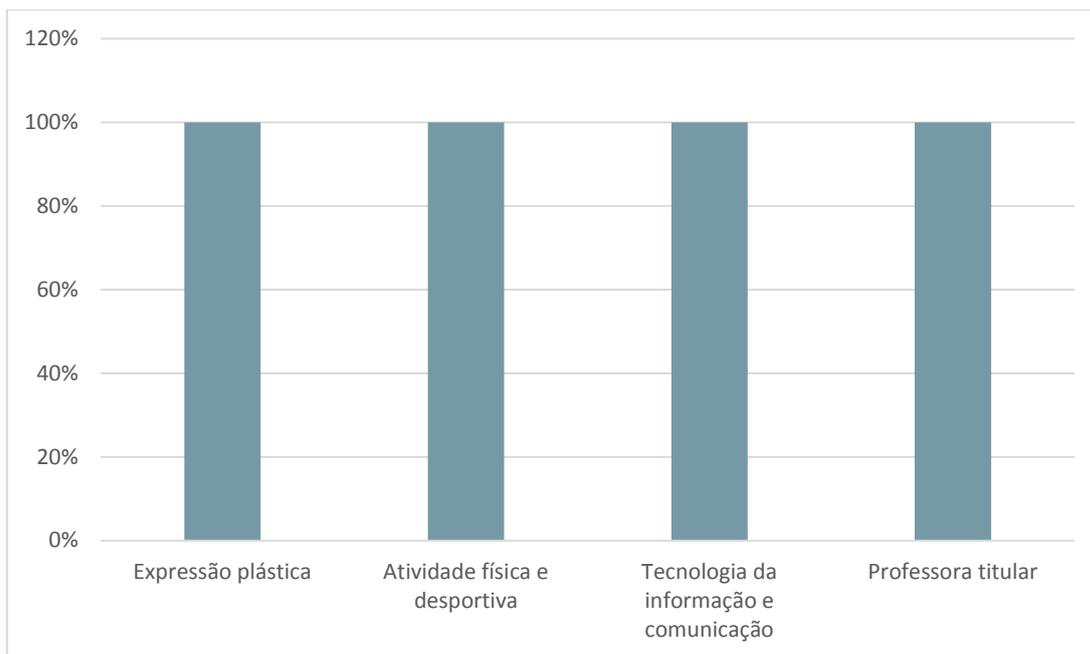


GRÁFICO 6- ATIVIDADES EXTRACURRICULARES

1.4.3.9.2. Caracterização socio económica

Os alunos desta turma, provém de famílias com características diversas. Uma vez que se trata de uma escola pública e obrigatória, abrange famílias com meios socio económicos diversificados, com famílias com a escolaridade mínima que contrastam com outras famílias que possuem habilitações literárias de ensino superior de classe média-alta. (gráfico 7).

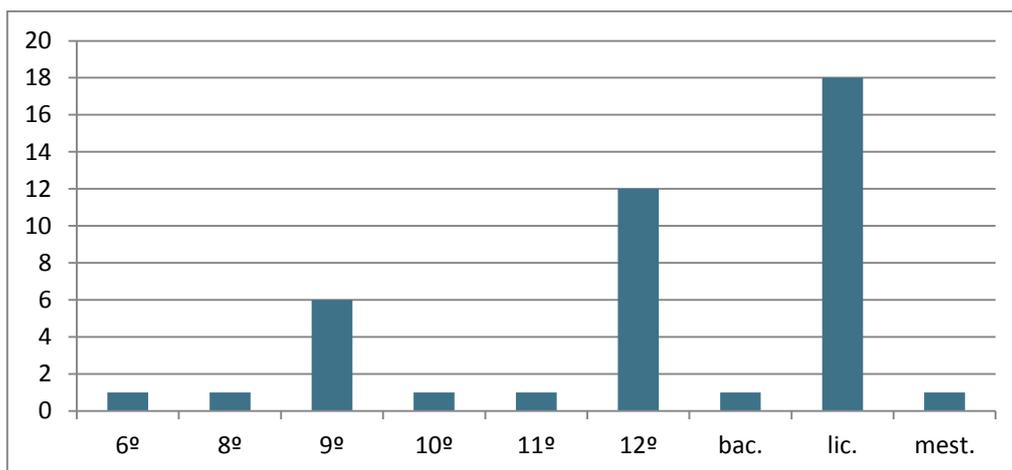


GRÁFICO 7- HABILITAÇÕES LITERÁRIAS DOS PAIS

Grande parte dos alunos da turma provém de um meio socioeconómico médio, pondero que isso possa influenciar na aprendizagem dos alunos, no que diz respeito às oportunidades de experiências que lhes podem ser oferecidas, que enriquecem as suas aprendizagens e vivências com o mundo.

Enquanto elemento interativo do processo educativo, os pais devem cooperar em algumas atividades da sala e participar nos órgãos representativos da instituição/agrupamento.

A troca de informação é indispensável para a articulação entre a escola e a família, as reuniões trimestrais com os pais/encarregados de educação, quer para a transmissão de informações diversas, quer para efetuar o ponto de situação do aluno, as suas aquisições e dificuldades bem como a divulgação das atividades desenvolvidas e a desenvolver.

CAPÍTULO II: DESCRIÇÃO DO PROCESSO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

2. DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

A PES está integrada no mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º ciclo, tendo por base o processo de Bolonha, disposto no Decreto -Lei 107/2008 de 25 de junho. Este Mestrado surge no âmbito do Decreto-Lei 43/2007 de 22 de fevereiro, que aprova o regime jurídico da habilitação profissional para a docência na Educação Pré-Escolar e nos Ensinos Básico e Secundário, concedendo uma maior abrangência nos domínios na habilitação para a docência, podendo haver uma habilitação conjunta de dois ciclos de ensino, como por exemplo para a Educação Pré-Escolar e para o Ensino do 1ºCEB.

A PES é uma componente fulcral no processo de formação de educadores/ professores, pois tem como objetivo articular a teoria e prática, pondo em prática conhecimentos e capacidades que se foram adquirindo na teoria, e contactar com a realidade das escolas, tornando-se numa experiência e preparação para a vida profissional. Nesse sentido, Alarcão e Tavares (2007, p. 23) afirmam que *o estágio serve para o desenvolvimento de competências e de destrezas na área específica da sua profissão.*

Ao longo do período da PES foi possível verificar que uma das ações cruciais na atividade de educador/professor é a observação, visto que serviu como ponto de partida para o desenvolvimento das práticas educativas, através das informações recolhidas.

A observação foi o primeiro passo em ambas as instituições que estagiei, pois

observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às necessidades. (Ministério da Educação, 2009, pág.25).

Assim a **observação** é um processo cuja primeira e imediata função é recolher informações sobre o objeto que se tem em consideração (Postic, 1979, p. 17), assumindo um papel imprescindível no processo educativo. Quer na Educação Pré – Escolar quer no 1º Ciclo do Ensino Básico as duas primeiras semanas da PES passámos por um período de observações, pois só através da observação é que conseguimos recolher um vasto conjunto de informações que nos serão bastante úteis para criar o fio condutor das aprendizagens destinadas a um determinado grupo de alunos. Observar cada aluno, em particular, e o grupo, no geral, para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades bem como recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que os alunos vivem, são rotinas fundamentais para compreender melhor as características dos alunos e apropriar o processo educativo às suas necessidades.

Terminada a fase de observação passamos para a intervenção. Foi neste ponto que surgiram as planificações. É importante que o professor planifique as suas aulas, refletindo o que deve ser ensinado, como e quando. A planificação é um instrumento que apoia o professor nas tarefas complexas de observação e análise da ação do aluno, articulando os objetivos, conteúdos, atividades, recursos, e segundo Arends, (1995, p. 51), *a planificação e tomada de decisão sobre a instrumentação incluiu-se nos aspectos mais importantes do ensino. Porque determinam, em grande parte, o conteúdo e a forma do que é ensinado nas escolas.*

A planificação é a determinação prévia dos objetivos a alcançar e os meios utilizados para os atingir. Desta forma, planifica-se porque se sente a necessidade de estruturar previamente o que se quer transmitir e de que forma se pode fazer, ou seja, há uma indispensabilidade de organizar antecipadamente estratégias que *propiciem atividades que não são à partida previsíveis e que, para além disso, atendam à diversidade das situações e aos diferentes pontos de partida dos alunos* (Zabalza, 1998, p. 163). Este exercício de estruturação *pressupõe prever atividades que apresentem os conteúdos de forma a tornarem-se significativos e funcionais para os alunos, que sejam desafiantes e lhes provoquem conflitos cognitivos, ajudando-os a desenvolver competências de aprender a aprender* (Zabalza, 1998, p.164).

Ao elaborar uma planificação devemos ter em consideração: os pré requisitos, isto é, as competências do aluno, tanto individualmente como em grupo, de tipo cognitivo, afetivo e motor que estão relacionados direta ou indiretamente com a Educação Escolar e são entendidas como necessárias à estruturação do processo de ensino e aprendizagem.

Como tal, em cada instituição da PES, as planificações foram estruturadas de diferentes maneiras, adaptando-se aos diferentes contextos. No 1ºCEB, os aspetos constitutivos da planificação foram: a *área*, referindo-se à área curricular a explorar; os *objetivos*, ou seja, o que se pretende que o aluno atinja; os *conteúdos*, especificando o tema a tratar; os *recursos*, isto é, os materiais necessários; a *avaliação*, que se relaciona com as formas de avaliar o que o aluno interiorizou e os objetivos que alcançou; os *processos de operacionalização*, que determinam as diferentes fases/estratégias da aula planificada; e o *sumário*, uma síntese do tema da planificação. No pré-escolar, os elementos integrantes da planificação foram: o *tema*, presente no início da planificação; a *área de conteúdo*; os *objetivos gerais e específicos*; as *estratégias e atividades*; os *recursos*; e a *avaliação*.

A avaliação é um *elemento integrante e regulador das práticas pedagógicas, mas assume também uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas* (Abrantes, 2002, p. 9), ou seja, é através dela que o professor verifica se o aluno adquiriu os conteúdos lecionados, possibilitando apoiar a reflexão e o trabalho dos professores. Se o resultado for negativo, possibilita realizar intervenções pedagógicas apropriadas, de forma,

a melhorar as aprendizagens, na medida em que o docente possa ajustar as estratégias didáticas de encontro ao problema.

Esta é considerada como um método que *envolve interpretação, reflexão, informação e decisão sobre os processos de ensino e aprendizagem, tendo como principal função ajudar a promover ou melhorar a formação dos alunos* (idem).

É necessário, ao longo do processo de aprendizagem, verificar se os objetivos são alcançados, isto é, se o nível dos alunos se adequa ao ritmo de ensino, o que por vezes não se constata. Por consequência, devemos adaptar os conteúdos a lecionar consoante o nível de aprendizagem dos alunos, ou seja, *a avaliação dos saberes dos alunos terá que ser o ponto de partida do processo de ensino* (Boggino, N., maio/agosto 2009, p. 81).

É desta forma importante que o professor deve encarar a avaliação como uma ajuda indispensável no seu sucesso profissional e a utilize como uma via para a adoção de melhores estratégias de ensino, melhorando sempre o seu desempenho em benefício dos alunos.

2.1. Contexto institucional

A minha Prática de Ensino Supervisionada (PES I) e (PES II), decorreu no Centro Escolar de Seia (CES), onde pude colocar em prática procedimentos, estratégias e articular os vários saberes associando-os a uma prática profissional (assistente operacional) desenvolvendo assim a interdisciplinaridade. A PES I realizada na Educação Pré-Escolar na (sala azul), com um grupo heterogéneo 4/5 anos, composto por vinte e um alunos da educadora Filomena Freitas sob a orientação da Prof. Dra. Filomena Velho, decorreu de 26 de fevereiro a 22 de maio de 2014, onde efectuei cinco observações e quarenta e uma regências. Tive como apoio as orientações curriculares para a educação pré-escolar (OCEPE), as metas de aprendizagem da Educação Pré-Escolar, o projeto curricular de turma, o desempenho da educadora cooperante, desta forma, refleti, planeei, e desenvolvi um trabalho com base no projeto curricular de turma/projeto educativo do agrupamento. A PES II realizada no 1º ciclo, na turma do 1º B, sala catorze da professora Virgínia Almeida, constituída por vinte e três alunos com 6 anos de idade, sob a orientação da Prof. Dra. Florbela Antunes, decorreu de 15 de outubro de 2014 a 29 de janeiro de 2015, onde efetuei três observações, três regências experimental e dezanove regências. Tive como apoio, o programa do ensino básico, as metas curriculares do 1º ciclo, o projeto curricular de turma e o desempenho profissional da professora cooperante, como também o projeto educativo do agrupamento e o plano anual de atividades.

2.2. Experiência da Prática de Ensino Supervisionada na Educação Pré-escolar

A educação Pré – escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida (...) favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo, em vista a sua plena inserção na sociedade, como ser autónomo, livre e solidário (OCEPE, 2009, p. 15).

Tendo sempre presente que o jardim-de-infância é um espaço educativo, organizado em função do aluno e adequado às estratégias que nele se desenvolvem, e que é um espaço onde o aluno convive com outros alunos/adultos; onde realiza atividades variadas, sozinho e em grupo, fazendo aprendizagens importantes, partilhando e trocando saberes, desenvolvendo um espírito democrático para melhor apreender o mundo que o rodeia.

Procurei ter sempre presente as características de cada aluno, como um ser único, de modo a estimular o seu desenvolvimento global, despertar a sua curiosidade, potenciar o desenvolvimento da expressão e comunicação e o desenvolvimento do pensamento crítico.

Tendo em conta as três áreas de conteúdo preconizadas nas OCEPE (2009), nomeadamente a área de formação pessoal e social, a área de conhecimento do mundo e a área de expressão e comunicação, sendo esta última subdividida em três domínios: domínio das expressões, domínio da linguagem e abordagem à escrita e por último o domínio da matemática. Todas estas áreas são igualmente importantes completando-se umas às outras tendo como objetivo proporcionar aos alunos experiências enriquecedoras de aprendizagem favorecendo não só a formação, como o seu desenvolvimento equilibrado. Segundo as OCEPE, o princípio geral da Educação Pré-Escolar é: *Estimular o desenvolvimento global da criança, no respeito pelas suas características individuais, desenvolvimento que implica favorecer aprendizagens significativas e diferenciadas.* (OCEPE, 2007, p.18).

2.2.1. Área de Formação Pessoal e Social

A área de Formação Pessoal e Social é uma área transversal, bem como uma área integradora, que visa promover nos alunos atitudes e valores para que estes se tornem cidadãos conscientes e solidários, tem também como função a plena inserção na sociedade para que sejam seres autónomos.

Assim, a família e o meio sociocultural onde vive adquirem extrema importância, sendo exemplo de valores e de interação social. Segundo as OCEPE (2009, p. 49) *é através das*

interações sociais com adultos significativos, com os seus pares e em grupo que a criança vai construindo o seu próprio desenvolvimento e aprendizagem.

A atividade que passo a referir foi preparada nesse sentido. Teve como objetivo promover a interiorização de valores; regras e práticas de viver em sociedade. No apêndice I é representada a planificação deste dia.

Após a rotina diária, o diálogo foi conduzido para uma reflexão sobre os valores (solidariedade).

De seguida os alunos dirigiram-se ao salão polivalente, trajados com uma camisola vermelha e um nariz vermelho para juntamente com os alunos do 1º ciclo formarem um nariz vermelho gigante.



FIGURA 16- REALIZAÇÃO DO NARIZ VERMELHO (ALUNOS DO CES)

(Fonte: própria)



FIGURA 17-SOCIALIZAÇÃO ENTRE OS ALUNOS DO CES

(Fonte: própria)



FIGURA 18 - REALIZAÇÃO DE UM SMILE (ALUNOS DO PRÉ-ESCOLAR)

(Fonte: própria)

O donativo (dinheiro) arranjado na aquisição dos narizes, ímanes e camisolas, reverterá para ajudar os “doutores palhaços” a espalhar sorrisos e alegria às crianças doentes que estão nos hospitais.

No período da tarde, os alunos, fizeram uma reflexão do porquê e como se realizaram as atividades do nariz vermelho.

Para a concretização destas vivências realizaram desenhos e elaboraram narizes, diferentes dos adquiridos, com as tampas dos garrafões.

Os alunos tiveram que recriar a mesma vivência apenas com os elementos (alunos) da sala. Também realizaram jogos na área do faz de conta, vivenciando situações de ida ao centro de saúde e hospital, utilizando apetrechos do baú das trabalhadas.

A criança ao nascer encontra-se inserida numa sociedade que possui uma cultura, língua, tradições, hábitos, valores e práticas sociais, que aprende e interioriza, através da socialização.

Sabendo que socializar é o modo como o indivíduo se adapta ao meio em que vive ao mesmo tempo que interage sobre ele, pois a socialização é uma “prática” quotidiana em que o meio influencia na formação da pessoa e, por consequência também sofre a influência dela, como afirma Oliveira (2002, p. 126), *ao mesmo tempo em que a criança modifica seu meio, é modificada por ele*. Podemos, dessa forma, dizer que a socialização é uma significativa construção de saberes, onde o sujeito e objeto interagem.

À medida que vai sendo socializada, a criança, vai desenvolvendo hábitos, competências, valores e motivações que a vão tornando uma pessoa responsável, e um membro útil na sociedade.

Um dos objetivos mais importantes da socialização consiste em que as crianças aprendam o que é considerado correto no seu meio e o que se julga incorreto; ou seja, possam conseguir um nível elevado de conhecimento dos valores morais que regem a sociedade e comportem-se de acordo com elas.

Isto é conseguido através de um processo de construção e interiorização destes valores, processo que tende a favorecer o desenvolvimento da criança.

A criança, por isso, tem que aprender numerosas habilidades sociais que lhe são exigidas desde os primeiros anos de vida. (Coll, 1999; Palacios. 1995).

Considera-se a ação de educar não só como o processo de ensino - aprendizagem, mas também, e não menos importante, o processo de constituir indivíduos críticos, socializados com conhecimento pleno daquilo que é importante ser, enquanto indivíduos, e daquilo que o mundo espera de si, enquanto pessoas éticas, plenamente integradas no espaço em que estão inseridas.

2.2.2. Área de expressão e comunicação

A área da expressão e comunicação engloba aprendizagens relacionadas com o desenvolvimento psicomotor e simbólico que determinam a compreensão e progressivo domínio de diferentes formas de linguagem (OCEPE, 2009, p. 56).

O domínio das expressões explora quatro vertentes: a expressão motora, a expressão dramática, a expressão plástica e a expressão musical.

As expressões para além de meios terapêuticos, de auto regulação, contribuem também para o desenvolvimento do indivíduo, podendo ser encaradas como de adaptação a si mesmos e aos outros, num processo educativo.

Se a expressão detém um lugar de destaque, naquilo que fazemos, será fundamental considera-la na educação pré-escolar, precisamente a fase mais sensível à espontaneidade e autenticidade expressiva.

Santos (1989, p. 56) *acredita que esta é uma das características da infância e identifica as manifestações de expressividade da criança como a necessidade lúdica. Assim, aparece a expressão conotada também como jogo.*

Inseridas nas atividades lúdicas, surgem manifestações expressivas corporais, vocais, plásticas, musicais, e dramáticas que irão proporcionar a harmonia da psicomotricidade.

2.2.2.1. Domínio da expressão motora

O domínio da expressão motora, procura favorecer o domínio progressivo do próprio corpo, nomeadamente ao nível de motricidade global e motricidade fina.



Figura 19- Atividade de Motricidade Global
(Fonte: própria)

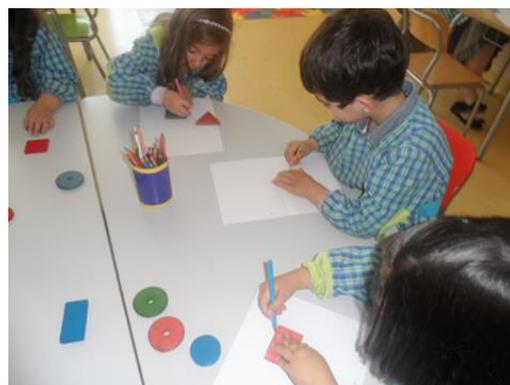


FIGURA 20 - ATIVIDADE DE MOTRICIDADE FINA
(Fonte: própria)

No que respeita a motricidade global, os alunos usufruem de uma aula semanal deslocando-se um professor da área à instituição.

No entanto, apesar dos alunos já terem aulas específicas, desenvolvem outras atividades que envolvem aquisições relacionadas com o desenvolvimento motor, nomeadamente no dia-a-dia do aluno realizam diversos jogos de saltar, correr, andar, deslizar, rodopiar. No âmbito da motricidade fina, o aluno manipula diferentes objetos existentes na sala como os picos de picotagem, tesouras, pincéis, lápis, entre outros.

Na planificação em apêndice II, os objetivos ao nível do domínio da expressão motora são: promover jogos incutindo o cumprimento de regras explorando o movimento do corpo; desenvolver a coordenação motora e o equilíbrio; promover a aprendizagem das relações no espaço; desenvolver a perceção / orientação espacial; promover o desenvolvimento da coordenação motora, óculo manual e equilíbrio. As figuras anteriores (fig. 19 e fig. 20) são exemplos de atividades realizadas, que promovem o movimento e a coordenação do corpo, bem como desenvolvem destrezas manipulativas.

As atividades físicas e desportivas permitem uma melhor exploração do seu corpo e o desenvolvimento de várias capacidades, sendo que estas, englobam uma variedade de atividades corporais com objetivos de melhorar a condição física e promover a saúde e bem-estar, bem como atividades lúdicas, como o jogo, envolvendo uma dimensão motora, cognitiva e relacional (Maria e Nunes, 2007).

O corpo que a criança vai progressivamente dominando desde o nascimento, e de cujas potencialidades vai tomando consciência, constitui o instrumento de relação com o mundo e o fundamento de todo o processo de desenvolvimento e aprendizagem.

(...) a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo. (OCEPE, 1997, p. 58) Isto porque *as crianças entre os 3 e os 6 anos fazem grandes progressos nas competências motoras – tanto as competências motoras grossas, como correr ou saltar, como competências motoras finas, como abotoar e desenhar.* (Papalia, Olds e Feldman, 2001, p. 286). Pode-se então dizer que as competências motoras grossas são (...) *competências físicas que envolvem os músculos maiores* (Papalia, Olds e Feldman, 2001, p. 287), e as competências motoras finas são (...) *competências físicas que envolvem os pequenos músculos e a coordenação olho-mão.* (Papalia, Olds e Feldman, 2001, p. 287).

O educador deve, adotar diferentes estratégias que assegurem não só que todos os alunos tenham acesso à área de aprendizagem físico motora, como também que todos eles adquiram, antes do ensino básico, as capacidades e os padrões motores essenciais que lhes permitirão desenvolver e evoluir, tanto educativa como socialmente.

2.2.2.2. Domínio da expressão dramática

Nas OCEPE, a expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, um meio de afirmação do “eu” na relação com o(s) outro(s). Nesta atividade espontânea livre ou orientada a que chamamos jogo simbólico, a expressão e comunicação é feita através do próprio corpo, com ou sem voz, com ou sem adereços, vivenciando situações reais ou imaginárias. No caso do jogo simbólico orientado onde se verifica a intervenção do adulto (educador ou assistente operacional), no sentido de ser atribuído a cada criança um “papel” diferente, criam-se novas situações de comunicação.

No jardim-de-infância o domínio da expressão dramática é trabalhado pelos alunos de diferentes maneiras: com adereços, através de fantoches, sombras chinesas simples (corpo/mãos) e silhuetas.

É no «faz de conta» que a criança desenvolve relações interpessoais e atesta a sua personalização. (Dias 2008, p. 36). Neste sentido, então, é através das várias vertentes em que a expressão dramática se revela, que o aluno se personaliza, ou seja, se encontra com o seu “eu” e por fim, entre o “sair” e o “entrar”, encontra o meio-termo que é a sua verdadeira identidade enquanto pessoa com personalidade própria.



FIGURA 21- DRAMATIZAÇÃO DA CANÇÃO DO "COELHINHO"

(Fonte: própria)



FIGURA 22- DRAMATIZAÇÃO DO DIA DO PAI

(Fonte: própria)



FIGURA 23- DRAMATIZAÇÃO DE UM BATIZADO

(Fonte: própria)

Tendo em conta não só a riqueza de conhecimentos de que os alunos são portadores e as suas potencialidades cabe aos responsáveis da Educação Pré-Escolar ajudar os mesmos a descobrir a sua identidade a conquistar a sua autonomia, a sua auto estima, a sua capacidade de iniciativa e a desenvolver a oralidade. Se existir um trabalho bem elaborado e estruturado pela certa que estes alunos não só adquirirão mais conhecimentos como evoluirão de forma auto confiante.

As imagens mostram algumas das atividades de expressão dramática realizadas na sala da Educação Pré-Escolar. A planificação em apêndice III tem como objetivo desenvolver o jogo simbólico através da linguagem não-verbal.

2.2.2.3. Domínio da expressão plástica

No pré-escolar é fundamental a realização de atividades de expressão plástica.

É habitual afirmar que, os primeiros anos de vida são, fundamentais no desenvolvimento de um aluno. É durante este período que o aluno começa a estabelecer modelos de aprendizagem, atitudes, toma consciência de si mesmo.

O aluno, expressa verbalmente, gestualmente, graficamente e manualmente as suas vivências. Este conjunto de ações não é mais do que a exteriorização pessoal do que é percebido por cada um de uma forma muito particular.



FIGURA 24- ATIVIDADE DE EXPRESSÃO PLÁSTICA
(DESENHO)
(Fonte: própria)



FIGURA 25- ATIVIDADE DE EXPRESSÃO PLÁSTICA
(PINTURA)
(Fonte: própria)

O aluno ao tocar, sentir e manipular os materiais está a desenvolver um processo de aprendizagem.

Trata-se de uma forma de linguagem a partir da qual o aluno expressa sentimentos, frustrações e alegrias e, segundo (Luquet 1979, p. 5), *a expressão livre não é uma fantasia nascida da ignorância mas uma atividade a edificar sobre bases sólidas.*

Assim, em contexto de jardim-de-infância as atividades de expressão plástica vão permitir ao aluno uma forma de descoberta e comunicação, não só pelo seu caráter específico, mas pelo seu registo final.

O papel do educador é suscitar a expressão desta linguagem plástica, criando um ambiente propício a atividade expressiva. Ao mesmo tempo que permite que o aluno aproveite os materiais que são postos à sua disposição, estimulando o seu gosto pela pintura, desenho, modelagem etc... Fazendo com que o aluno use corretamente os instrumentos, ele possibilita que o aluno se livre dos inconvenientes que a sua falta de habilidade ocasiona ao mesmo tempo que lhe permite entregar-se livremente à alegria de criar.

2.2.2.4. Domínio da expressão musical

O domínio da expressão musical assenta num *trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir* (OCEPE, 2009, p. 63). Neste domínio das expressões o aluno aprende a escutar, cantar, dançar, tocar e criar, como também a saber “fazer silêncio”. Para além disso, aprende a reconhecer características do som, como a intensidade, a altura, o timbre e a duração.

A música na idade pré-escolar representa os fundamentos sobre os quais se irá construir uma futura aprendizagem musical. Estas experiências devem ser integradas numa rotina diária, desta forma são desenvolvidas atitudes relacionadas com criação e partilha da música.



FIGURA 26- ATIVIDADE DE EXPRESSÃO MUSICAL
(DANÇA)

(Fonte: própria)



FIGURA 27- ATIVIDADE DE EXPRESSÃO MUSICAL
(Fonte: própria)

Segundo a Enciclopédia de Educação Infantil (1997) a música com maior ou menor intensidade está na vida do ser humano, ela desperta emoções e sentimentos de acordo com a capacidade de perceção que ele possui para assimilar a mesma. A música não é somente uma associação de sons e palavras, mas sim um rico instrumento que pode fazer a diferença nas

instituições de ensino, pois ela desperta o indivíduo para um mundo com prazer, satisfatório para a mente e para o corpo que facilita a aprendizagem e também a socialização do mesmo.

A expressão musical assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir, com base num trabalho sobre diversos aspetos que caracterizam os sons: intensidade (fortes e fracos), altura (graves e agudos), timbre (modo de produção), duração (sons longos e curtos), chegando depois à audição interior, ou seja, à capacidade de reproduzir mentalmente fragmentos sonoros.

A expressão musical está intimamente relacionada com a educação musical que se desenvolve, na educação pré-escolar, em torno de cinco eixos fundamentais: escutar, cantar, dançar, tocar e criar. (OCEPE 1997, p. 64).

2.2.3. Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita

O domínio da linguagem oral e abordagem à escrita assume uma importância fundamental na medida em que a *valorização do ensino da língua portuguesa como matriz de identidade e suporte de aquisições múltiplas faz parte dos princípios da organização curricular do ensino básico e secundário* (OCEPE, 2009, p. 66). No domínio da linguagem oral é importante adquirir um maior domínio na Educação Pré-Escolar, desta forma cabe ao educador criar diferentes condições para que os alunos aprendam. É importante o educador ouvir cada aluno, comunicar com o grupo de modo a que os alunos falem, para fomentar o diálogo entre todos, facilitando assim a expressão e o desejo do aluno para comunicar. No entanto, qualquer que seja a capacidade de expressão e compreensão oral e de emergência da escrita, o educador deve procurar alargar e aperfeiçoar, facilitando a sua transição para o 1º Ciclo do Ensino Básico e favorecendo a sua vida pessoal, profissional e social futura.

Sim-Sim, Silva e Nunes (2008, p. 11) referem que *adquirir e desenvolver a linguagem implica muito mais do que aprender palavras novas, ser capaz de produzir todos os sons da língua ou de compreender e de fazer uso das regras gramaticais. É necessário que o ambiente seja estimulante, rico em vivências e experiências não podendo o educador esquecer que o aluno assimila as regras linguísticas da sua comunidade construindo o seu próprio conhecimento acerca dela.*

Como Sim-Sim, Silva e Nunes (2008, p. 30) afirmam

que as crianças usam a linguagem oral com propósitos e finalidade diversas, partindo delas a iniciativa da interação, ou tomando a vez nas interações iniciadas por outrem, não só em contexto de jogo e brincadeira, mas, também, para resolver problemas decorrentes da sua participação em atividades do dia-a-dia.

Assim, ao interagirem verbalmente, os alunos não só aprendem sobre o mundo físico, social e afetivo, como adquirem e aperfeiçoam os vários domínios da língua.

Em relação à abordagem à escrita os alunos contactam desde cedo com a linguagem escrita, sabem distinguir assim o desenho da escrita. Deve-se dar ao aluno a oportunidade de imitar a escrita para que se comece a familiarizar com o código escrito, pretende-se que o aluno tenha contacto com as diferentes funções da escrita e não a “ introdução formal e “clássica” à leitura e escrita, mas de facilitar a emergência da linguagem escrita. (Ministério da Educação 2009, p. 65).

O desenho é uma forma de escrita, pois o aluno partilha emoções, sentimentos, sonhos e fantasias, desenvolvendo paralelamente a sensibilidade estética. Começa a ser capaz de narrar um acontecimento ou uma história através do desenho.



FIGURA 28 - ATIVIDADE DE ABORDAGEM À ESCRITA

(Fonte: própria)



FIGURA 29- ATIVIDADE DE LEITURA

(Fonte: própria)

O instrumento fundamental que proporciona o contacto com a escrita é o livro.

A história lida pelo educador, adulto ou criança mais velha e depois recontada pelo aluno a partir do que memorizou, ou a história contada pelo aluno a partir da leitura de imagens; são meios de abordagem que suscitam o prazer de aprender a ler.

Na planificação em apêndice V, os objetivos apresentados foram: desenvolver e estimular a oralidade e capacidade de concentração; desenvolver a expressão corporal como complemento da comunicação verbal; articular corretamente as palavras, desenvolvendo a linguagem verbal; comunicar verbalmente e por escrito. As atividades propostas foram: leitura da mensagem da canção “ Gosto de flores”; dramatização da canção “Gosto de flores”; diálogo sobre a mensagem da canção; registos orais e seguidos de registos escritos, sobre o que é a Primavera.

2.2.4. Domínio da matemática

No domínio da matemática *as crianças vão espontaneamente construindo noções matemáticas a partir das vivências do dia-a-dia* (Ministério da Educação 2009, pág. 73). As OCEPE (2009, p. 73) preconizam que o educador deve partir de *situações do quotidiano para*

apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, sendo que a construção de noções matemáticas fundamenta-se nas vivências do espaço e do tempo. Esta exploração do espaço permite ao aluno desenvolver o sentido de número e reconhecer e representar diferentes formas. Posteriormente, começará a encontrar princípios lógicos que lhe permitem classificar objetos de acordo com determinadas propriedades, estabelecendo relações entre eles.



FIGURA 30- ATIVIDADE DE MATEMÁTICA (CLASSIFICAÇÃO QUANTO À COR)
(Fonte: própria)

Esta área não deve ser entendida como meros conteúdos, pois esta contribuirá para a formação geral dos alunos, ajudando-os a interpretar situações do dia-a-dia. Assim, a competência matemática desenvolve-se através da experiência matemática que deve ser rica, diversificada e acompanhada de reflexão sobre os resultados obtidos. (Azevedo e Migueis, 2007).

As normas do National Council of Teachers of Mathematics assentam na ideia de que todas as crianças estão aptas a adquirir conhecimento matemático, desenvolvendo essa competência fundamental para um perfeito equilíbrio da sua vida futura

os fundamentos para o desenvolvimento matemático das crianças estabelecem-se nos primeiros anos. A aprendizagem matemática constrói-se através da curiosidade e do entusiasmo das crianças e cresce naturalmente a partir das suas experiências.

(...) A vivência de experiências matemáticas adequadas desafia as crianças a explorarem ideias relacionadas com padrões, formas, número e espaço duma forma cada vez mais sofisticada (NCTM, 2000, p. 73).



FIGURA 31- ATIVIDADE DE MATEMÁTICA (FORMAS GEOMÉTRICAS)
(Fonte: própria)

Neste domínio foram muitas as atividades espontâneas realizadas uma vez que existem diversos materiais disponíveis na sala com intuito de aprofundar noções matemáticas como por exemplo jogos de imagens para associar a uma quantidade, puzzles e dominós, blocos lógicos, barras cuisenaire, quadros de dupla entrada, seriação, entre outros.

Na planificação em apêndice VI, verifica-se que o preenchimento dos quadros do tempo, das presenças, do planeamento, das tarefas e o calendário oferecem diversas possibilidades de aprendizagem matemática como também elaboração de conjuntos de flores e folhas recolhidas na saída ao espaço exterior, com as quais se formaram conjuntos tendo em conta a propriedade dos elementos (cor, forma e tamanho), trabalhou-se a noção de quantidade e de número e a efetuou-se a contagem das mesmas.



**FIGURA 32- ATIVIDADE DE MATEMÁTICA COM
FOLHAS NATURAIS**
(Fonte: própria)

2.2.5. Área do conhecimento do mundo

A área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. (OCEPE, 2009,pág. 79).

Nesta área de conteúdo, tal como todas as outras, devemos partir dos interesses e conhecimento dos alunos. Estes desde tenra idade devem interiorizar aprendizagens relativas ao conhecimento do mundo, para que gradualmente possam compreender a situação ambiental do nosso planeta. Todas as pessoas deveriam contribuir para um ambiente saudável, para que todos possamos viver em harmonia. Para isso, basta apenas que pratiquem e manifestem atitudes diárias que contribuam para uma melhor qualidade de vida. Nas orientações curriculares do pré-escolar podemos verificar na área do conhecimento do mundo o seguinte:

Os seres humanos desenvolvem-se e aprendem em interação com o mundo que os rodeia. A criança quando inicia a educação pré-escolar já sabe muitas coisas

sobre o “mundo”, já constituiu algumas ideias sobre as relações com os outros, o mundo natural e construído pelo homem, como se usam e manipulam os objetos (1997, p. 79).

As experiências de aprendizagem relacionadas com a área de Conhecimento do Mundo devem ser realizadas de forma transversal e não serem vistas como atividades isoladas, permitindo desta forma o enriquecimento das outras áreas curriculares (*idem*). O educador deverá contribuir para esse enriquecimento pois, tal como referem Silva et al. (1997), tem o dever de escolher *critérios* *quais os assuntos que merecem maior desenvolvimento, interrogando-se sobre a sua pertinência, as suas potencialidades educativas, a sua articulação com outros saberes e as possibilidades de alargar os interesses do grupo e de cada criança* (p.83), despertando assim a curiosidade dos alunos e o seu pensamento crítico, para o qual nos remete um dos princípios pedagógicos referidos na Lei - Quadro de Educação Pré-Escolar (Lei nº 5/97, de 10 de Fevereiro, art.10º).



FIGURA 33- OBSERVAÇÃO DE DOIS VULCÕES
(Fonte: própria)



FIGURA 34- CONFEÇÃO DE PÃO
(Fonte: própria)

A área de Conhecimento do Mundo, tal como referem Silva et al. (1997), não abrange apenas o alargamento de saberes básicos imprescindíveis à vida social mas também supõe *a abordagem de aspetos científicos que ultrapassam a experiência direta da criança e as suas vivências imediatas* (p. 81). Sendo assim, ao trabalharmos esta área desenvolvemos diversos conteúdos em diferentes áreas como a biologia, a química, a física, a história, a sociologia ou a geografia. Ao desenvolver estes conteúdos, os educadores deverão refletir sobre o que realmente interessa aos alunos e abordá-los de forma adequada à faixa etária das mesmas, não esquecendo o rigor científico, contribuindo assim para o desenvolvimento de determinadas competências. A escola tem sem dúvida um papel fundamental na educação e no crescimento dos alunos. E nesta perspetiva os educadores deverão ter um enorme peso, pois, são eles que transmitem conhecimentos, e os orientam no percurso do crescimento pessoal e global.

A planificação em apêndice VII, tem por base a presença de um animal (coelho), indo ao encontro da temática que estava a ser desenvolvida “ Coelho da Páscoa”

Penso ser pertinente, possibilitar aos alunos o contacto direto com animais. São experiências enriquecedoras e gratificantes para o mundo de aprendizagem dos alunos. É fundamental que, desde os primeiros anos de escolarização, se deva ensinar e incentivar a observar, a compreender, a respeitar e a amar os animais, pois também eles têm direito à vida, ao respeito e à liberdade. (Declaração Universal dos Direitos dos Animais da Unesco,1978 art.1,2 e 4).



FIGURA 35- PRESENÇA DE UM ANIMAL (COELHO)
(Fonte: própria)

2.3. Experiência da Prática de Ensino Supervisionada no 1º CEB

Aquilo que a criança consegue fazer em cooperação hoje, sê-lo-á capaz de fazer sozinha amanhã. (Vygotsky, citado por Teixeira & Ludovico, 2007, p. 13)

Tendo presente que o 1º ciclo é um espaço pedagógico, estruturado em função do aluno, onde desenvolve capacidades, literacia e todo um conjunto de competências, necessárias à sua integração e atuação, enquanto futuro cidadão interventivo, crítico, livre e solidário.

Face ao que está recomendado na OCP (2006), não interessa apenas que os alunos adquiram conhecimentos, é também necessário promover a compreensão dos mesmos, tornando-os úteis para o seu percurso tanto escolar como profissional, preconiza também princípios orientadores da ação pedagógica no 1º CEB, transversais a todas áreas curriculares.

Ao longo da PES II no 1ºCEB, foram utilizadas diferentes estratégias para a transmissão de conhecimentos e valores à turma. Valorizaram-se os diferentes tipos de aprendizagem, nomeadamente as aprendizagens ativas, onde o aluno tem um papel ativo na construção do seu próprio conhecimento, e as aprendizagens significativas, em que o professor organiza a matéria a ensinar de uma forma lógica e, ao apresentá-la ao aluno, relaciona-a com os conhecimentos

que este já possui de tal modo que ele possa perceber o que está a aprender e integrar novos conhecimentos na sua estrutura cognitiva existente. (...) O aluno descobre o conhecimento por si próprio (...) e relaciona o conhecimento que acaba de adquirir com os conhecimentos que já possuía (Ausubel, 1968 citado por Tavares & Alarcão, 2005, p. 104).

Também tentei adaptar os conteúdos aos interesses e características da turma, ou seja,

o ensino deve estar de acordo com os interesses e a curiosidade da criança e deve ser significativo para ela. (...) As tarefas e o material a apresentar devem ser selecionados e organizado de tal modo que a criança sinta (...) desejo de aprender (Piaget citado por Tavares & Alarcão, 2005, p. 102).

De acordo com o exposto, ao longo da Prática de Ensino Supervisionada, procurei explorar atividades diversificadas utilizando um vasto conjunto de materiais, tendo as áreas de conteúdo definidas na Organização Curricular e Programas do 1º ciclo do Ensino Básico (2006), nomeadamente, a área de expressão e educação: físico motora, musical, dramática e plástica; área do estudo do meio, a área do português e a área de matemática.

2.3.1. Expressões

As Expressões contemplam quatro áreas de estudo: Expressão e Educação Físico-Motora; Expressão e Educação Musical; Expressão e Educação Dramática; e Expressão e Educação Plástica. Estas áreas são um momento onde o aluno se pode expressar livremente e se divertir ao praticá-las, como também aprenderá mais sobre si, sobre os outros e sobre o mundo que o rodeia.

2.3.1.1. Expressão e Educação físico motora

A atividade física e desportiva no 1º CEB concretiza-se na Expressão e Educação Físico-Motora, tendo esta como objetivo primário a promoção do desenvolvimento físico, social e cognitivo do aluno.

A OCP (2009, p. 39) apresenta a divisão desta área por blocos, havendo objetivos comuns entre eles: *eleva o nível funcional das capacidades condicionais e coordenativas; cooperar com os companheiros nos jogos e exercícios; participar no aperfeiçoamento da sua habilidade.* Os blocos temáticos são: bloco 1 – “Perícia e Manipulação” (1º e 2º ano); bloco 2 – “Deslocamentos e Equilíbrios” (1º e 2º ano); bloco 3 – “Ginástica” (3º e 4º ano); bloco 4 – “Jogos” (1º, 2º, 3º e 4º ano); bloco 5 – “Patinagem” (3º e 4º ano); bloco 6 – “Atividades Rítmicas

e Expressivas” (1º, 2º, 3º e 4º ano); bloco 7 – “Percurso na Natureza” (1º, 2º, 3º e 4º ano); e bloco 8 – “Natação” (programa opcional).

A Expressão e Educação Físico-Motora é uma área que promove o movimento do corpo e visa o desenvolvimento global do ser humano.

Para Neves (2002)

A Educação Física (EF) nas escolas portuguesas é hoje uma questão de formação, de saúde e de cidadania. De formação pelo seu papel ao nível da formação de crianças e jovens em termos de estimulação e desenvolvimento das suas capacidades motoras, sócio-afetivas e cognitivas. De saúde face ao papel que o movimento assume na nossa vida e à necessidade de manter um estilo de vida ativo que se ganha pelos hábitos, atitudes e práticas desenvolvidas na escola. (...) De cidadania porque é a EF que pode proporcionar a todas as crianças e jovens uma diversidade de Atividades Físicas e Desportivas (...) a que algumas dificilmente teriam acesso. (p. 34)

Se os alunos forem alvo de um currículo equilibrado, no que diz respeito à área de educação físico motora, com aprendizagens pertinentes, eles crescem e desenvolvem-se com mais sucesso.

Assim, os alunos ao executarem diversos exercícios que envolvem a psicomotricidade, vão, aos poucos, tomando consciência de si e, ao utilizarem o seu corpo, vão apercebendo-se das suas potencialidades e limites. Para além disso, os momentos de Expressão Motora também promovem a interação com outras áreas, contribuindo, deste modo, para o desenvolvimento de competências transversais e a formação de conceitos.

Na planificação em apêndice VII, a aula foi lecionada no salão polivalente, existindo interdisciplinaridade com a área desenvolvida anteriormente.

Após o aquecimento seguiu-se a realização de dois jogos, o primeiro consistia em dividir a turma em três grupos de sete elementos, e um elemento de cada grupo tinha o nome de um dos dias da semana, um outro elemento estava de fora dos grupos, transmitia “ordens” para os elementos dos grupos cumprirem (por exemplo: domingo bate palmas, os elementos com o nome domingo de cada grupo, batiam palmas...), desta forma aprenderam os conteúdos lecionados na aula de Estudo do Meio de forma lúdica.

O outro jogo consistiu, em formar três grupos de sete elementos, um aluno ficava de fora para segurar no lenço, e um elemento de cada grupo tinha o nome de um dos dias da semana, quando ouvissem chamar pelo dia da semana que lhes correspondia teriam de ir buscar o lenço, jogando assim, o jogo do lenço mas em vez dos números eram dias da semana.

As atividades realizadas levaram à aprendizagem dos conteúdos, aprendizagem essa, que é gradual, pois os alunos vão construindo o seu saber, a partir da sua ação através da relação com o ambiente social em que vive e da relação com o professor.

2.3.1.2. Expressão e Educação Musical

A Expressão e Educação Musical é uma área lúdica e pedagógica, que permite ao aluno desenvolver capacidades expressivas e criativas e conhecimentos ao nível da música, ao mesmo tempo que se diverte ao fazê-lo. Há diferentes formas de exploração do som e o aluno reconhece-as através da exploração do seu corpo, do espaço e dos objetos. Também o canto é uma atividade da preferência dos alunos, segundo OCP (2006) uma vez que a voz é o primeiro instrumento que as crianças exploram. O programa desta área, disposto na OCP (2006), está dividido em dois blocos: o bloco 1, relacionado com jogos de exploração da voz, do corpo e dos instrumentos; e o bloco 2, relativo à experimentação, desenvolvimento e criação musical.



FIGURA 36- CANTAR AS JANEIRAS
(Fonte: própria)

2.3.1.3. Expressão e Educação Dramática

Segundo a OCP (2006), a Expressão e Educação Dramática pretende enriquecer as experiências das crianças através de atividades de exploração e de jogos dramáticos. Nesta sequência, o professor representa um *criador de situações de aprendizagem e de desenvolvimento das capacidades de cada criança, mais do que, propriamente, um ministrador de conhecimento* (Gomes & Rolla, 2003, p. 3). O programa desta área, disposto na OCP, está dividido em dois blocos: o bloco 1, referente a jogos de exploração do corpo, voz, espaço e objetos, que promovam o desenvolvimento das várias possibilidades expressivas e comunicativas ligadas às vivências e a atividades lúdicas; e o bloco 2, relacionado com jogos dramáticos, complementares aos jogos de exploração, em que se pretende trabalhar a linguagem não-verbal, a linguagem verbal e a linguagem verbal associada à linguagem gestual, a

capacidade de improvisação, a manipulação, a criatividade e imaginação, a cooperação e o trabalho em grupo.



FIGURA 37- DRAMATIZAÇÃO DE UMA CANÇÃO
(Fonte: própria)



FIGURA 38- CANÇÃO MIMADA
(Fonte: própria)

2.3.1.4. Educação e Expressão Plástica

A Expressão e Educação Plástica têm por base alguns princípios orientadores, que preconizam uma diversidade de atitudes que procuram promover o desenvolvimento do aluno a vários níveis. A manipulação e experimentação de materiais, cores e formas fazem com que o aluno, a partir de descobertas sensoriais, desenvolva a sua forma de se expressar e assim represente a realidade como ele a vê e sente (OCP, 2006). É, assim, uma excelente forma de despertar a imaginação e criatividade, desenvolver a destreza manual e permitir a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies.

É importante, pois, que o aluno se possa expressar de uma forma pessoal, não se sentindo inibido ou constrangido, exteriorizando as suas emoções livremente.

O programa de Expressão e Educação Plástica está dividido em três blocos que, por sua vez, se dividem em diferentes temas que integram vários objetivos, consoante o ano de escolaridade: o bloco 1, relativo à “Descoberta e organização progressiva de volumes”, que se divide nos temas “Modelagem e Escultura” e “Construções”; o bloco 2, que diz respeito à “Descoberta e organização progressiva de superfícies”, dividindo nos temas “Desenho”, com as componentes “Desenho de Expressão Livre” e “Atividades Gráficas Sugeridas”, a “Pintura, com as componentes “Pintura de Expressão Livre” e “Atividades de Pintura Sugerida”; e o bloco 3, relacionado com a “Exploração de técnicas diversas de expressão”, com os temas “Recorte, Colagem, Dobragem”, “Impressão”, “Tecelagem e Costura”, “Fotografia, Transparências e Meios Audiovisuais” e “Cartazes”.



FIGURA 39- ATIVIDADE PLÁSTICA, LETRA "P"
(Fonte: própria)



FIGURA 40- PINTURA DA CARA DO PAI NATAL
(Fonte: própria)

A planificação em apêndice VIII, contempla três áreas de estudo das expressões: Expressão e Educação Musical, Expressão e Educação Dramática e Expressão e Educação Plástica.

As áreas curriculares não devem ser trabalhadas isoladamente, mas sim, num todo para os alunos poderem construir um saber global fruto de aprendizagens paralelas.

Para Pombo (1993, p. 10) *a interdisciplinaridade apresenta-se como prática de ensino que promove o cruzamento dos saberes disciplinares, que suscita o estabelecimento de pontes e articulações entre domínios aparentemente afastados.*

Assim existe um relacionamento entre os conteúdos das diferentes áreas curriculares, proporcionando aprendizagens significativas.

Para que um conteúdo possa ser entendido pelo aluno o professor pode e deve combinar várias áreas curriculares, tal como afirma Pombo (1993, p. 13), *interdisciplinaridade é qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objecto.*

A ação pedagógica iniciou-se com a área de Português, com a leitura e interpretação de um poema (canção), “Á volta do pinheiro” de Fernando Gomes, Luís de Matos e de Paulo Henriques.

A leitura foi realizada de diferentes formas (rir, chorar, alto, baixo, devagar, depressa, por sexo, feminino e masculino), com o objetivo dos alunos memorizarem o poema, sem ser exaustivo. Sucedeu-se a descoberta das rimas no poema. De seguida realizou-se a análise do poema quanto à sua estrutura, posteriormente passou-se à explicação da definição de um verso e de uma quadra, efetuou-se a contagem do número de versos, em cada quadra e do número de quadras que tem o poema. Realizou-se a análise de um verso quanto ao número de palavras, número de sílabas e número de grafemas.

Após o intervalo, e em interdisciplinaridade, com a área de Expressão e Educação Musical e Dramática, os alunos ouviram o poema/canção para a aprenderem melhor e poderem, através da mímica, dramatizar a canção, dançando à volta de um pinheiro de decoração.



FIGURA 41- DRAMATIZAÇÃO DA CANÇÃO
(Fonte: própria)

Para encerramento desta sequência de atividades, os alunos realizaram em Expressão e Educação Plástica um pinheiro em 3D, recortando em cartolina as duas partes que o constituem e com papel crepe realizaram pequenas bolas amachucadas, que posteriormente colaram no pinheiro.



FIGURA 42- ENFEITE DO PINHEIRO DE NATAL
(Fonte: própria)

2.3.2. Estudo do Meio

No que concerne à área de Estudo do Meio, a OCP (2006) divide os conteúdos em vários blocos: “À descoberta de si mesmo”; “À descoberta dos outros e das instituições”; “À descoberta do ambiente natural”; “À descoberta das inter-relações entre espaços”; “À descoberta dos materiais e objetos; e “À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade”. Os objetivos propostos em cada um variam consoante o ano de ensino e estão sempre interligados entre cada sendo, por isso, explorados de forma contínua ao longo do 1º CEB.

Um dos grandes objetivos que se pretende da área de Estudo do Meio é educar o aluno numa atitude correta na sua aproximação progressiva ao conhecimento do mundo. O aluno só poderá conseguir este objetivo a partir da própria experiência, fruto de uma vivência ou da experimentação que, ao permitir-lhe mover à vontade determinadas variáveis, pode tornar presentes situações que costumam passar despercebidas.

A cada professor cabe a tarefa de planear atividades que potenciem este tipo de educação, tendo sempre presente que, mais importante será o processo e o resultado quando sejam fruto da investigação, da experimentação, da observação, do trabalho pessoal ou em equipa dos alunos. Consciente da importância do ensino experimental das ciências preconizado pela Área de Estudo do Meio, optei por elaborar estratégias que atendam a esse conteúdo.

Na planificação em apêndice IX, a ação pedagógica iniciou-se com a marcação do calendário e com o diálogo sobre a estação do ano em que nos encontramos, pretendendo-se que o aluno vá estruturando a noção do tempo.

Seguiu-se a área de Português, e como motivação inicial, a leitura e interpretação de uma história intitulada “O boneco de neve que queria ir à escola”, em power point.

De seguida trabalhou-se um poema sobre o inverno, com o objetivo da sua memorização.

Posteriormente realizou-se uma ficha de consolidação da letra “n”.

Após o intervalo passou-se à área de Estudo do Meio, com uma abordagem ao vestuário necessário, nesta época do ano. Realizou-se uma atividade no quadro, para cada menino ir vestir uma peça de roupa a dois bonecos de cartolina plastificada. Para finalizar a manhã realizou-se uma atividade experimental, (de um boneco de neve com sal fino), os alunos ficaram deliciados ao poder mexer no sal com um pouco de água, pois fazia lembrar a neve, pelo seu toque macio.



FIGURA 43- BONECO DE NEVE DE SAL
(Fonte: própria)

As atividades de ciência oferecem aos alunos a possibilidade de construírem o seu próprio conhecimento acerca do mundo de uma forma mais rigorosa e aprofundada, mediante a utilização de diversos procedimentos e capacidades (observar, registar, medir, comparar, contar, descrever, interpretar) que não são exclusivos da ciência, existindo por isso, uma forte conexão

das ciências com outros domínios, nomeadamente das expressões, da matemática e da linguagem.

É cada vez mais importante a realização de atividades de caráter experimental, pois são um instrumento chave no processo de aprendizagem científico. As ciências experimentais evidenciam uma série de potencialidades de experimentação, ao promover nos alunos a curiosidade, discussões e reflexões, bem como desenvolver um espírito crítico ao se analisar os resultados e expressá-los corretamente.

Rómulo de Carvalho afirma que *os primeiros anos da nossa vida são riquíssimos em experiências, entrámos num mundo do qual nada conhecemos e, como seres inteligentes, temos necessidade de descobrir o que se passa nesse mundo, como se passa e, até, porque se passa.* (2004, p. 40).

Esta é uma das razões pela qual a prática de atividades experimentais deve começar desde muito cedo.

Estas atividades contribuem para o desenvolvimento de competências de pensamento potenciadoras da capacidade de “aprender a aprender” de “aprendizagem ao longo da vida”.

O professor deve aproveitar esse interesse que se manifesta nelas e incentivar a sua criatividade/ curiosidade.

Encarando, desta forma, o ensino científico colabora para a construção do *saber*, do *saber-fazer* e do *saber ser* tão importantes na formação integral da criança.

2.3.3. Área do Português

Ao nível Área do Português, existem algumas alterações, por isso foi criado o documento Programas de Português do Ensino Básico (2009). Este está dividido em cinco temas: “Compreensão do oral”; “Expressão oral”; “Leitura”; “Escrita”; e “Conhecimento Explícito da Língua”. Os objetivos dos diferentes anos de escolaridade são chamados de “resultados esperados”, e as competências de “descritores de desempenho”. Também foram redigidas as *Metas Curriculares de Português para o Ensino Básico* (2012), que contêm quatro domínios: “Oralidade”, que engloba a “Compreensão do Oral” e “Expressão do Oral”; a “Leitura e Escrita”, que surgem associadas mas com funções distintas; a “Educação Literária”, onde foi criada uma lista de obras para leitura anual; e a “Gramática”, que pretende desenvolver a capacidade para sistematizar unidades regras e processos gramaticais da nossa língua de modo a fazer um uso sustentado do português padrão. Em cada domínio são indicados os objetivos pretendidos e respetivos descritores de desempenho dos alunos. Na construção das planificações das regências orientei-me pelos novos programas uma vez que o calendário para a sua implementação abrangia o 1º ano.

Segundo o PPEB (2009, p.16) a compreensão oral é *a capacidade para atribuir significado a discursos orais em diferentes variedades do português*. Esta competência envolve a receção e a descodificação de mensagens por acesso a conhecimento organizado na memória, o que implica prestar atenção ao discurso e selecionar o essencial da mensagem. Por outro lado, a expressão oral é *a capacidade para produzir sequências fónicas dotadas de significado*. Esta competência implica a mobilização de saberes linguísticos e sociais e pressupõe uma atitude cooperativa na interação comunicativa, bem como o conhecimento dos papéis desempenhados pelos falantes em cada tipo de situação.

A leitura é apresentada como um *processo interativo que se estabelece entre o leitor e o texto, em que o primeiro apreende e reconstrói o significado ou os significados do segundo*. No contexto escolar, esta atividade tem uma importância primordial, não só porque os enunciados e as propostas de trabalho são na maior parte das vezes transmitidos por escrito, mas também porque o texto escrito representa o meio privilegiado de comunicação.

A escrita é o *resultado, dotado de significado e conforme à gramática da língua, de um processo de fixação linguística que convoca o conhecimento do sistema de representação gráfica adotado, bem como processos cognitivos e translinguísticos complexos*.

O conhecimento Explícito da língua é *a refletida capacidade para sistematizar unidades, regras e processos gramaticais, do idioma, levando à identificação e à correção do erro; o conhecimento explícito da língua assenta na instrução formal e implica o desenvolvimento de processos metacognitivos*.

Segundo o programa de português do ensino básico

e pelo seu caráter transversal, o português constitui um saber fundador, que valida as aprendizagens em todas as áreas curriculares e contribui de um modo decisivo para o sucesso escolar dos alunos. Iniciada de modo natural e ambiente familiar, a aprendizagem da língua desempenha um papel crucial na aquisição e no desenvolvimento de saberes que acompanharão o aluno ao longo do percurso escolar e ao longo da vida (PPEB, 2009, p. 21)

A planificação apresentada no apêndice IX, tem como tema a Oralidade “Leitura e escrita”.

A ação pedagógica iniciou-se com a área de Português com a leitura de um pequeno texto e sua interpretação, a fim de se obter respostas completas e o uso de vocabulário adequado ao tema e à situação. Prosseguiu-se a leitura do texto em conjunto. De seguida registaram no caderno duas das frases do texto, à escolha e realizou-se o registo gráfico das mesmas, enquanto individualmente cada aluno, realizava a leitura do texto.

Como é habitual, após o intervalo, a atividade de oralidade desenvolveu-se na biblioteca do CES pela professora responsável, dando ênfase, à aprendizagem de novos vocábulos, através da história “Ninguém dá prendas ao Pai Natal”.

De regresso à sala de aula retomou-se à área de Português, com a realização de exercícios de escrita sobre o texto.

De acordo com os PPEB (2009), sugerem que, os alunos leiam individualmente de forma autónoma ou com ajuda do professor ou de um colega, leiam em pequenos grupos, leiam para outros ouvirem. Ouvir e ler são exemplos de situações de leitura a cultivar. Os espaços de leitura, dentro e fora da sala de aula, com particular relevância para a biblioteca escolar devem ser utilizados como lugares onde se vivem experiências gratificantes de contacto com os livros e com a leitura.

Para Morais a leitura - escrita é um par indissociável, pois *não há leitura senão onde há (ou, mais precisamente, onde houve) escrita* (1997 p. 109).

Qualquer coisa que uma pessoa diz pode escrever, qualquer coisa que possa escrever pode ler, de tal modo que uma boa adesão à leitura levará a uma escrita mais fácil, sendo que o insucesso escolar de certos alunos verifica-se devido à sua incapacidade de transmitir por escrito os seus saberes. A escrita permite que o aluno desloque a sua atenção para outros aspetos da resposta escrita, tais como a ortografia, a gramática, a sintaxe e, principalmente, o conteúdo do que pretende comunicar. Para além disso, aprender a escrever é aprender a organizar certos movimentos a fim de reproduzir um modelo, remetendo-nos para a importância que a psicomotricidade assume na escrita.

2.3.4. Matemática

O programa de Matemática do Ensino Básico (PMEB) (2007) possui três temas matemáticos a explorar ao longo do 1º CEB: “Números e Operações”, onde se pretende desenvolver nos alunos o sentido de número, a compreensão dos números e das operações e a capacidade de cálculo mental e escrito, bem como a de utilizar estes conhecimentos e capacidades para resolver problemas em contextos diversos; “Organização e Tratamento de Dados”, pretendendo desenvolver nos alunos a capacidade de ler e interpretar dados organizados na forma de tabelas e gráficos, assim como de os recolher, organizar e representar com o fim de resolver problemas em contextos variados relacionados com o seu quotidiano; e “Geometria e Medida”, tendo como propósito desenvolver nos alunos o sentido espacial, com ênfase na visualização e na compreensão de propriedades de figuras geométricas no plano e no espaço, a noção de grandeza e respetivos processos de medida, bem como a utilização destes

conhecimentos e capacidades na resolução de problemas geométricos e de medida em contextos variados.

As capacidades transversais, que acompanham todos estes temas e seus conteúdos, devem ser, também, trabalhadas de forma constante e contínua, sendo elas: a resolução de problemas; o raciocínio matemático; e a comunicação matemática.

Na planificação apresentada em apêndice X, a ação pedagógica iniciou-se no período da tarde com a área da matemática, mais propriamente Organização e tratamento de dados.

Através de um pequeno diálogo, explicou-se aos alunos o que é um gráfico, solicitou-se a estes que referissem o seu animal preferido, e de seguida entregou-se uns pequenos cartões para desenharem o seu animal preferido, seguiu-se a construção do gráfico de barras, no eixo vertical a quantidade do número de animais de estimação e no eixo horizontal a imagem dos animais de estimação. Posteriormente realizou-se a interpretação e discussão dos resultados, registaram numa grelha, onde relacionaram a quantidade e o nome do animal.



FIGURA 44- GRÁFICO DE BARRAS DE ANIMAIS
(Fonte: própria)

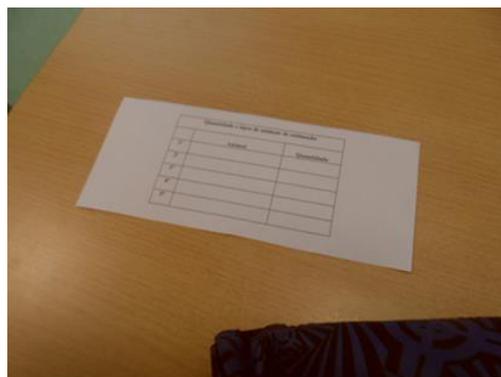


FIGURA 45- GRELHA DE RESULTADOS
(Fonte: própria)

De seguida, entregou-se a cada aluno a imagem do rosto feminino/masculino, consoante o caso, para ser pintado e ser colocado novamente num gráfico, “qual o mês do teu aniversário?”, no eixo vertical o nome dos meses do ano e na horizontal, o número de aniversariantes, por fim passou-se à sua interpretação.

Para finalizar este conteúdo, realizou-se uma ficha de aplicação de conhecimentos, individualmente e posteriormente corrigida coletivamente.

Os objetivos desta aula, foram aprender a selecionar, organizar e representar dados num gráfico, realizar a sua interpretação e discussão dos resultados, de forma a ampliar o conhecimento dos alunos, no conteúdo matemático.



FIGURA 46- FICHA DE CONSOLIDAÇÃO SOBRE OS GRÁFICOS
(Fonte: própria)

O papel do professor surge como proporcionador de novas experiências, de ambientes diversificados e adequados a cada faixa etária de forma a desenvolver diferentes competências. O docente, como qualquer outro sujeito, deve ser agente dos seus desenvolvimentos e aprendizagem e, também, dinamizador das aprendizagens dos seus alunos.

REFLEXÃO CRÍTICA

A presente reflexão pretende ser uma análise relativamente à Prática de Ensino Supervisionada (PES I e II), aos trabalhos realizados e conteúdos abordados ao longo dos semestres, bem como das minhas perspetivas futuras no que respeita à carreira docente.

Quando iniciei o curso de Educação Básica, além das expectativas, também existia algum receio. No decorrer do percurso académico, consegui com algumas dificuldades ultrapassar todos os obstáculos que me iam surgindo, tendo no entanto força de vontade para continuar de forma a alcançar os meus objetivos.

A PES I decorreu no CES, onde consegui exercer atitudes estratégicas e articular os vários saberes (assistente operacional) implementando-os numa diferente prática já conhecida pois sendo um agente desse espaço (físico e humano) como assistente operacional, com maior facilidade o consegui dominar. Não senti dificuldades na realização do meu estágio, uma vez que como já referi “estava em casa” contudo a desempenhar uma tarefa diferente. Quero referir que fiz aprendizagens importantes, efetuando a partilha e troca de saberes, desenvolvendo um espírito democrático para melhor apreender o mundo da criança.

A PESII também decorreu no CES.

Por sua vez no 1º ciclo, pretende-se que o processo de ensino aprendizagem aconteça, dando aos alunos a capacidade de adquirirem os objetivos e os conteúdos definidos.

Sendo a escola um local de desenvolvimento do aluno e de aquisição das aprendizagens necessárias ao seu crescimento intelectual, o professor, como agente e dinamizador de aprendizagens deverá fazê-lo num ambiente calmo, acolhedor e solidário. Tive o privilégio de constatar esta realidade no estágio efetuado, pois a docente é uma pessoa calma e conseguia transmitir essa postura ao seu grupo.

Atendendo a que cada aluno, tem características próprias que se refletem na forma de aprendizagem a docente ao aperceber-se de situações de dificuldades dos seus educandos, procurava utilizar estratégias que de certa forma tentassem suavizar essas dificuldades. Este tipo de atuação seria sem dúvida mais rentável se a turma tivesse um número mais reduzido de alunos; no entanto o que se tem vindo a constatar é que o número de alunos por grupo tem vindo a aumentar o que implica um maior desgaste, dificultando a atuação do professor.

No ambiente de sala de aula apercebi-me que a professora tentava:

- Reconhecer nos seus alunos a diversidade de características, pois utilizava os pontos fortes nas aprendizagens e que pretendia trabalhar /desenvolver os pontos fracos utilizava-os como ponto de partida para novas aprendizagens. Assumia também a diversidade dos seus alunos com diferentes expectativas em relação à qualidade e trabalho de forma a proporcionar sucesso. Promovia ainda práticas de responsabilidade, de criatividade e de autonomia.

Desta forma a docente conseguia proporcionar aos alunos, oportunidades para que eles pudessem desenvolver os seus saberes e competências de forma a tomarem decisões.

A mesma ao utilizar estratégias diversificadas fomentava a articulação interdisciplinar, promovia o conhecimento e a mobilização dos saberes/aprendizagens.

Como futura educadora/professora espero ser sempre uma boa influência na vida dos meus alunos, ajudá-los a resolver os problemas, poder partilhar os meus conhecimentos com eles, ensinando-lhes a serem bons cidadãos no futuro.

Em conclusão, a aprendizagem adquirida na PES, irá ser um apoio para sempre ao longo de toda a carreira enquanto docente.

É um processo que proporcionou-me enquanto educadora/professora estagiária, um desenvolvimento humano e profissional, tendo como objetivo principal preparar-me para as práticas de ensino, e resolver os problemas que possam surgir no futuro próximo enquanto docente.

CAPÍTULO III: TRABALHAR COM OS NÚMEROS NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

3. INTRODUÇÃO

Independentemente do grau de ensino a Matemática é decisiva para a estruturação do pensamento, pois o aluno vai espontaneamente construindo noções matemáticas a partir das suas vivências no dia-a-dia. É precisamente na Educação Pré-Escolar que os alunos começam a construir esta relação com a matemática. As rotinas diárias desenvolvidas oferecem diversas possibilidades de aprendizagens matemáticas, por exemplo: o número de presenças dos alunos na sala; número de alunos ausentes; número de alunos que podem brincar em cada “área da sala (cantinho)”; as tabelas de dupla entrada que existem nas salas de atividades (quadro de presenças, quadro de planeamento, quadro das tarefas e calendário (mensal ou anual); a realização de jogos individuais ou a pares, são possíveis exemplos de atividades a desenvolver.

Assim sendo, as OCEPE (2007) no domínio da Matemática, dão especial atenção ao facto de se proporcionarem experiências diversificadas no mundo numérico, de forma, a que os alunos desenvolvam competências numéricas cada vez mais complexas, permitindo uma melhor consolidação do sentido de número.

As mesmas orientações referem que o educador deve partir dos conhecimentos de que os alunos já possuem, e partindo destes *apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas.* (OCEPE, 2007, p. 73).

Perante isso, as OCEPE fazem referência à utilização de materiais de apoio às aprendizagens, sendo eles: materiais de construção (puzzles, dominós, objetos da vida corrente, desenho), (compreensão de relações topológicas) e materiais que permitam o desenvolvimento de noções matemáticas (o material *Cuisenaire*, o Calculador Multibásico, os Blocos Lógicos e o Geoplano).

Estas referem o desempenho do educador no incentivo ao questionamento, estimulação e resolução de problemas, com base em livros de histórias com números e padrões em jogos com regras simples utilizando linguagem matemática.

O jogo, encarado pelo aluno como sendo um meio de diversão, ao ser trabalhado de forma orientada, permitirá a descoberta de novas noções, bem como a compreensão de conceitos matemáticos.

A aquisição destas noções e a evolução dos seus acontecimentos deverá ser efetuada de maneira que as diversas etapas sejam ultrapassadas uma a uma.

Em relação ao sentido de número, as metas apontam para o facto de que no final da Educação Pré – Escolar o aluno já deverá ter desenvolvido as contagens (contagem oral e

contagem de objetos). Também no final deste ciclo o aluno deverá possuir a capacidade de enumerar e utilizar os nomes dos números; a compreensão do princípio da cardinalidade; o reconhecimento da mancha sem necessidade de contagem (mancha de 2 a 6 objetos). Utilizando a linguagem “mais” ou “menos” para comparar dois números, reconhecendo o número 5 como número de referência. É também importante que o aluno comece a conseguir estabelecer relações numéricas entre números até 10; relacionando a adição com o associar dois grupos de objetos e a subtração com o retirar uma dada quantidade de objetos de um grupo, para que de igual forma comece a resolver problemas simples do seu dia-a-dia recorrendo a contagem.

As metas (catorze) relativas ao subdomínio (números e operações) deverão ser trabalhadas ao longo dos três anos do jardim-de-infância para que o aluno as consiga adquirir no final deste ciclo.

As metas delineadas para o final dos quatro anos de idade são:

- 1 Classificar objetos e estabelecer relações entre eles;
- 2 Dominar o conceito de número em diversos contextos;
- 3 Utilizar os números ordinais em diferentes contextos;
- 4 Reconhecer e representar os números de 1 a 10;
- 5 Executar pequenas operações de cálculos;

Na minha planificação estiveram presentes os três primeiros princípios de Kraemer (2003), sendo estes:

1º Princípio: observar e registrar a forma de ver, pensar e calcular dos alunos como veem pensam e calculam.

2º Princípio: analisar e organizar as soluções a partir das noções, procedimentos e representação usadas pelos alunos.

3º Princípio: pensar como as condições da tarefa podem estimular os alunos a transformar as suas noções, procedimentos e representações de que dispõem num nível mais alto de compreensão.

(referido em Brocardo, Serrazina, & Rocha, 2008, p. 31)

Após um questionário efetuado pela Direção Geral da Educação do Ministério da Educação e Ciência (DGE), em dezembro de 2014, sobre a caracterização dos contextos de Educação Pré - Escolar, a educadores de infância não só da rede publica como privada, questionando a opinião relativamente às Orientações Curriculares para a Educação Pré Escolar (OCEPE), concluiu-se que os educadores da rede privada manifestaram uma opinião menos favorável em relação às OCEPE do que os da rede publica.

No entanto estas últimas revelaram a existência de um défice de conhecimentos no domínio da Matemática, mais propriamente em relação a Geometria e Medida, manifestando sentir necessidade de formação e apelando para que a formação continua nesta área facultasse brochuras para o desempenho de uma prática adequada de forma que haja uma continuidade educativa na transição da Educação Pré-Escolar para o 1º ciclo do Ensino Básico.

3.1. Contexto de estudo

Na realização do meu estágio curricular apercebi-me que cada aluno é identificado não só através do nome, como de um número que já interiorizou e reconhece. Através do número identifica o seu cabide, o seu dossier, a sua caixa de arrumação dos trabalhos realizados bem como seu lugar no comboio.

Sendo assim, cada aluno é identificado não só pelo nome, como por um algarismo, que coloca diariamente nos quadros de registo criados para o efeito. No anexo I encontra-se os registos fotográficos. Diariamente no quadro das presenças, cada um assinala o seu número de referência na linha correspondente ao dia da semana e na coluna identificada com a sua fotografia.

Para além da marcação da presença é feita a marcação da atividade que cada aluno pretende desenvolver. Para o efeito cada um coloca o seu número identificador na linha correspondente ao dia da semana e na coluna da atividade.

De um modo semelhante o educador atribui diariamente uma tarefa a cada aluno. Solicitando que este faça a leitura da tarefa que lhe foi atribuída através do seu número de identificação.

Apercebi-me também que o quadro do calendário mensal oferece dificuldade no seu preenchimento e interpretação devido ao facto de existirem crianças com algumas dificuldades no reconhecimento dos números. Mas com o decorrer do tempo e com a insistência diária do educador, penso que esta dificuldade será ultrapassada.

No final de cada semana, à sexta-feira, é realizada com o grande grupo a leitura individual de cada quadro, o que de certa forma permite que os alunos façam uma leitura matemática dos mesmos, ao interpretar cada um.

Algumas das questões que são colocadas:

- Quantos alunos vieram na 2ª feira à escola e quantos faltaram;
- Quantos alunos escolheram a área dos livros, ou dos jogos;
- Quantos alunos ficaram encarregados de verificar se os lápis estão arrumados;
- Quantos dias estiveram a chover durante a semana, etc.

Apesar do grupo já me ser familiar, agora com outros olhos consigo retirar conclusões sobre a capacidade de construção de relações mentais entre números, a perceção das quantidades e a contagem termo a termo.

Muito embora existam alunos já capazes de o fazer, o mesmo não se verifica com quatro elementos do grupo que por sinal são os mais velhos. Estes manifestam alguma dificuldade na capacidade de recitar a sequência numérica de 1 a 10, não tendo interiorizado o conceito de cardinalidade, isto é, o último termo dito corresponde ao número total de objetos contados. Além disso também manifestam dificuldade em relacionar o grafismo numérico com a quantidade a que esta está associada.

Mesmo os alunos que já são capazes de recitar a sequência numérica, por vezes manifestam dificuldade em identificar o número isoladamente, somente quando este está inserido na contagem.

Aliado ao que descrevi atrás, existem alunos com raciocínio lógico pouco desenvolvido fazendo com que a construção do conceito de número ainda seja uma dificuldade por parte de alguns. Julguei pertinente explorar mais este tema, tentando desenvolver atividades baseadas nos seguintes objetivos:

- Realizar contagens progressivas até dez (ordem crescente);
- Comparar quantidades (aspeto ordinal);
- Identificar números em contextos quotidianos (aspeto cardinal).

Também como diagnóstico e com base no jogo multibásico (anexo II) desenvolvi a contagem oral, a perceção composta, (o reconhecimento de quantidades superiores ao seis e inferior a dez). Utilizei esta ferramenta de trabalho para tentar diagnosticar o pensamento lógico.

Ao propor estas situações problemáticas tive como objetivo dar oportunidade aos alunos de usar os seus conhecimentos, pois, mesmo as respostas incorretas ou confusas seriam informativas, na medida que refletiam o seu nível de compreensão e as dificuldades sentidas.

3.2. Enquadramento teórico

No seguimento da proposta de investigação apresentada, importa refletir um pouco sobre a construção do sentido de número.

Segundo Piaget (1964), *a construção do conceito de número faz-se paralelamente ao desenvolvimento do seu sentido lógico, ou seja, o período pré-lógico da criança (5/6 anos) corresponde ao seu período pré- numérico.*

Tal como a criança é capaz de aprender uma canção, recitar uma poesia e recontar uma história ou uma mensagem, também consegue, segundo Piaget reproduzir uma sequência

numérica. No entanto ele não valoriza a contagem, pois não lhe dá prioridade na construção dos conceitos numéricos.

Uma das ideias defendidas por Piaget, e que se pode verificar nas OCEPE, é o ponto que refere: *as oportunidades variadas de classificação e seriação são também fundamentais para que a criança vá construindo a noção de número, como correspondente a uma série (número ordinal) ou uma hierarquia (número cardinal).* (OCEPE, 2007).

Na Educação Pré-Escolar, trabalham-se noções matemáticas que são fundamentais para a estruturação do pensamento e para o desenvolvimento dos alunos nas suas aprendizagens futuras, sendo considerada a fase ideal para a construção dos conceitos matemáticos, como base para o sucesso escolar e suporte de novas aprendizagens.

É portanto fundamental o desenvolvimento do sentido de número, pois este, caracteriza-se por uma compreensão global dos números e operações em simultâneo com a capacidade de utilizar essa compreensão de forma flexível. Dever-se-á desenvolver estratégias uteis de manipulação dos números e operações, começando neste grau de ensino com números pequenos.

O aluno depois de conhecer o número, de perceber a grandeza relativa do mesmo, já tem adquirido/possuído o sentido de número. O desenvolvimento do sentido de número no pré-escolar leva o aluno a desenvolver capacidades que são a base fundamental para as suas aprendizagens futuras, bem como, adquirir o gosto por esta área.

O sentido de número diz respeito à compreensão global e flexível dos números e operações com o intuito de compreender os números e as suas relações, e desenvolver estratégias uteis e eficazes para utilizarmos no nosso dia-a-dia, na nossa vida profissional, ou como cidadãos ativos. (Brocardo, Serrazina, & Rocha, 2008, p. 118).

Segundo estes autores o sentido de número pode ser utilizado em diferentes contextos e conter diferentes significados. Este engloba ainda a construção de relações numéricas de forma interligada e gradual.

As primeiras experiências dos alunos de contagem são as contagens referentes a objetos concretos, contudo, gradualmente eles vão assim desenvolvendo o sentido de número e adquirindo a capacidade, de pensarem nos números, sem a presença visual dos objetos.

Assim sendo, a predisposição para o desenvolvimento do sentido de número, é a capacidade que o aluno possui para desenvolver gradualmente o sentido de número, começando pelas contagens simples, adquirindo aos poucos competências para o cálculo (cálculo por contagem e por estruturação), desenvolvendo assim a capacidade de resolução de problemas do seu quotidiano.

As crianças não aprendem somente o número, mas antes, cada número é, nalgum sentido, aprendido separadamente e em relação com os outros números. Quanto mais sei sobre o seis, mais posso compreender acerca do sete e do oito. (Van de Walle, 1988, p. 11).

A contagem oral é sem dúvida um desafio para os alunos, sendo estimulante o decorar/recitar a sequência numérica.

Esta aprendizagem é facilitada na rotina do dia-a-dia em interação com os pares e adultos.

No entanto, o decorar a sequência numérica não é suficiente para o desenvolvimento do sentido de número. O contacto com os objetos é fundamental para a consolidação de aprendizagens (relacionar o número à quantidade de objetos).

Segundo Castro & Rodrigues (2008), para se contar objetos é necessário que o aluno domine várias capacidades que vão observando e experimentando, tanto como o apoio da contagem oral como na interação com os pares e adultos. São quatro as capacidades que o aluno precisa dominar na contagem de objetos, sendo estas:

- Que a cada objeto corresponde um e um só termo da contagem (bijetividade da correspondência);
- Como não perder nem repetir nenhum objeto;
- O conceito de cardinalidade;
- Que a contagem não depende da ordem pela qual os objetos são contados.
- O conceito de cardinalidade é a capacidade do aluno adquirir a competência de perceber, que o último termo contado corresponde ao número total de objetos contados (ligação entre o aspeto ordinal e cardinal).

3.3. Desenvolver o sentido de número

As crianças quando entram para o jardim-de-infância já possuem determinados conhecimentos informais sobre quantidades e números. Cabe ao educador proporcionar experiências de aprendizagem que possibilitem à criança apreender noções mais complexas já que, o conhecimento matemático não deriva dos objetos, mas sim das ações que se realizam sobre eles.

De acordo com Brocardo, Serrazina, & Rocha (2008) citando Piaget

a construção do conceito de número faz-se paralelamente ao desenvolvimento do seu sentido lógico, ou seja, o período pré-lógico da criança (5-6 anos) corresponde ao seu período pré-numérico. Refere, ainda, que crianças desta idade não conservam a quantidade apesar de, muitas vezes, realizarem contagens (p. 119).

Parafraseando Piaget, o conhecimento do número é lógico-matemático e é apreendido através da abstração reflexiva, pois a criança não constrói o número pela transmissão social, exclusivamente aprendendo a contar. Baroody (2002) ao citar este autor sublinhou:

O contar não era uma base importante para os conceitos numéricos e aritméticos. Na sua perspectiva, as crianças não podiam atingir a compreensão dos números e da aritmética enquanto não tivessem atingido a que chamou o estágio operacional concreto - o estágio em que elas se desenvolviam conceitos lógicos pré-requisitados e capacidade de raciocínio. Antes da idade da razão, as crianças podiam aprender a contar imitando os outros, mas não podiam usar esta competência aprendida por rotina de forma significativa - isto é, para raciocinarem sobre problemas quantitativos (p. 347).

São conhecidas experiências de conservação de número de Piaget. Exemplificando: são apresentadas ao aluno duas filas de objetos com o mesmo comprimento em correspondência biunívoca sendo uma delas encurtada ou alongada posteriormente. O aluno que, inicialmente, havia concordado que as duas filas tinham a mesma quantidade de objetos, afirma depois que a mais comprida tem mais objetos que a mais curta.

A contagem representa um papel fundamental para a aquisição de número. Tal como é defendido por Reis (2004) investigações mais recentes pós – Piaget sustentam que

a criança para um domínio específico, pode ter um entendimento que lhe traga uma nova perspectiva e lhe permita pensar sobre um problema de várias formas, sem que no entanto ele possa ser submetido às modificações do intelecto em geral (p. 52).

É interessante lembrar que *há alguns anos atrás, a investigação sobre a matemática apreendida pela criança era dominada por Piaget. No entanto, a pesquisa recente relega Piaget para o passado (Groene Kieran citado por Reis, 2004).*

Segundo Ponte & Serrazina (2000) para que a construção de número seja apreendida pelo aluno devemos proporcionar-lhe as seguintes experiências de aprendizagem:

- 1.- Classificação;
- 2.- Ordenação ou seriação;
- 3.- Sequência verbal dos números;
- 4.- Correspondência termo a termo;
- 5.- Inclusão hierárquica.

De igual modo, para Morgado citado por Ponte & Serrazina (2000) as noções fundamentais para aquisição de número são: *agrupar os objetos segundo uma propriedade comum; ordenar objetos; recitar numerais numa ordem convencional; emparelhar os objetos com numerais; dar um estatuto particular ao último numeral pronunciado a que ele denomina inclusão hierárquica dos números (p. 140).*

Assim, a noção de número pode ser adquirida por meio de atividades de contagem. A contagem de objetos é a atividade mais frequente entre os alunos da Educação Pré-Escolar que se dá pela correspondência termo a termo e a sequência numérica que o designa.

3.4. Contagem oral/objetos

Segundo Castro & Rodrigues (2008) desde muito cedo os alunos aprendem a contar em interação com outros alunos ou com os adultos; esta aprendizagem passa pela imitação aliada ao gosto que os alunos possuem em decorar coisas simples e é facilitada pelas inúmeras atividades lúdicas que podem ser desenvolvidas, tais como, canções, lengalengas, histórias, entre outras.

Para Moreira e Oliveira (2003) *quando as crianças conhecem a sequência oral dos números, tal não significa que sejam competentes nas atividades de enumeração ou contagem* (p. 115), contudo, este primeiro conhecimento constitui a base fundamental para o desenvolvimento do sentido de número. Ainda segundo as autoras, *é este conhecimento informal, baseado nas percepções, intuições e estratégias inventadas pelas crianças para lidar com as situações problemáticas quantitativas, que alicerça e dá significado aos processos cognitivos e sociais envolvidos no pensamento numérico.* (p. 114).

Primeiro comecei pela contagem oral até 10, recorrendo a histórias, canções e situações do quotidiano. Estas situações de contagem, foram desenvolvidas tanto em grande grupo como em pequeno grupo, de acordo com as oportunidades que foram surgindo. O objetivo da contagem em grande grupo era desenvolver a contagem oral nos alunos mais novos que em interação com os mais velhos, tentavam acompanhar e ao mesmo tempo adquirir a capacidade de recitar a sequência da contagem, criando as suas próprias sequências, até conhecerem a correta.

Foram proporcionadas algumas canções, tais como: “Bati à porta do número ...” e a história “Todos no sofá”.

Também recorri a uma caixa de material Cuisenaire, (anexo III) em que sempre que um aluno, ou um grupo de alunos se mostravam interessados em explorar, aproveitava o momento e explorava este material para desenvolver a contagem oral e a contagem de objetos, a correspondência termo a termo, o conceito de cardinalidade e a contagem não dependente da ordem.

Para o meu estudo estabeleci uma série de objetivos específicos, baseados nos objetivos defendidos por Castro & Rodrigues (2008), para a promoção das aprendizagens, sendo estes:

- Princípios da contagem;
- Princípios da construção de relações numéricas.

3.4.1. Princípios da contagem:

- Desenvolver a sequência da contagem oral levando o aluno:
 - Ao conhecimento da sequência dos números com um só dígito (1,2,3,4,5,6,7,8,9);
 - À compreensão de que o nove implica transição (9,10,...).
- Desenvolver o relacionamento dos diferentes significados e utilizações dos números;
- Desenvolver a capacidade de estabelecer correspondência um a um entre o objeto e a palavra número (termo);
- Levar o aluno a adquirir a capacidade de perceber:
 - Que a cada objeto corresponde um e um só termo da contagem;
 - Como não perder nem repetir nenhum objeto;
 - O conceito de cardinalidade (o último termo dito corresponde ao número total de objetos contados);
 - Que a contagem não depende da ordem pela qual os objetos são contados.
- Desenvolver o sentido ordinal do número (sequência numérica organizada como uma ordem);
- Desenvolver no aluno capacidade de contagem progressivamente mais elaboradas, contagem crescente e decrescente – contar a partir de uma certa ordem.

3.4.2. Princípios da construção de relações numéricas:

- Desenvolver a percepção de valores pequenos sem proceder à contagem (*Subitizing*), ou seja, a percepção visual simples (quantidades inferiores a 6) levando à percepção composta (quantidades superiores a 6);
- Desenvolver a capacidade do aluno relacionar os números entre si, ou seja, a relação entre as quantidades. Que o número dois é maior que um e que um é menor que dois;
- Desenvolver a capacidade de relação entre o número 5 e o número 10, sendo por exemplo a soma do número seis com o número quatro, igual ao número dez.
- Ajudar a construir as relações entre os números, levando os alunos sem contar conseguirem ter a percepção de que por exemplo; $3 + 2$ são 5. A soma do número três mais o número dois é igual ao número cinco.

3.5. Tarefas

Como já referi existem alguns alunos com raciocínio lógico pouco desenvolvido. Para tentar colmatar algumas lacunas no reconhecimento e representação dos números até 10 e no preenchimento de sequências, irei desenvolver atividades baseadas nos seguintes objetivos:

- ✓ Realizar contagens progressivas até 10;
- ✓ Comparar quantidades;
- ✓ Identificar números em diferentes contextos;

Também utilizei o material multibásico efetuando atividades (jogos) que contemplassem o diagnóstico dos alunos, focalizando-me mais nos que oferecem maiores dificuldades.

Como nos encontramos numa época festiva, a Páscoa, pensei que a melhor forma de motivar os alunos, seria relacionar as tarefas propostas com as vivências desta época, de maneira que a sua participação fosse mais ativa e entusiástica. Tratando-se de um grupo heterogéneo (4/5 anos) procurei realizar tarefas onde todos pudessem participar. Assim a primeira tarefa foi dirigida a todo o grupo. A segunda somente aos alunos de quatro anos. A terceira foi também dirigida ao grande grupo. A quarta para os alunos de cinco anos.

Partindo da leitura do livro “Os ovos da Páscoa do Bolinha” de Eric Hill apresentei então quatro tarefas:

- 1ª - Leitura do livro e exploração das imagens e conceitos;
- 2ª- Exploração de um jogo em Power Point;
- 3º- Realização e registo do jogo “Vamos procurar ovos da Páscoa”
- 4ª- Realização e registo do jogo “Brincar com ovos”.

Com estas tarefas procurei atingir os seguintes objetivos matemáticos:

- Desenvolver o pensamento lógico-matemático.
- Utilizar os princípios da contagem de forma adequada (sequência de palavras, correspondência um a um e reconhecimento do cardinal).
- Relacionar o término da contagem com a quantidade de objetos contados (cardinalidade);
- Desenvolver o sentido de ordinalidade;
- Compreender e estabelecer relações aditivas e subtrativas entre números;
- Comunicar raciocínios e procedimentos;
- Reconhecer e nomear as noções espaciais básicas:
 - Perto/longe
 - Entre
 - Ao lado de
 - Em cima/em baixo,
 - Em cima de/debaixo de,
 - À frente/atrás,
 - Esquerda/direita
 - Último /primeiro...

Para além destes procurei outros de carácter mais geral tais como:

- Desenvolver uma compreensão matemática;
- Construir matemática de modo autónomo;
- Desenvolver atitudes positivas face à matemática;
- Possuir capacidade de iniciativa e confiança em si mesmo.

Irei apresentar de seguida as quatro tarefas e como estas se desenrolam em contexto de sala de aula, colocando alguns excertos dos diálogos realizados.

3.5.1. Primeira tarefa – exploração do livro (todas as idades)

Material – Livro “Bolinha e os ovos da Páscoa”

A hora do conto, que acontece diariamente no Jardim de Infância logo a seguir ao almoço, apresentei e li ao grupo de alunos um livro que a mensagem eles desconheciam “Os ovos da Páscoa do Bolinha”. Sei por experiência, que gostam muito de ouvir histórias, e manifestam bastante interesse em fazê-lo. Após a leitura, foi efetuada a exploração da mesma procurando direccionar as perguntas para noções de orientação no espaço, sentido cardinalidade e ordinalidade do número. Seleccionei diversas questões que me ajudaram a atingir os objetivos propostos para esta atividade. Exponho de seguida um pequeno diálogo que realizei com os alunos.

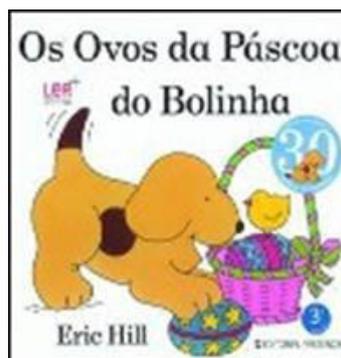


FIGURA 47- HISTÓRIA EXPLORADA
(Fonte: própria)

Prof. - Quais são os animais que entram nesta história?

M. - O Bolinha, a Lena e o coelhinho da Páscoa.

L. - E a mãe do Bolinha.

Prof. - Então quantos são?

C. - São quatro.

Prof. - E qual deles escondeu os ovos?

J. - Foi o coelhinho.

Prof. - Quantos ovos escondeu o coelhinho D.?

D. - Seis ovos.

Prof. - Quem encontrou o primeiro ovo?

M. - Foi o Bolinha.

Prof. - E quem encontrou o segundo?

F. - Foi a Lena.

Prof. - E onde estava o terceiro ovo que foi encontrado pelo Bolinha?

S. - Em cima da árvore, dentro do ninho.

Prof. - Já encontraram três ovos. Quantos ainda faltam encontrar?

J. - Faltam três.

Prof. - A Lena encontrou o quarto ovo. Onde estava?

M. - Atrás da saca.

Prof. - Nesta folha onde está escondido o coelhinho?

F. - Dentro do relógio.

....

3.5.2. Segunda tarefa- exploração do jogo em power point (quatro anos)

Material- apresentação do power point



FIGURA 48- JOGO EM POWER-POINT
(Fonte: própria)

A mensagem da história fala-nos de um coelhinho que tinha escondido ovos e o seu amigo Bolinha (cão) teria que tentar encontrá-los.

Na imagem, além dos animais encontrava-se o registo gráfico dos números (2,3,4...). Se o aluno acertasse eu mostrava-lhe uma cara sorridente, pelo facto de ter acertado; se não

conseguisse fazer eu mostrava-lhe uma cara triste, pelo facto de não ter acertado. De seguida encorajava-o a efetuar outra tentativa.

No caso de encontrar o ovo teria que referir o local.

Foram trabalhadas assim as seguintes noções: em cima, em baixo, entre, dentro, fora, à frente/atrás, à esquerda, à direita e a noção de número.

Digitalizei as imagens do livro e realizei com elas um pequeno jogo em Power Point para ajudar na consolidação de alguns conceitos referidos na tarefa anterior.

Os alunos de 4 anos exploraram esta apresentação no dia a seguir a audição da história. Sentadas em semicírculo, manobravam o rato do computador ao mesmo tempo que eu ia lendo a mensagem da mesma, efetuando perguntas e indicando os passos que teriam que dar.

3.5.3. Terceira tarefa – realização e registo do jogo “Vamos procurar ovos da Páscoa” (todas as idades)

Material: Vários ovos de chocolate de cores diferentes, escondidos previamente por mim em diferentes locais da sala e uma folha de registo.



FIGURA 49- "DENTRO DA CAIXA DE LÁPIS"
(Fonte: própria)



FIGURA 50- "ATRÁS DOS BLOCOS LÓGICOS"
(Fonte: própria)

Os alunos teriam que procurar os ovos segundo orientações dadas por mim. Como participaram todos, as orientações eram mais simples para os mais novos (quatro anos) sendo um pouco mais complexas para os mais velhos (cinco anos).

Como incentivo e orientação eu cantei uma pequena canção “coelhinho da Páscoa que escondeste aí, um ovo, dois ovos três ovos para mim”.

- Ó C. terás que dar dois passos para a frente, seguidos de dois passos para a direita. Agora vais olhar para o móvel que está situado à tua frente e irás tentar procurar o ovo que está

dentro de um saco amarelo, localizado atrás de uma das caixas dos trabalhos dos meninos. (conseguiu encontrar sem dificuldades).

- Ó F, vais tentar procurar o ovo que está dentro do copo vermelho debaixo da mesa, no canto da escrita. (também encontrou sem dificuldades)

- Ó M, vais tentar procurar o ovo que está atrás da caixa do jogo dos blocos lógicos. (encontrou sem dificuldades)

- Ó S, vais tentar procurar o ovo que está debaixo do boneco dentro do carinho das bonecas. (encontrou sem dificuldades)

- Ó I, vais procurar o ovo que está na porta do lado direito do armário dos jogos. (notou-se que ficou atrapalhado, pois não conseguiu diferenciar a direita da esquerda).

- Ó M, vais tentar procurar o ovo que está dentro do último copo azul no armário da casinha das bonecas. (encontrou sem dificuldades)

- Ó F, vais colocar-te à esquerda da M.. Agora vais dar dois passos para trás e tentar encontrar o ovo que está situado dentro de uma caixa na última prateleira do armário. (hesitou um pouco mas conseguiu localiza-lo)

- Ó J, vais procurar o ovo que está dentro do último copo de lápis. (hesitou um pouco, e só com ajuda conseguiu entender a mensagem “último copo”)



NOME DO ALUNO	QUANTIDADE DE OVOS ENCONTRADOS
SARA	
FREDERICO	1
PEDRO	
FRANCISCO	
BEATRIZ	1
MARTIM	1
MATEUS	
LEONOR	1
FRANCISCA	1
ICHI	1
MIGUEL	1
BARBARA	1
FRANCISCA S.	
JOÃO	1
CLARA	1
SOFIA	1
DENNIS	
LARA	1
MATILDE	1
MAFALDA	
DIANA	1

FIGURA 51- REGISTO DOS OVOS ENCONTRADOS
(Fonte: própria)

Conforme iam encontrando os ovos, cada um efetuava o registo numa folha onde previamente estavam escritos os nomes deles e tinham que registar a quantidade de ovos encontrados.

Todos os alunos procuraram e encontraram um ou dois ovos, exceto oito que não estavam presentes, pelo facto de se encontrarem doentes. De seguida cada aluno picotou/recortou o

número de ovos encontrados (todos da cor que encontraram), para com os mesmos efetuarem o preenchimento de um pictograma. Solicitei sugestões para o nome do pictograma, tendo ficado: “Quantos ovos escondeu o coelhinho da Páscoa?”



FIGURA 52- ELABORAÇÃO DO PICTOGRAMA
(Fonte: própria)



FIGURA 53- NOME DO PICTOGRAMA
(Fonte: própria)

Dialogámos depois sobre as informações que o pictograma nos sugeria, e paralelamente fui efetuando várias perguntas às quais os alunos iam respondendo:

Prof. - Quantos ovos, conseguiu esconder o coelhinho D?

D. - Quinze - respondeu ela depois de os contar um a um.

Prof. - Qual das cores tem mais ovos?

C. - É a cor verde.

Prof. - Muito bem e quantos são ao todo I.?

I. - São cinco.

Prof. - Qual das cores tem ovos pequenos?

F.- É a cor-de-rosa.

Prof. - Quantos são ao todo?

L.- São três.

Prof. - Então quantos são os ovos pequenos?

Verificou-se alguma hesitação.

Prof. -Terás que contar os ovos pequenos de todas as cores (amarelos, vermelhos e cor de rosa).

I. - São seis, contando-os.

Prof. - Quais são as cores que têm o mesmo número de ovos?

M. - A vermelha e a cor-de-rosa.

Prof. - Haverá mais ovos verdes ou cor-de-rosa?

F. – Verdes.

Prof. - Então quantos são ao todo os verdes, mais os cor-de-rosa?

M. - São oito.

Prof. - Haverá mais ovos amarelos ou vermelhos?

S. - Amarelos.

Prof. - Haverá mais ovos vermelhos ou cor-de-rosa?

Aqui verificou-se hesitação/confusão por parte de alguns alunos que afirmavam que havia mais ovos vermelhos; talvez por serem dois grandes e um pequeno, ao passo que os cor-de-rosa eram todos pequenos. Repetimos a contagem várias vezes até que a L. conseguiu entender e afirmou:

L. - São três ovos vermelhos e são três ovos cor-de-rosa.

Prof. - Quantos são os ovos verdes mais os ovos cor-de-rosa, F.?

F. - Os verdes são cinco e os rosa são três.

Prof. - Então quantos são na totalidade?

F. - São oito, respondeu depois de os contar.

Prof. - Quantos são na totalidade os vermelhos, os amarelos e os cor-de-rosa?

B.- São dez - respondeu depois de os contar um a um.

Prof. - Quantos amarelos serão necessários juntar para que o número seja igual aos ovos verdes?

M. - Um.

Prof. - Qual deles terá mais ovos, o verde ou o amarelo?

L. - O verde.

Prof. -Então, quantos tem a mais?

Inicialmente não perceberam. Contámos uns, contámos os outros; repeti a pergunta e responderam-me ao mesmo tempo o M e a S.

M. e S. - Tem dois.

Prof. - Se eu te desse a escolher que ovos preferias; os verdes, os amarelos, os vermelhos, ou os cor-de-rosa?

M. - Os verdes.

Prof. - Porquê?

I. - Porque são mais, são cinco.

...

3.5.4. Quarta tarefa- brincar com ovos (cinco anos)

Material: 1 caixa com “orifícios” para seis ovos, dez ovos de chocolate com duas cores, uma folha de papel e canetas coloridas.

Realizei esta tarefa com todos os alunos de cinco anos mas vou apenas referir-me o que aconteceu com a aluna D. Chamei-a, dizendo-lhe que gostaria de fazer um jogo com ela na área da matemática. Dirigiu-se ao cantinho da matemática, feliz por ter sido a escolhida. Em cima da mesa eu já tinha colocado uma caixa fechada. Dentro desta encontrava-se uma caixa de ovos. Ao lado estava um saquinho com ovos de chocolate. Pedi-lhe que abrisse a caixa e ela perguntou

D - São ovos, vamos fazer um bolo?

Prof. - Abre o saquinho.

D - Ah! são ovos de chocolate, posso comer um?

Prof. - Não, primeiro vamos fazer um jogo, argumentei.

Tirou então a caixa dos ovos e o saquinho com os ovos de chocolate.

Disse-lhe que podia brincar livremente com os ovos e com a caixa. A primeira coisa que fez foi encher a caixa com os ovos tendo verificado que estes não cabiam todos na caixa.

Prof. - Então o que aconteceu?

D - Estes quatro não couberam.

Fez nova tentativa retirou os ovos da caixa e fez uma pausa para observar.

Prof. - Consegues colocar todos os ovos nas cavidades da caixa?

Sem me responder distribuiu seis ovos pelos lugares da caixa. Olhou para mim para ver a minha reação. Foi então que perguntei:

Prof. -Então que aconteceu?

D. - Olha ficaram quatro de fora.

Prof. - Então para caberem os ovos todos o que é que teremos que fazer?

D. - Arranjar uma caixa maior. - Respondeu ela.



FIGURA 54- RETIRAR OS OVOS DO SACO
(Fonte: própria)



FIGURA 55- BRINCAR COM OS OVOS
(Fonte: própria)

1º Proposta – Pedi-lhe que contasse os ovos e ela fê-lo corretamente “dez”. Depois pedi-lhe que contasse os orifícios da caixa e ele respondeu - “São seis”. “ Então se tu colocasses um ovo em cada orifício de quantos ovos irias precisar?” “De seis”- respondeu sem hesitar.



FIGURA 56- CONTAGEM DA TOTALIDADE DOS OVOS
(Fonte: própria)

Guardei então os quatro ovos que sobravam e fui sugerindo outras propostas:

2ª Proposta – Dei-lhe dois ovos para colocar na caixa, da forma que quisesse. Depois pedi que fechasse a caixa, e pedi que referisse quantos estavam no interior da caixa. Dei-lhe mais dois, perguntando-lhe quantos estavam agora na caixa. Ela contou pelos dedos e respondeu:

D.- Quatro.

Prof. - Tens agora 4, e se eu te der mais 1 com quantos irás ficar?

D.- Cinco.

Prof.- Se te der mais algum, será que ainda consegues que ele caiba no interior da caixa? Ela hesitou. Relembrámos então, registando numa folha de papel, quantos orifícios tinha a caixa e, quantos ovos, já lá estavam colocados. Foi então que conseguiu responder que ainda cabiam. Dei-lhe mais um fechámos a caixa. Perguntei quantos faltavam e logo me respondeu que não faltava nenhum, pois já não havia nenhum espaço vazio; argumentando que agora já estava completa.

Prof. - Então já não cabem mais?

D. - Não, já te disse que está cheia.

3ª Proposta – Pedi-lhe ainda para colocar na caixa os seis ovos distribuídos um a um, pelos orifícios. Depois sem que ela se apercebesse fui retirando os ovos 1 a 1, perguntando-lhe quantos iam ficando na caixa. Respondeu sem hesitações não manifestando dificuldades.

4ª Proposta – Pedi que colocasse quatro ovos na caixa e que de seguida a fechasse, perguntando-lhe quantos ovos faltavam para encher a caixa? Ela colocou os ovos na caixa e não teve dificuldades em responder. - Faltam dois.

5ª Proposta – Depois de relembrarmos quantos ovos eram necessários para encher a caixa (contando novamente os espaços), sugeri que retirasse três, dos seis ovos. Fê-lo contando um a um. Perguntei-lhe se eram suficientes para encher a caixa. Respondeu que não. Perguntei-lhe então quantos teria que colocar para que a caixa ficasse cheia. Revelou alguma hesitação. Então sugeri que desenhasse numa folha de papel para facilitar. Foi então quando desenhou os três ovos, contando-os. Depois desenhou mais três e conseguiu responder que teria que colocar mais três.

6ª Proposta – Dei apenas um ovo e perguntei quantos faltavam para encher a caixa. Já conseguiu responder sem hesitar que faltavam 5.

Realizei ainda algumas operações de subtração, onde demonstrava algumas dificuldades que eram superadas depois de concretizadas.

A atividade correu bem. Tanto a D., como as outras crianças de cinco anos mostraram interesse e empenho na sua realização.

3.6. Reflexão sobre as aprendizagens matemáticas dos alunos

Em relação à primeira atividade, exploração do livro, os alunos mantiveram-se atentos e muito participativos. Conseguiram responder a todas as perguntas com entusiasmo e no final tive que recontar a história. Não manifestaram muitas dificuldades mesmo ao nível do sentido ordinal do número, pelo facto de diariamente trabalharem estes conceitos (por ex. no comboio quando vão buscar as mochilas para o lanche “Agora vai buscar a mochila a S que é o número um portanto é o primeiro”, “Agora é o F. que é o número dois ou seja o segundo...”)

A segunda atividade, exploração do jogo em Power Point, teve como objetivo a motivação para uma melhor consolidação das aprendizagens dos alunos de 4 anos.

A capacidade de orientação no espaço começa a desenvolver-se desde muito cedo (primeiros anos) e para tal é importante proporcionar aos alunos oportunidades para que possam desenvolver essa capacidade. Saber localizar um objeto ou uma pessoa, bem como, ser capaz de usar termos específicos nessa localização.

Assim, na terceira atividade, procurei desenvolver essas capacidades e sempre que um aluno encontrava um ovo, incentivava-o a contar aos outros onde é que o tinha encontrado, tendo que usar termos associados às diferentes localizações. Desta forma, cada um teve que registar numa folha à frente do seu nome, através de traços coloridos, quantos ovos encontrou.

Seguidamente esboçou-se um pictograma para organização de dados. Foi atribuído um nome ao pictograma e efetuamos a sua exploração. Escolhi este tipo de gráfico tendo em conta o nível de desenvolvimento do grupo, uma vez que os pictogramas são os gráficos que os alunos desta idade conseguem interpretar melhor. Apercebi-me que os alunos manifestaram interesse e empenho e, que à medida que surgiam dúvidas, entre eles tentavam esclarece-las. Depois com a minha ajuda chegavam a uma conclusão.

É fundamental que os alunos façam atividades em conjunto mesmo aquelas que são direcionadas os mais velhos, uma vez que é através da observação/experimentação que estes vão adquirindo aprendizagens, devendo criar-se estratégias que os ajudem a ultrapassar as dificuldades.

Na última atividade, destinada aos alunos de 5 anos, estes demonstraram muito interesse e curiosidade, reagindo com agrado às propostas que no geral foram de fácil execução. Por vezes utilizavam como estratégia contar pelos dedos quando estavam com dúvidas. Sabe-se que os primeiros cálculos que os alunos realizam são cálculos por contagem. *Algumas crianças utilizam os dedos como forma de representar a situação. Os dedos são um excelente meio de representação de quantidades inferiores a 10 e constituem, também, um precioso auxiliar a quando dos primeiros cálculos com quantidades não visíveis* (Castro & Rodrigues, 2008, pág. 37). Apenas demonstraram alguma dificuldade na proposta três quando tiveram que contar em ordem decrescente. Dai ter que proporcionar experiências para exercitar a contagem decrescente.

Após a realização desta atividade com os alunos de 5 anos, resolvi também efetuar com um aluno de 4 anos. Depois de uma breve explicação, conseguiu responder e concretizar o registo do jogo. Moura (1990) defende que:

o jogo na educação matemática tem uma intencionalidade, ele deve ser carregado de conteúdo. E um conteúdo que não pode ser apreendido pelo aluno apenas no manipular livremente objetos. É preciso jogar e ao fazê-lo é que se constrói o conteúdo a que se quer chegar.

O conteúdo matemático não deve estar no jogo, mas no ato de jogar [...] o jogo tem um desenvolvimento próprio. (p. 65)

A grande maioria dos alunos já tem algum conhecimento da sequência numérica. Os mais velhos (cinco anos) já conseguem contar até trinta e nove e alguns dos mais novos (quatro anos) também já vão conseguindo contar até dez. Os alunos que já o conseguem fazer de forma acertada ainda não são capazes de relacionar o último número dito com o número concreto de objetos.

A relação entre ordinal e cardinal ainda não está bem concretizada.

Assim estes alunos mais novos necessitam de exercitar a contagem e correspondência termo a termo através de muitas experiências significativas.

Sabemos que os alunos se vão apropriando de determinados conceitos matemáticos através de aprendizagens informais e através de atividades lúdicas intencionalmente preparadas, sempre com recurso ao questionamento sobre aquilo que eles vão descobrindo. É desta forma que desenvolvem processos de abstração e generalização que os conduzem à construção, sistematização e consolidação de conceitos matemáticos.

Apesar dos alunos terem tido uma atitude bastante participativa, demonstrando gosto em todas as atividades realizadas, penso que o meu desempenho foi bastante positivo na medida em que tentei colmatar algumas lacunas tendo verificado hesitações/dificuldades.

Também gostaria de referir que o facto de me ser um grupo “familiar” pois desempenhando o papel de assistente operacional, com o referido grupo, pude continuar a desenvolver esta temática sempre que surgia uma oportunidade; uma vez que a titular do grupo o permitiu.

Posso também referir que no final do ano, estas crianças já conseguiam dominar muito bem o conceito de número.

3.7. Reflexão sobre as aprendizagens do educador/ professor

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, o desenvolvimento da matemática nos primeiros anos é fundamental pois alicerça aprendizagens, ajuda a promover o sucesso das aprendizagens futuras e tem utilidades na vida quotidiana.

O trabalho desenvolvido, foi sem dúvida, uma reflexão sobre algumas atividades no domínio da Matemática analisando não só as aprendizagens adquiridas pelos alunos mas, também, as aprendizagens adquiridas por mim. E, como é sabido, estamos sempre a aprender, mesmo em situações da maior simplicidade.

Penso que os objetivos delineados para as tarefas propostas foram cumpridos. Não foram tarefas completamente novas para mim. O trabalhar a abstração, utilizando a caixa dos ovos para ocultar os objetos, foi novidade para o grupo de alunos.

As aprendizagens matemáticas não se podem dissociar da linguagem, como tal o aluno tem de descrever a ação que está a realizar, tem de interiorizar o conceito assim como deve ser capaz de designá-lo, isto numa ótica de articulação com o 1º CEB, pois o programa de matemática refere a necessidade da correta utilização da linguagem matemática. A comunicação matemática oral é tão importante como a escrita.

O recordar das potencialidades de desenvolvimento de competências matemáticas através do aproveitamento de vivências do dia-a-dia, em que as crianças podem espontaneamente construir noções matemáticas.

Penso que como “educadora” tenho um papel fundamental nas primeiras aprendizagens. Devo questionar o aluno, inquiri-lo, incentivá-lo na resolução de problemas e a utilizar uma linguagem matemática correta. Devo proporcionar ao aluno oportunidades de raciocinar de maneira a descobrir a solução de um problema a partir dos seus próprios conhecimentos. Devo também valorizar o conhecimento e as vivências dos alunos, aproveitando todas as oportunidades que vão surgindo.

O trabalho desenvolvido foi benéfico. Trabalhei toda uma série de atividades muito interessantes e diversificadas. Penso ter beneficiado, os alunos dando-lhes a possibilidade de um maior sucesso educativo.

Da qualidade desta iniciação na área da matemática, através de atividades lúdicas e de vivências do quotidiano no Jardim de Infância, dependerá muito o interesse do aluno pela matemática no futuro. Nós educadores temos um papel importantíssimo nesta apetência e por isso devemos ter o cuidado de possibilitar um constante contacto com situações potencializadoras de aprendizagem da matemática pois a matemática está presente no nosso dia-a-dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste relatório resultou do interesse em aprofundar conhecimentos no domínio da linguagem matemática no jardim-de-infância.

Neste estudo pretendi seguir um percurso que esclarece sobre o trabalho que deve ser feito em termos da matemática em contexto pré-escolar e sobre a importância do desenvolvimento intencional da mesma em alunos de 4/5 anos de idade e a sua implicação para o sucesso futuro da aprendizagem da matemática.

No decorrer do mesmo surgiram algumas dúvidas que foram sendo superadas com a colaboração do professor orientador. Como já referi pretendi realizar a minha investigação na área da matemática e mais propriamente sobre o conceito de número. Na abordagem deste conceito recorri a uma avaliação direta que constou da observação do grupo e de cada aluno em particular, nomeadamente através do diálogo do preenchimento do quadro das presenças, do planeamento e o calendário, em contexto de sala de aula e ainda através do jogo multibásico e o cuisenaire.

Como estávamos a vivenciar a quadra pascal, focalizei os jogos nesta temática (Páscoa). No decorrer das atividades formulei algumas questões aos alunos. Ao fazê-lo tive como intenção educativa desenvolver nos alunos algumas intenções matemáticas, como sendo a capacidade de comunicação matemática e ainda, promover a atividade pela descoberta, defendida por (Sprinthall& Sprinthall 1999 p. 242).

O recurso a esta metodologia tornou-se um contributo no sentido de levar o aluno a ser *um agente ativo na construção do seu próprio conhecimento e realidade* (Tavares et al 2007 p. 37).

Após a realização deste estudo penso que os objetivos traçados se cumpriram na medida que consegui, através de jogos/atividades apresentados às crianças, constatar e verificar o desempenho na aquisição nos conceitos matemáticos (noção de número). Por outro lado permitiu verificar como é essencial trabalharem-se conceitos matemáticos em contexto pré-escolar. Estes irão contribuir para motivar/estimular o aluno em futuras aprendizagens nesta área.

Quero ainda referir a importância do recurso na exploração de jogos ou a outros materiais manipuláveis.

Para se trabalharem conceitos matemáticos, pois estes *constituem um recurso privilegiado na aprendizagem de conteúdos e tópicos matemáticos* (Ministério da Educação 2001 p. 71).

A utilização destes materiais influenciam a motivação e predisposição dos alunos para a aprendizagem. Por isso o educador deve ser criterioso em escolher o jogo e o material a adotar para trabalhar determinado tema.

CONCLUSÃO

No término de uma Prática de Ensino Supervisionada (PES), é possível afirmar que foi uma experiência bastante positiva na aquisição de aprendizagens para a minha formação profissional e pessoal, constituindo uma mais-valia e uma referência para o meu desempenho profissional. Não quero deixar de salientar de quanto é imprescindível uma excelente intervenção da parte do professor, devendo retratar um papel de *agente central na organização do ambiente educativo, nomeadamente, a intenção com que planeia o seu trabalho.*

Só assim, o aluno se assumirá como agente ativo em torno do processo de construção do conhecimento *cabem, assim, ao professor planejar situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras de modo a interessar e em estimular cada criança, apoiando-a para que chegue a níveis de realização a que não chegaria por si só.* (Moreira & Oliveira, 2003, p. 21).

Tive a preocupação de estar atenta às tarefas diagnósticas, para de certa forma poder proporcionar algumas aprendizagens ao grupo. À medida que consolidava o seu conhecimento, proporcionava tarefas/atividades aumentando o grau de complexidade. Apesar de já ter uma experiência na área da educação pré-escolar, constatei que uma metodologia ativa e demonstrativa é um método de trabalho excelente para aquisição e prática de conhecimentos.

Consegui sem dúvida desenvolver um trabalho proporcionando não só aprendizagem aos alunos como também adquiri conhecimentos bastante enriquecedores para o meu currículo pessoal / profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrantes, P. Alonso, L. Peralta, M. H. Cortesão, L. Leite, C. Pacheco, J. A. Fernandes, M. & Santos, L. (2002). *Reorganização Curricular do Ensino Básico: Avaliação das Aprendizagens*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Alarcão, I., & Tavares, J. (2007). *Supervisão da prática pedagógica: Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Almedina.
- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Amadora: Editora McGraw-Hill.
- Abreu, I., Sequeira, A., Escoval, A. (1990). *Ideias e histórias*. Instituto de inovação educacional.
- Baroody; A. J. (2002). *Incentivar a Aprendizagem Matemática das Crianças*. In B. Spodek (org) *Manual de Investigação em Educação de Infância pp. 333 – 390* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Barros, M & Palhares, P. (1997). *Emergência da Matemática no Jardim – de – Infância*. Porto: Porto Editora
- Boggino, N. (Maio/Agosto 2009). *A avaliação como estratégias de ensino. Avaliar processos e resultados*. Argentina: Sísifo/ Revista de Ciências da Educação, nº9.
- Buescu, H., Morais, J., Rocha, M. R., & Magalhães, V. R.. (2012). *Metas curriculares de Português para o ensino básico: 1º, 2º e 3º Ciclos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Brazelton, T; Sparrow, J. a 6 anos: *momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. Tradução Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- Brocardo, J., Serrazina, L., & Rocha, I. (2008). *O sentido de número – reflexões que entrecruzam teoria e prática*. Lisboa: Escolar Editora.
- Carvalho, R. (2004). *Cadernos de iniciação científica*. Lisboa: Relógio d'água.
- Castro, J., & Rodrigues, M. (2008). *Sentido de Número e Organização de Dados - Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Direção - Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular
- Coll, C. (1999) *Psicologia da Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Condemarín, M. & Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre: Artes médicas
- Dias, E. (2008) *Possíveis Percursos Pedagógicos para o Desenvolvimento do Imaginário Infantil. Pedagogia do Imaginário Infantil*, pp: 19-79. Lisboa: Instituto Piaget.
- *Enciclopédia de Educação Infantil – volume VI* (1997). Nova presença.

- Fonseca, V. (1989) - *Desenvolvimento Humano: da filogénese à ontogénese da motricidade*, Ed. Notícias, Lisboa.
- Gomes, Á., & Rolla, J. (2003). *Brincar a ser – Expressão e Educação Dramática no 1º CEB*. Porto: Porto Editora.
- Hill, E. (2007) *Os ovos da Páscoa do Bolinha*. Editorial Presença.
- Luquet, G. (1979) (Trad). Azevedo, M.T. *O Desenho Infantil*. Porto: Livraria Civilização Editora
- Maria, A. & Nunes, M. maio 2007). *Atividade Física e Desportiva – 1º Ciclo do Ensino Básico: Orientações Programáticas*. Lisboa: Ministério da Educação, DGIDC.
- Marques, R. (1993). *O papel das comunidades na educação. In Educação para todos – A construção local dos currículos – A relação escola meio, caderno PEPT nº 5*. ME
- Medeiros, F. (2012). *A Educação Físico-Motora na Educação Pré-Escolar e no ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico: Pensar em Práticas de Intervenção Promotoras de Aprendizagens*. Açores: Departamento de Ciências da Educação Universidade dos Açores.
- Mialaret, G. (1981). *As Ciências da Educação*. Lisboa: Moraes Editores.
- Ministério da Educação. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*. Lisboa: Departamento de Educação Básica.
- Ministério da Educação (2006). *Organização Curricular e Programas do 1ºCEB (5ª ed)*. Lisboa: DGIDC
- Ministério da Educação (2007). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: DGIDC.
- Ministério da Educação (2007). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: ME, DGIDC.
- Ministério da Educação. (2009). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. (4ªed)*. Lisboa: DGIDC.
- Ministério da Educação (2009). *Programas de Português do Ensino Básico*. Lisboa: ME, DGIDC.
- Migueis, M., Azevedo, M. (2007). *Educação Matemática na Infância – Abordagens e desafios*. Vila Nova de Gaia: Gailivro
- Morais, J. (1997). *A arte de ler – Psicologia cognitiva da leitura*. Lisboa: Cosmos.
- Moreira, D.,& Oliveira, I. (2003). *Iniciação à matemática no Jardim de Infância*. Lisboa: Universidade Aberta
- Moura, M. O. (1990). *O Jogo na Educação Matemática*. Idéias, São Paulo.

- N C T M (2000). *Principles and Standards for School Mathematics*. Reston, Va: National Council of Teachers of Mathematics.
- Neves, R. (2002) *Educação física nas escolas do 1.º ciclo de Lisboa –oportunidade de negócio ou baldio pedagógico?* A página da educação, nº 118, p.34.
- *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. (1997). Ministério da Educação.
- Oliveira, Z. (2002) *Educação infantil; Fundamentos e Métodos*. São Paulo: Cortez.
- Palacios, J.; Coll, C., Marchesi, A. (1995) *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Papalia, D. Olds, S. e Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. 8ª edição. Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- Piaget, J. (1977). *A linguagem e o pensamento da criança* (1ªed.). Moraes Editores.
- Pol, E; Morales, M. (1982) *El espácio escolar, um problema interdisciplinar*. Cuadernos de pedagogia, Barcelona, nº 86, p5.
- Pombo, O. e Guimarães, H. (1993) *A Interdisciplinaridade – A Reflexão e a Experiência*. Lisboa: Texto Editora.
- Ponte, J., & Serrazina, M. (2000). *Didática da matemática do 1º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Postic, M. (1979). *Observação e formação de professores*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Reis, R. (2004). *Desenvolvimento do Raciocínio Matemático*. Lisboa: Universidade Aberta
- Richards, R. ; Jones, L.. (1993). *Primeiros passos na Matemática*. Editorial Verbo
- Santos, A. (1989). *Do Jogo às Expressões Artísticas. Cadernos de Educação de Infância, nº10*. Lisboa: Ed. A.P.E.I.
- Silva, I. et al. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica, Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar.
- Sim-Sim, I., Silva, A., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância – Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sprinthall, N., & S Sprinthall, R. (1999). *Psicologia Educacional*. Amadora: McGRAW - HILL.
- Tavares, J.; Alarcão, I. (1990) *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.

- Tavares, J., Alarcão, I. (2005). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Coimbra: Almedina.
- Tavares J, Pereira A, Gomes A, Monteiro S & Gomes A. (2007). *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Porto: Porto Editora.
- Teixeira, O. & Ludovico, A. (2007), *Educação Pré-escolar: Currículo e Supervisão*. Penafiel: Editorial Novembro.
- Unesco (1978). *Declaração Universal dos Direitos dos Animais*. Bruxelas, Bélgica, 27/01.
- Valadares, L. (2007). *Leitura: Práticas sedutoras*. Porto: Edições Gailivro
- Van de Walle, J. (1988). *Iniciação ao desenvolvimento das relações numéricas*. *Arithmetics Teacher*, traduzido por: Ângela Fortes e Isabel Lula, revisto e adaptado por Lurdes Serrazina.
- Zabalza, M. (1998). *Didática da Educação infantil*. Coleção Horizontes da Didática: Edições Asa.

Legislação referenciada

Decreto-Lei nº43/2007 de 22 de fevereiro. *Diário da República nº38/2007 – I série*. Ministério da Educação. Lisboa. Dispõe sobre as condições necessárias à obtenção de habilitação profissional para a docência num determinado domínio.

Lei nº49/2005 de 30 de agosto. *Diário da República nº166/2005 – I série*. Assembleia da República. Lisboa. Lei de Bases do Sistema Educativo.

Decreto-Lei 107/2008 de 25 de junho. *Diário da República nº121/2008 – I série*. Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Lisboa. Dispõe sobre o progresso da concretização do Processo de Bolonha ao nível do sistema de ensino.

Decreto-Lei nº137/2012 de 2 de julho. *Diário da República nº137/2012 – I série*. Ministério da Educação. Lisboa. Dispõe sobre a administração e a gestão escolar.

Decreto-Lei nº 5/97, Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar. Diário da República, I Série – A, de 10 de Fevereiro, nº 34 – disponível em: <http://dre.pt/pdf1sdip/1997/02/034a00/0600673.PDF>

Webgrafia

Imagem dos concelhos que compõem o distrito da Guarda:

www.mapadeportugal.net/distrito.asp?n=guarda, acedido a 05/04/2015, às 18h34m;

Consulta do site do Ministério da Educação e ciência

<http://www.portugal.gov.pt/pt/os-ministerios/ministerio-da-educacao-e-ciencia/sobre-o-ministerio-da-educacao-e-ciencia.aspx>, acedido a 05/04/2015, às 11h24m.

Consulta do site do Ministério da Educação

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_eafm_programa_1c_0.pdf acedido 0/4/2015, às 14h35m

Imagem da cidade de Seia

www.facebook.com/noticiadeseia/photos/a. acedido 24/7/2015

Imagem do Agrupamento de Escolas Guilherme Correia de Carvalho

www.portadaestrela.com/fotos/333/6169.JPG _acedido 23/7/2015, 17h21m;

Imagem do Centro Escolar de Seia

www.tophl.com/Images/Thumb/084f1877-b0af-43d4-a79e-63dfc6a252e8.jpg acedido 23/7/2015, 17h35m;

Dados do Instituto Nacional de Estatística, Censos 2011

censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos_2011_apresentação_&xpid=CENSOS acedido 20/5/2015, 14h46m;

Sistema Educativo

<http://www.min-edu.pt/index.php?s=sistema-educativo&pid=140> acedido 15/6/2015

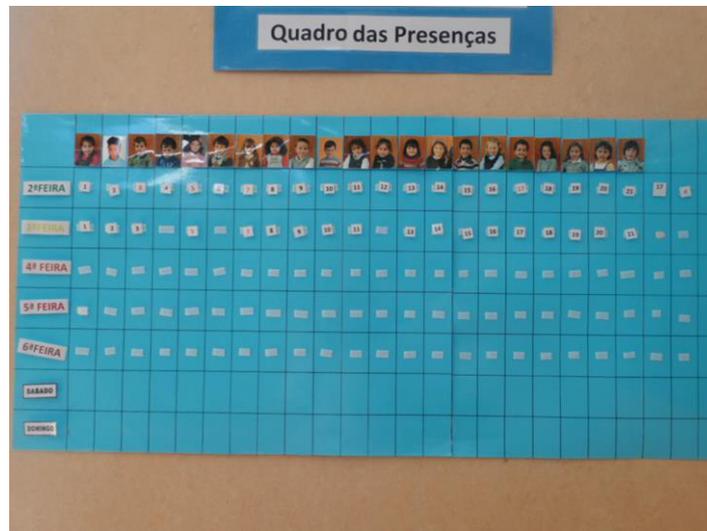
Relatório sobre a caracterização dos contextos de Educação pré escolar (2014)

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/curriculo/elnfancia/relatorio_final_inqueritoextensivo_dez_2014.pdg acedido 5-8-2015

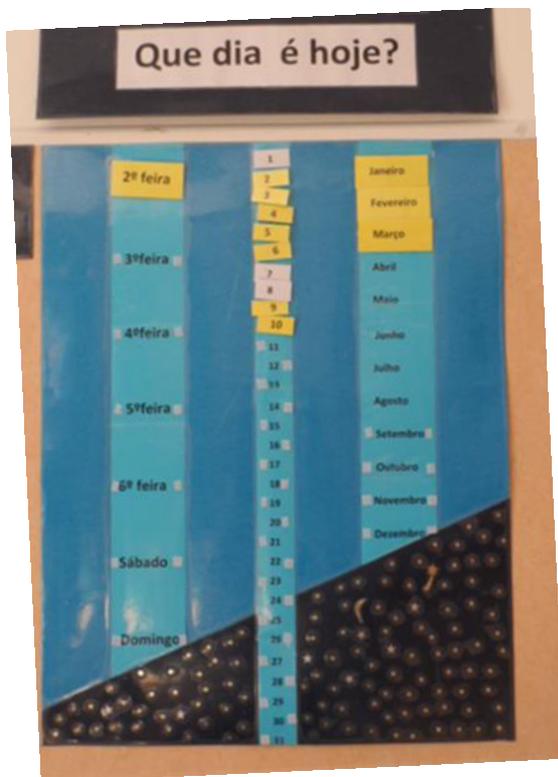
ANEXOS

Anexo I

Quadro das Presenças



Que dia é hoje?

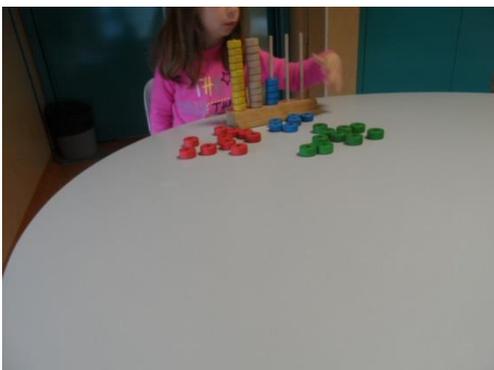


Quadro do Planeamento



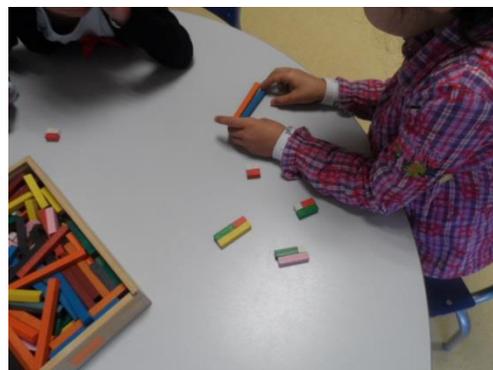
Anexos II

Material multibásico



Anexos III

Material Cuisenaire



APÊNDICES



Apêndice I
PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Nível de Ensino: Pré - Escolar Aluna: Paula Vale		Intervenção nº 18			Data: 4/4/2014 Sexta - feira	
					Tempo: 9h-12h/14h-16h	
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação		
Formação Pessoal e Social -Expressão Musical - Domínio da Matemática	<ul style="list-style-type: none"> - Estabelecer laços de afetividade com crianças / adultos; - Adquirir normas de conduta social; -Desenvolver a memória auditiva - Preencher o quadro das presenças; - Identificar e contar as crianças presentes e ausentes; - Nomear os dias da semana; -Identificar os números do dia do mês do ano; -Identificar e contar as crianças presentes e ausentes; - Nomear os dias da semana; - Identificar os números do dia do mês do ano; 	<ul style="list-style-type: none"> - Diálogo - Canção dos bons dias 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro das presenças - Quadro do tempo - Calendário - Recursos humanos Voz 	Observação direta		
Conhecimento do Mundo Formação Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer as relações temporais ontem, hoje e amanhã; - Tomar consciência do desenrolar do tempo; - Nomear a estação do ano e as suas características; Promover a interiorização de valores; 	<ul style="list-style-type: none"> - Diálogo sobre o dia do nariz vermelho, 				Observação direta
Expressão e						

<p>Comunicação:</p> <p>Domínio da Expressão Dramática</p>	<p>- Promover o intercâmbio entre os elementos do CES;</p>	<p>justificando porque e como se irá comemorar;</p>		
<p>Conhecimento do Mundo</p>	<p>Revelar aprendizagens sobre profissões;</p>	<p>- Formação de um nariz gigante com todos os alunos, pessoal docente e não docente do CES;</p> <p>- Diálogo/exploração das profissões ligadas à área da saúde (hospital) e centro de saúde;</p>		<p>Observação direta</p>
<p>Expressão Dramática</p>	<p>-Proporcionar vivências em contexto de jardim-de-infância;</p> <p>Reproduzir vivências e aprendizagens;</p>	<p>- Dramatização de um smile apenas com os alunos do jardim-de-infância;</p>		<p>Observação direta</p>
<p>Expressão e Comunicação</p> <p>Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<p>- Incentivar a imaginação e a criatividade;</p> <p>- Saber adequar os materiais de forma criativa;</p>	<p>-Observação/diálogo sobre as imagens fotografias obtidas das vivências realizadas pelos alunos do CES;</p> <p>- Realização de desenhos sobre a “operação nariz vermelho”;</p>		

Expressão Plástica		- Elaboração de narizes com as tampas dos garrafões;		
Expressão Dramática	- Recriar situações;	Recriação/dramatização de um nariz apenas com os alunos da sala de atividades;	- Folhas de papel - Lápis - Tampas de garrafões - Elástico	Observação indireta
	- Alargar o jogo simbólico;	- Dramatização de situações da vida real (vivências das idas ao hospital ou ao centro de saúde);		Observação direta

Processos de Operacionalização:

Após a rotina diária, o diálogo será conduzido para uma reflexão sobre os valores (solidariedade). O donativo (dinheiro) arranjado na aquisição dos narizes, imanes e camisolas, reverterá para ajudar os “doutores palhaços” a espalhar sorrisos e alegria às crianças doentes que estão nos hospitais.

Seguidamente o diálogo irá incidir nas profissões ligadas à área da saúde (médicos, enfermeiros e auxiliares) e a sua atuação.

Para concretizar esta operação os alunos dirigir-se-ão ao salão polivalente, trajados com uma camisola vermelha e um nariz vermelho para juntamente com os alunos das outras salas incluindo os alunos do 1º ciclo formarem um nariz vermelho gigante.

Na formação deste nariz também irão fazer parte todos os docentes e não docentes do CES.

Após o almoço, mais propriamente no período da tarde, os alunos, farão uma reflexão do porquê e como se realizaram as atividades do nariz vermelho.

Para a concretização desta vivência realizar-se-ão desenhos e elaborar-se-ão narizes, diferentes dos adquiridos, com as tampas dos garrafões.

Os alunos terão que recriar a mesma vivência apenas com os elementos (crianças) da sala. Irão também realizar jogos na área do faz de conta, vivenciando situações de ida ao centro de saúde e hospital, utilizando apetrechos do baú das trabalhadas.

Sumário: Diálogo sobre a mensagem da “operação nariz vermelho”; conversas/ vivências sobre as profissões associadas a área da saúde, dramatização de um nariz gigante em articulação com os alunos do 1º ciclo. Realização de trabalhos na área da expressão plástica alusivos à temática do “nariz vermelho”.



Apêndice II
PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Nível de Ensino: Pré - Escolar Aluna: Paula Vale		Intervenção nº 19		Data: 7 /4/2014 Segunda - feira	
				Tempo: 9h-12h/14h-16h	
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação	
Formação Pessoal e Social -Expressão Musical - Domínio da Matemática	<ul style="list-style-type: none"> - Estabelecer laços de afetividade com crianças / adultos; - Adquirir normas de conduta social; -Desenvolver a memória auditiva - Preencher o quadro das presenças; - Identificar e contar as crianças presentes e ausentes; - Nomear os dias da semana; -Identificar os números do dia do mês do ano; -Identificar e contar as crianças presentes e ausentes; - Nomear os dias da semana; - Identificar os números do dia do mês do ano; 	<ul style="list-style-type: none"> -Diálogo - Canção dos bons dias 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro das presenças - Quadro do tempo - Calendário - Recursos humanos Voz 	Observação direta	
Conhecimento do Mundo Expressão Físico Motora	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer as relações temporais ontem, hoje e amanhã; - Tomar consciência do desenrolar do tempo; - Nomear a estação do ano e as suas características; - Promover jogos incutindo o cumprimento de regras explorando o movimento do corpo; - Desenvolver a coordenação motora e o equilíbrio; 	Realização de jogos tais como: andar para			

<p>- Formação Pessoal e Social</p>	<p>- Consciencializar a criança/aluno para a importância de outros seres vivos (aves)</p>	<p>- Diálogo sobre as características morfológicas, alimentares, reprodutoras e habitat das aves;</p>	<p>- Imagens de aves</p>	
<p>Conhecimento do Mundo</p>	<p>- Despertar /sensibilizar e desenvolver na criança o sentido de observação e curiosidade;</p>	<p>-Conto de uma poesia de Miguel Torga “ Sei de um ninho”;</p>		
<p>Expressão e Comunicação Oral</p> <p>-Domínio da linguagem</p>	<p>- Criar hábitos de leitura;</p> <p>- Levar a criança a compreender e reproduzir;</p> <p>- Incentivar a criança a pesquisar;</p>	<p>-Diálogo sobre a mensagem da poesia.</p> <p>-Reconto da poesia;</p> <p>- Jogos à procura de palavras começadas pela mesma letra e palavras com a mesma terminação;</p>	<p>- Poesia</p>	<p>Observação direta</p>
	<p>- Realizar trabalhos a três dimensões;</p>	<p>- Realização de atividades de rasgagem e colagem de jornal em balões (técnica do balão);</p> <p>- Realização de ovos de gelatina;</p>	<p>- Balões</p> <p>- Jornal</p> <p>- Cola branca</p> <p>- Pincéis</p>	<p>Observação direta</p>
<p>Expressão Plástica</p>	<p>- Fomentar uma atitude experimental</p>		<p>- Gelatina</p> <p>- Água</p> <p>- Ovos sem o seu interior</p> <p>- Caixa de ovos</p>	

Conhecimento do Mundo			- Colher - Fervedor	Observação direta
-----------------------	--	--	------------------------	-------------------

Processos de Operacionalização:

Após a rotina diária, as crianças dirigir-se-ão ao salão polivalente afim de usufruírem da aula de expressão físico- motora, como habitualmente às segundas feiras. Apesar da aula não ser realizada pelo professor, em virtude deste se encontrar a dinamizar as atividades do footpáscoa, esta irá ser orientada por mim. Iniciarei a aula com exercícios de motivação/aquecimento que implique em andar, correr, parar, saltar, rodopiar, pé-coxinho ... realizar-se-ão jogos que promovam o cumprimento de regras, tais como: andar para a direita, esquerda, frente e trás; posicionar-se a frente de..., atrás de..., à direita de..., à esquerda de..., rastejar por cima de..., por baixo de...

Seguidamente as crianças colocar-se-ão em fila, sentadas em linha reta para a realização de um jogo com ovos de esferovite. Pedir-se-á às crianças que se inclinem para a frente com os olhos fechados. Nesse espaço de tempo será escondido um ovo de esferovite. Depois, mediante uma ordem as crianças retomarão a posição inicial, para que a criança solicitada se levante e vá à procura do ovo. Caso sinta dificuldade, facultar-se-á pistas. Este jogo/atividade será realizado por todas as crianças individualmente.

Realizar-se-ão ainda deslocações no espaço, tendo cada criança que o fazer, transportando um ovo, ora na mão direita, ora na mão esquerda. Depois formar-se-ão pares, em que os elementos de cada par terão que se colocar frente a frente para a realização do jogo” atirar/apanhar ovos”.

Para finalizar as crianças sentar-se-ão em círculo a fim de realizarem o jogo do lencinho, mas desta vez o lencinho será colocado num cestinho.

Com estas atividades/jogos pretendo trabalhar o desenvolvimento da coordenação motora, do equilíbrio e da coordenação óculo manual. Pretendo ainda promover a orientação espacial, não descurando a socialização e o desenvolvimento de iniciativas. Depois do lanche o diálogo será direcionado para as “aves”. Através da observação de imagens de diversos tipos de aves, falar-se-á das características morfológicas, alimentares, reprodutoras e habitat, não descurando chamadas de atenção para atitudes de respeito perante as mesmas.

Seguidamente as crianças ouvirão o conto de uma poesia de Miguel Torga “ Sei de um ninho”. Falar-se-á sobre a mensagem da poesia e realizar-se-ão jogos de palavras que terão que observar no registo escrito da mesma. Nestes jogos as crianças/alunos terão que visualizar palavras iguais; palavras começadas com a mesma letra e palavras que tenham a mesma terminação.

Seguidamente o diálogo será conduzido para a realização de uma atividade de expressão plástica, onde as crianças irão trabalhar a “técnica do balão”. Inicialmente terão que rasgar tiras em papel de jornal para depois serem colocadas por cima de um balão cheio de ar.

Para encerramento do dia as crianças vão ter a oportunidade de realizar uma atividade de seu agrado” feitura de ovos de gelatina”.

O ovo será picado em ambas as extremidades, para depois ser soprado a fim de se retirar o conteúdo. Seguidamente será, lavado e tapado numa das extremidades para depois ser colocado a embalagem/caixa de ovos.

As crianças farão uma gelatina de morango e framboesa, que seguidamente será colocada individualmente (com ajuda) em cada ovo, através de uma seringa de pasteleiro.

Sumário: Realização de jogos na área de expressão motora; visualização/diálogo de imagens de aves (características morfológicas, alimentares, reprodução e habitat); conto de uma poesia “ Sei de um ninho”; jogos de palavras; atividade de expressão plástica (técnica do balão). Confeção de ovos de gelatina.



**Apêndice III
PLANO DE AULA**

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Nível de Ensino: Pré - Escolar		Intervenção nº 10		Data: 25/3/2014 Terça - feira	
Aluna: Paula Vale		Tempo: 9h-12h/14h-16h			
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação	
Formação Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none"> - Estabelecer laços de afetividade com crianças / adultos; - Adquirir normas de conduta social; 	-Diálogo	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro das presenças - Quadro do tempo - Calendário 	Observação direta	
Expressão e Comunicação -Expressão Musical	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a memória auditiva 	- Canção dos bons dias	<ul style="list-style-type: none"> - Recursos humanos Voz 		
- Domínio da Matemática	<ul style="list-style-type: none"> - Preencher o quadro das presenças; - Identificar e contar as crianças presentes e ausentes; - Nomear os dias da semana; - Identificar os números do dia do mês do ano; 				
Conhecimento do Mundo	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e contar as crianças presentes e ausentes; - Nomear os dias da semana; - Identificar os números do dia do mês do ano; 				
Formação Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer as relações temporais ontem, hoje e amanhã; - Tomar consciência do desenrolar do tempo; - Nomear a estação do ano e as suas características; 				
Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none"> - Proporcionar novas experiências desenvolvendo a capacidade de observação atenciosa; 				

Formação Pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a imaginação e as possibilidades de expressão; - Desenvolver o controlo do traço e a motricidade fina; - Proporcionar novas experiências desenvolvendo a capacidade de observação e atenção; 	<ul style="list-style-type: none"> - Audição de uma história contada por um pai; - Desenho alusivo à mensagem da história; - Contorno e recorte de orelhas de coelho; 	<ul style="list-style-type: none"> - Folhas de papel - Lápis de cor - Cartolina branca e rosa - Tesoura - Elástico 	Observação direta
Expressão Dramática	<ul style="list-style-type: none"> -Desenvolver o jogo simbólico através da linguagem não verbal; - Partilhar momentos de alegria e diversão; 	<ul style="list-style-type: none"> - Audição de uma história contada por uma prima de uma criança; - História dramatizada de coelhinhos; - Exploração de gestos que substituem a linguagem oral; 	<ul style="list-style-type: none"> - Orelhas de coelhos 	Observação indireta
				Observação direta

Processos de Operacionalização:

Após a rotina diária e o lanche da manhã, as crianças serão contempladas com a presença de um pai para contar uma história. Seguidamente irão elaborar a ilustração da mesma.

Também irão contornar e recortar orelhas de coelho para a realização de uma dramatização.

No período da tarde desenvolver-se-á um diálogo sobre graus de parentesco em virtude de serem contempladas com a audição de uma história contada por uma prima. Após o registo gráfico da mesma irão realizar o jogo simbólico. Através de linguagem gestual haverá a dramatização de uma história inventada pelas crianças, cujas personagens serão coelhinhos.

Sumário: Audição de histórias. Registo gráfico das mesmas. Dramatização de uma história de coelhinhos.



Apêndice IV
PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Nível de Ensino: Pré - Escolar Aluna: Paula Vale		Intervenção nº 21		
		Data: 22 /4/2014 Terça - feira		
		Tempo: 9h-12h/14h-16h		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Formação Pessoal e Social -Expressão Musical - Domínio da Matemática	<ul style="list-style-type: none"> - Estabelecer laços de afetividade com crianças / adultos; - Adquirir normas de conduta social; -Desenvolver a memória auditiva - Preencher o quadro das presenças; - Identificar e contar as crianças presentes e ausentes; - Nomear os dias da semana; -Identificar os números do dia do mês do ano; -Identificar e contar as crianças presentes e ausentes; - Nomear os dias da semana; - Identificar os números do dia do mês do ano; 	<ul style="list-style-type: none"> -Diálogo Canção dos bons dias 	<ul style="list-style-type: none"> - Quadro das presenças - Quadro do tempo - Calendário - Recursos humanos Voz 	Observação direta
Conhecimento do Mundo Formação Pessoal Social	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer as relações temporais ontem, hoje e amanhã; - Tomar consciência do desenrolar do tempo; - Nomear a estação do ano e as suas características; -Descrever vivências; - Apelar para a importância das tradições e costumes; 			
Conhecimento do Mundo	<ul style="list-style-type: none"> -Reconhecer e nomear iguarias; 	<ul style="list-style-type: none"> -Diálogo sobre as vivências do Domingo 		Observação direta

Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver formas pessoais de expressar vivências; 	de Ramos, da Páscoa e da Pascoela;		
Domínio da Linguagem Oral	<ul style="list-style-type: none"> - Levar a criança a participar ativamente em diálogos; - Aprender a valorizar a linguagem oral e escrita como forma de comunicação; 	<ul style="list-style-type: none"> - Diálogo/registo sobre as iguarias que se consomem na Páscoa; - Desenho alusivo sobre as vivências Pascais; - Descrição de factos vivenciados com os padrinhos; - Leitura de um texto/história “ Como é que os passarinhos fazem os ninhos?” 	<ul style="list-style-type: none"> - Folhas de papel - Lápis de cor - História “ como é que os passarinhos fazem os ninhos?” 	Observação indireta
Conhecimento do Mundo	<ul style="list-style-type: none"> - Sensibilizar para o habitat das aves; 	<ul style="list-style-type: none"> - Diálogo/conversa sobre a necessidade de se ter um abrigo e de como é feito o abrigo das aves; 		Observação direta
Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none"> - Experimentar e desenvolver técnicas de expressão plástica; - Utilizar os materiais e as técnicas de forma criativa; - Caracterizar trabalhos a três dimensões; 	<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração de um ninho com o balão (já elaborado); - Decoração do ninho com palhinhas cortadas; - Pintura de ovos (técnica do balão); 	<ul style="list-style-type: none"> - Cola - Palhinhas - Tesouras - Balões - Tintas - Pincéis 	Observação direta

Processos de Operacionalização:

Após a rotina diária o diálogo será conduzido com base na reflexão das vivências que as crianças tiveram na Páscoa (interrupção das atividades letivas). Para consolidação dos relatos terão que efetuar um registro escrito (desenho).

À medida que forem terminando, irão para o espaço exterior brincar com as crianças das outras salas.

Depois do almoço irão ouvir um pequeno texto/história intitulado: “Como os passarinhos fazem os ninhos”. Este tem como base a motivação para a elaboração/decoração de ninhos em virtude dos trabalhados balões trabalhados já estarem secos.

Após um diálogo sobre a mensagem da história e uma reflexão sobre o habitat das aves cada criança irá elaborar o seu ninho. Para isso terá que com a ajuda de uma tesoura cortar as palhinhas para depois as colar no ninho. As crianças mais velhas terão ainda que pintar os ovos também feitos com a técnica do balão, para depois de abertos lhes ser colocado dentro um passarinho feito em lã.

Sumário: Diálogo sobre as iguarias da Páscoa. Leitura da história “Como é que os passarinhos fazem os ninhos”. Elaboração/decoração de ninhos e ovos.



Apêndice V
PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Nível de Ensino: Pré - Escolar Intervenção nº 25

Data: 29 de Abril de 2014

Tempo: Período da manhã

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Expressão Musical	- Desenvolver a memorização auditiva; - Enriquecer o património musical;	- Aprendizagem da canção "Gosto de flores"	- Computador - CD	
Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral	- Desenvolver e estimular a oralidade e capacidade de concentração;	- Leitura da mensagem da canção "Gosto de flores"	- Letra da canção	
Expressão Dramática	- Desenvolver a expressão corporal como complemento da comunicação verbal;	- Dramatização da canção "Gosto de flores"		
Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	- Articular corretamente as palavras, desenvolvendo a linguagem verbal;	- Diálogo sobre a mensagem da canção; - Registos orais e seguidos de registos escritos, sobre o que é a Primavera;	- Folhas de papel - Canetas de filtro - Lápis de cor	
Domínio da Expressão Plástica	- Levar as crianças a comunicar verbalmente e por escrito; - Desenvolver destrezas manipulativas e sentido estético; - Estimular a prática de atitudes experimentais; - Desenvolver o sentido de experimentação/observação;	- Elaboração de uma flor a partir de uma figura quadrangular. - Dobragem das pétalas;	- Papel de lustro de várias cores - Flores de papel de lustro - Recipiente com água	

<p>Conhecimento do Mundo</p>	<p>- Compreender o desenvolvimento do jogo; - Explorar as potencialidades do corpo;</p>	<p>- Experiência com flores de papel; - Diálogo sobre a execução do jogo;</p>	<p>- Lenço</p>	
<p>Expressão Físico- Motora</p>		<p>- Realização de um jogo que implica deslocação com regras previamente estabelecidas.</p>		

Processos de Operacionalização: Após a rotina diária, as crianças ouvem a canção “ Gosto de flores”, de seguida é lida a mensagem da mesma, para que as crianças aprendam melhor o seu conteúdo e possam posteriormente através da mímica dramatizar a canção. É ainda desenvolvido um diálogo sobre a mensagem da canção e feito registos orais, seguidos de registos escritos sobre o que é a Primavera, para cada uma das crianças.

De seguida será dado às crianças um quadrado em papel para a realização de uma flor que servirá de base a uma experiência.

Corta-se um quadrado de papel. Dobra-se ao meio e, depois novamente ao meio. Desenha-se a forma de uma pétala a partir do canto dobrado e recorta-se. Abre-se o papel, depois, dobra-se a ponta de cada pétala para o centro, vinca-se bem todas as dobras. Enche-se um recipiente com água e coloca-se a flor lá dentro.

Para finalizar vão realizar um jogo (adaptação do jogo do lenço) no espaço exterior, as crianças são divididas em dois grupos, cada elemento do grupo terá um nome de uma flor e a estagiária ficará no meio dos dois grupos com o lenço na mão e chamará por exemplo “ malmequer” e as duas crianças correspondentes ao nome desta flor, percorrem o caminho até chegar ao lenço e têm que retirar e fugir para o seu grupo, se a criança que apanhar o lenço conseguir chegar ao seu grupo sem ser tocada pela outra criança do outro grupo fica com um ponto, mas se for tocada pela criança do outro grupo quem ganha um ponto é o outro grupo; ganhará o grupo com mais pontos.

Sumário: Aprendizagem da canção “Gosto de flores” empregando a linguagem oral e gestual. Diálogo sobre a mensagem da canção. Registos orais e escritos sobre o que é a Primavera. Realização de uma experiência com flores de papel. Realização de um jogo “adaptado ao jogo do lenço” no espaço exterior.



Apêndice VI
PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Nível de Ensino: Pré - Escolar

Intervenção nº 12

Data: 27/3/2014 Quinta - feira

Aluna: Paula Vale

Tempo: 9h-12h/14h-16h

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Formação Pessoal e Social	- Estabelecer laços de afetividade com crianças / adultos; - Adquirir normas de conduta social;	-Diálogo	- Quadro das presenças - Quadro do tempo - Calendário	Observação direta
-Expressão Musical	-Desenvolver a memória auditiva;	- Canção dos bons dias	- Recursos humanos Voz	
- Domínio da Matemática	- Preencher o quadro das presenças; - Identificar e contar as crianças presentes e ausentes; - Nomear os dias da semana; - Identificar os números do dia do mês do ano; - Identificar e contar as crianças presentes e ausentes; - Nomear os dias da semana; - Identificar os números do dia do mês do ano;			
Conhecimento do Mundo	- Reconhecer as relações temporais ontem, hoje e amanhã; - Tomar consciência do desenrolar do tempo; - Nomear a estação do ano e as suas características;			
Expressão e Comunicação - Domínio da Linguagem Oral	- Saber interpretar as imagens como forma de comunicação e aprendizagem;			
Conhecimento do Mundo	- Reconhecer e nomear as características da estação do ano.	- Observação/ leitura de imagens da primavera;		

<p>- Domínio da Expressão Plástica</p> <p>Formação Pessoal e Social</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Adotar comportamentos saudáveis em relação à natureza; - Desenvolver a capacidade de observação / atenção; 	<ul style="list-style-type: none"> -Saída ao exterior para observação da natureza; - Diálogos e registos escritos sobre o que se visualizou; - Relato das observações feitas no passeio realizado ao exterior para observação da natureza; - Diálogo sobre a importância das atitudes a ter com a natureza; - Visualização de um power point sobre a “primavera” 	<ul style="list-style-type: none"> - Folhas de papel - Lápis de cor 	<p>Observação direta</p>
<p>Expressão Musical</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a capacidade de escutar; 	<ul style="list-style-type: none"> - Audição da canção da Primavera - Elaboração de conjuntos de flores e folhas; - Formação de conjuntos tendo em conta a propriedade dos elementos (cor, forma e tamanho) - Associação de quantidade ao número; Contagem; 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador 	<p>Observação indireta</p>
<p>- Domínio da Matemática</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Enunciar propriedades e características de um conjunto; - Formar conjuntos atendendo a critérios; - Identificar e nomear números; 	<ul style="list-style-type: none"> - Associação de quantidade ao número; Contagem; 	<ul style="list-style-type: none"> - Flores - Folhas 	<p>Observação direta</p>



Apêndice VII
PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Professor orientador: Florbela Antunes	Professor cooperante: Virgínia Almeida
Nível de Ensino: 1º ano	Local de estágio: Centro Escolar de Seia
Data: 13/11/2014	Tempo: 14h- 16h

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Estudo do Meio À Descoberta de Si Mesmo Expressão e Educação Físico-Motora	Descrever a sucessão de atos praticados ao longo do dia, da semana... Reconhecer unidades de tempo: dia e semana. Realizar ações motoras básicas de deslocamento; Promover a aprendizagem das relações no espaço; Promover o jogo incutindo o cumprimento de regras explorando o movimento do corpo; Desenvolver a atenção e concentração.	Conhecer os dias da semana. Aquecimento; Realização de dois jogos, articulando os movimentos com os conteúdos aprendidos a Estudo do Meio.	Lengalenga Manual Ficha de aplicação de conhecimentos	Compreensão; Empenho; Participação direta e indireta; Motivação Ficha

Processos de Operacionalização:

Audição da lengalenga sobre os dias da semana, pela professora;
Repetição da mesma pelo alunos, levando-os a memorizar os dias da semana, por ordem;
Distinção entre os dias de trabalho e o fim-de-semana;

Diálogo sobre atividades específicas, que cada um tem, em determinados dias da semana (catequese, natação, dança, teatro...);

Escrita, pela professora, dos dias da semana, no quadro;

Leitura dos mesmos, pelos alunos;

Questionário oral sobre os dias da semana, envolvendo as noções de: “Hoje é _____”, “Ontem foi _____”, “Amanhã será _____” “Depois de amanhã será _____”, “Entre _____ e _____, fica a _____”

Ficha de aplicação de conhecimentos, pág.(s) 28 e 29 do manual escolar

- Explicação da mesma, pela professora;

- Resolução individual, num determinado tempo;

- Correção coletiva.

Ficha de um crucigrama com o nome dos dias da semana.

-Correção coletiva.

Expressão e Educação Físico-Motora

Aquecimento;

Realização de dois jogos.

O primeiro jogo consiste em dividir a turma em três, e um elemento de cada grupo fica com o nome de cada dia da semana, um outro menino que está fora dos grupos vai transmitir ordens para os outros cumprirem como por exemplo o domingo bate palmas, todos os alunos que têm o nome de domingo batem palmas, os alunos que têm o nome de segunda- feira têm de se sentar...) desta forma estão com atenção articulando os movimentos com os conteúdos aprendidos a Estudo do Meio.

Memorização dos movimentos, pelos alunos;

Execução do segundo jogo-consiste na turma estar dividida em três grupos, um aluno fica a segurar no lenço e joga -se o jogo do lenço, mas em vez de chamar os números chama os dias da semana.

Relaxamento associado a exercícios de respiração e alongamentos.



Apêndice VIII
PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Professor orientador: Florbela Antunes		Professor cooperante: Virgínia Almeida		
Nível de Ensino: 1º ano		Local de estágio: Centro Escolar de Seia		
Data: 10 /12/2014		Tempo: 9h-12h30m das 14h-16h		
Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Português	<p>Dizer e contar em termos pessoais e criativos.</p> <p>Dizer pequenos poemas memorizados.</p> <p>Recriar pequenos textos em diferentes formas de expressão (verbal, musical, plástica, gestual e corporal).</p> <p>Desenvolver a consciência fonológica e operar com fonemas.</p> <p>Contar o número de sílabas numa palavra de 2, 3 ou 4 sílabas.</p> <p>Conhecer o alfabeto e os grafemas.</p> <p>Escrever as letras do alfabeto, nas formas minúscula e maiúscula, em resposta ao nome da letra ou ao segmento fónico que corresponde habitualmente à letra.</p>	<p>Leitura, memorização e entoação de um poema de Natal</p>	Poema de Natal/canção	<p>Participação direta e indireta;</p> <p>Compreensão;</p> <p>Empenho;</p> <p>Motivação</p>
Expressão e Educação Musical e Dramática	Desenvolver a memória auditiva	<p>Aprendizagem da canção alusiva ao natal</p> <p>Execução de uma coreografia</p>	Rádio	Ficha

<p>Expressão e Educação Plástica</p> <p>Matemática</p> <p>Números e Operações / Organização e Tratamento de Dados</p>	<p>Expressar através da voz e do corpo</p> <p>Saber adequar os materiais às técnicas utilizadas de forma criativa</p> <p>Desenvolver a motricidade fina, a concentração</p> <p>Descodificar o sistema de numeração decimal.</p> <p>Ler e representar qualquer número natural.</p> <p>Adicionar números naturais.</p> <p>Efetuar adições envolvendo números naturais até ... 8.</p> <p>Decompor um número natural até 20 em somas de dois ou mais números de um algarismo.</p> <p>Subtrair números naturais.</p> <p>Efetuar subtrações envolvendo números naturais até... 8 por manipulação de objetos ou recorrendo a desenhos e esquemas.</p>	<p>Dramatização da canção</p> <p>Realização de um pinheiro em 3D</p> <p>Resolução de uma ficha de consolidação de conhecimentos</p>	<p>CD de Natal</p> <p>Contorno de um pinheiro em cartolina verde</p> <p>Folhas de papel crepe em várias cores</p> <p>Cola</p> <p>Tesoura</p> <p>Quadro</p> <p>Ficha de consolidação de conhecimentos</p>	
---	--	---	--	--

Processos de Operacionalização:

Português

Apresentação de um poema.

Leitura do mesmo integralmente, pela professora.

Leitura pelos alunos de diferentes formas.

Leitura do poema por quadras e descoberta das rimas.

Análise do poema quanto à estrutura: definição de verso e de quadra.

Contagem do n.º de versos em cada quadra e do n.º de quadras do poema.

Análise de um verso quanto ao n.º de palavras, n.º de sílabas, n.º de grafemas.

Identificação dos grafemas.

Expressão e Educação Musical e Dramática

Entoação da canção pela professora

Entoação da mesma pela professora e pelos alunos

Adaptação de alguns gestos e de uma coreografia à canção.

Ensaio da mesma à volta do pinheiro.

Expressão e Educação Plástica

Apresentação de um pinheiro em 3D

Recorte das duas partes que constituem o pinheiro;

Recorte de papel crepe, em várias cores, em pequenos retângulos;

De seguida, o aluno amachuca o papel para fazer bolinhas;

Colagem de bolinhas de papel crepe nas diferentes partes do pinheiro;

Montagem da árvore.

Matemática

- Apresentação de uma ficha de consolidação de conhecimentos:

- Explicação da mesma, pela professora;
- Resolução individual num determinado tempo;
- Apoio personalizado aos alunos com dificuldades;

Correção individual.



Apêndice IX
PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Professor orientador: Florbela Antunes	Professor cooperante: Virgínia Almeida
Nível de Ensino: 1º ano	Local de estágio: Centro Escolar de Seia
Data: 14 /1/2015	Tempo: 9h-12h30m 14h-16h

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Português Oralidade Leitura e escrita	<p>Produzir um discurso oral com correção; Falar de forma audível; Articular corretamente palavras; Usar vocabulário adequado ao tema e à situação; Construir frases com graus de complexidade crescente. Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor; Responder adequadamente a perguntas.</p> <p>Dizer e contar em termos pessoais e criativos.</p> <p>Dizer pequenos poemas memorizados. Recriar pequenos textos em diferentes formas de expressão (verbal, musical, plástica, gestual e corporal). Desenvolver a consciência fonológica e operar com fonemas. Contar o número de sílabas numa palavra de 2, 3 ou 4 sílabas.</p>	<p>Compreensão Oral do texto Responde, de forma completa, a questões colocadas oralmente sobre o texto.</p> <p>Leitura, memorização e entoação de um poema do inverno</p>	<p>História “ O boneco de neve que queria ir à escola”</p> <p>Poema “ O inverno”</p>	<p>Compreensão; Empenho; Participação direta e indireta; Motivação Ficha</p>

<p>Estudo do Meio</p> <p>À Descoberta dos Materiais e Objetos</p> <p>Matemática</p> <p>Expressão e Educação Plástica</p>	<p>Conhecer o alfabeto e os grafemas. Escrever as letras do alfabeto, nas formas minúscula e maiúscula, em resposta ao nome da letra ou ao segmento fónico que corresponde habitualmente à letra.</p> <p>Realizar experiências com alguns materiais de uso corrente (sal). Verificar experimentalmente o efeito da água em diferentes materiais (tornar moldável).</p> <p>Descodificar o sistema de numeração decimal. Ler e representar qualquer número natural. Adicionar números naturais. Efetuar adições envolvendo números naturais até ... 9. Subtrair números naturais. Efetuar subtrações envolvendo números naturais até... 9 por manipulação de objetos ou recorrendo a desenhos e esquemas.</p> <p>Saber adequar os materiais às técnicas utilizadas de forma criativa. Desenvolver a motricidade fina, a concentração.</p>	<p>Verificação do efeito da água em certos materiais</p> <p>Resolução de uma ficha de consolidação de conhecimentos</p> <p>Realização de um boneco de neve</p>	<p>Sal fino Água morna Recipiente Adereços para enfeitar o boneco de neve</p> <p>Ficha</p> <p>Boneco de neve e acessórios desenhados em papel branco Lápis de cor Tesoura Cola Papel de cor</p>	
--	--	--	---	--

Processos de Operacionalização: Tema: O Inverno

Português

Leitura de um texto intitulado “O boneco de neve que queria ir à escola” em PowerPoint e a sua interpretação.

Apresentação de um poema sobre o tema.

Memorização do mesmo através da:

- sua recitação de diferentes maneiras (grupo, devagar, depressa, a rir, a chorar, em forma de jogral...);

- aplicação de gestos.

Análise do poema ao nível da estrutura e das rimas.

Resolução de uma ficha de consolidação da letra “n/N.

Correção individual.

Utilização do poema para retirar o nome de peças de vestuário de inverno.

Aplicação das peças de vestuário a um menino e a uma menina, realizado em cartolina plastificada.

Estudo do Meio

Experiência: Criação de neve artificial para moldar um boneco de neve.

Visualização dos ingredientes necessários à experiência: sal fino e água

Preparação da mesma com o envolvimento de todos os alunos.

Construção do boneco de neve.

Aplicação de acessórios: olhos, nariz, cachecol, chapéu (materiais recicláveis).

Matemática

Resolução de uma ficha de consolidação do n.º 9.

Correção individual

Resolução de problemas com leitura dos enunciados pela professora;

Resolução individual;

Partilha das estratégias de resolução, no quadro;

Apoio aos alunos com maiores dificuldades.

Expressão e Educação Plástica

Boneco de Neve Pintura dos acessórios para colocar no boneco de neve Recorte;

Colagem e montagem de um boneco de neve em papel colorido.



Apêndice X

PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Professor orientador: Florbela Antunes	Professor cooperante: Virgínia Almeida
Nível de Ensino: 1º ano	Local de estágio: Centro Escolar de Seia
Data: 7 /1/2015	Tempo: 9h-12h30m 14h-16h

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Português Oralidade Leitura e escrita	Produzir um discurso oral com correção; Falar de forma audível; Articular corretamente palavras; Usar vocabulário adequado ao tema e à situação; Construir frases com graus de complexidade crescente. Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor; Responder adequadamente a perguntas.	Compreensão Oral do texto Leitura de um pequeno texto pela professora. (2x) Responde, de forma completa, a questões colocadas oralmente sobre o texto. Compreensão escrita do texto Ilustra dois momentos do texto. Legenda as respetivas ilustrações com frases do texto. Leitura individual do texto. Responde individualmente a itens de completamento, resposta restrita, escolha múltipla e de decisão (V/F) sobre o texto.	Caderno diário Lápis de cor Lápis de grafite	Compreensão; Empenho; Participação direta e indireta; Motivação Ficha
Expressão e Educação Plástica	- Representar graficamente; - Incentivar a imaginação e a criatividade; Adicionar números naturais;	Desenhos temáticos (alusivo a duas frases do texto)	Caderno Lápis	

Matemática	<p>Resolver problemas de um passo envolvendo situações de juntar ou acrescentar; Subtrair números naturais; Resolver problemas de um passo envolvendo situações de retirar ou comparar ou completar.</p> <p>Valorizar a importância da família aumentando o espírito de interajuda; Educar o aluno para a partilha de sentimentos e respeito;</p>	<p>Adição /subtração</p> <p>Contagens progressivas e regressivas envolvendo números até 9. Contagens de 2 em 2 e 3 em 3 até nove.</p>	<p>Caderno diário</p> <p>Livro de Fichas autocorretivas</p>	
Estudo do Meio	<p>Estimular e desenvolver a expressividade e a dicção;</p> <p>Promover o desenvolvimento rítmico e auditivo;</p> <p>Mimar atitudes gestos e ações.</p>	<p>Interajuda entre os membros da família.</p> <p>Diálogo e partilha de experiências. Resolução das fichas do manual escolar.</p>	<p>Manual escolar</p>	
Expressão e Educação Musical e Dramática		<p>Ensaio da canção das “Janeiras”.</p>	<p>Computador</p>	

Processos de Operacionalização:

Leitura de um pequeno texto pela professora. (2x)

Resposta, de **forma completa**, a questões colocadas oralmente sobre o texto.

Onde se encontra a mata? Como se chama a vila? Quais são os animais que vivem na mata? Quem vive na vila? Como se chama? O que aconteceu à D. Violeta? Quem a levou ao médico? Como se chamava o, médico? O médico gostava de música. Que instrumentos tocava ele?

Ilustração de dois momentos do texto.

Legenda as respectivas ilustrações com frases do texto.

Leitura individual do texto.

Resposta individualmente a itens de completamento, resposta restrita, escolha múltipla e de decisão (V/F) sobre o texto.

Matemática

Contagens progressivas e regressivas envolvendo números até 9.

Contagens de 2 em 2 e 3 em 3 até nove.

Escrita dos números até nove por extenso.

Resolução da ficha 7 do livro “Fichas autocorretivas

Correção individual.

Resolução de problemas no caderno diário.

Estudo do Meio

Interaajuda entre os membros da família.

Diálogo e partilha de experiências.

Resolução das fichas do manual escolar.

Expressão e Educação Musical e Dramática

Ensaio da canção das “Janeiras”.



Apêndice XI
PLANO DE AULA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Professor orientador: Florbela Antunes	Professor cooperante: Virgínia Almeida
Nível de Ensino: 1º ano	Local de estágio: Centro Escolar de Seia
Data: 12/11/2014	Tempo: 9h-10h30m

Área/Tema	Objetivos	Conteúdos	Recursos	Avaliação
Português Leitura e Escrita	Desenvolver a consciência fonológica e operar com fonemas; Contar o número de sílabas numa palavra de 2, 3 ou 4 sílabas; Conhecer o alfabeto e os grafemas; Escrever as letras do alfabeto, nas formas minúscula e maiúscula, em resposta ao nome da letra ou ao segmento fónico que corresponde habitualmente à letra.	Audição de uma cantilena da letra “M” como motivação. Consolidação do fonema [m].	Quadro Tesoura Folha com imagens de palavras iniciadas por “M” Envelope	Compreensão; Empenho; Participação direta e indireta; Motivação
Matemática Organização e Tratamento de Dados	Recolher e representar conjuntos de dados Ler gráficos de pontos e pictogramas em que cada figura representa uma unidade. Recolher e registar dados utilizando gráficos de pontos e pictogramas em que cada figura representa uma unidade.	Construção de gráficos de pontos	Cartões, para desenhar Ficha de aplicação de conhecimentos Quadro	Compreensão; Empenho; Participação direta e indireta; Motivação Ficha

Processos de Operacionalização:

Segmentação silábica e identificação fonêmica

- Distribuição pelos alunos de uma folha com imagens/palavras com o fonema [m];
- Recorte das imagens/palavras;
- Escrita das palavras no quadro, individualmente;
- Oralmente, a criança nomeada, divide as palavras em sílabas;
- **Recorte dos cartões em sílabas;**
- Identificação da sílaba em que ouve o fonema [m];
- Sublinhar, em cada sílaba, o grafema identificado a vermelho e os restantes a verde.
- Entrega de um envelope para arquivo das peças recortadas;
- Colocação da letra “m” na parte da frente do envelope, de forma artística, e o nome completo na parte de trás.

Construção de gráficos

Atividade 1 – Animal preferido

- Diálogo sobre o animal preferido de cada aluno;
- Desenhar o seu animal preferido num cartão;
- Construção de um gráfico coletivo no quadro;
- Leitura do gráfico para resolução de um questionário oral (qual é o animal em maior quantidade? Qual o lugar que ocupam, se é o 1º, 2º ou 3º lugar.
- Preenchimento de um quadro relacionando a quantidade e o nome do animal.

Atividade 2 – Mês de Aniversário

- Entrega de uma imagem, rosto feminino/masculino, conforme o caso, para os alunos pintarem;
- Construção de um gráfico coletivo no quadro;
- Leitura do gráfico para resolução de um questionário oral (qual o mês que temos mais aniversariantes? Qual o mês que temos menos aniversariantes?)

Atividade 3

- Apresentação de uma ficha de aplicação de conhecimentos:
 - Explicação da mesma, pela professora;
 - Resolução individual num determinado tempo;

Correção coletiva.

